

Esportes



Superando estigmas
Medalha de prata da "Fadinha"
Rayssa Leal no skate entusiasma
jovens paraibanos e aquece
o mercado de acessórios para a
prática do esporte. **Páginas 21 e 22**

Foto: Marcos Russo

Foto: Wilton Júnior/Estadão Conteúdo



Ney 80 anos As conexões do cantor com a Paraíba não ficam restritas às músicas de Antônio Barros e Cereú: também há um vínculo audiovisual. Tavinho Teixeira conta essa história no dia do aniversário do artista. **Página 9**

Cultura

Prefeitas são mais eficientes contra covid, mostra pesquisa

Segundo levantamento feito pela USP, municípios comandados por mulheres tiveram menos mortes e internações. **Página 13**

Geral

Matérias da EPC vencem prêmio internacional de jornalismo

Três reportagens de A União e uma da Tabajara foram consagradas no Prêmio Semeiar 2020/2021. **Página 3**

Entrevista

Coronofobia

Psicólogo Rodrigo Tavares fala sobre o medo exagerado de contrair coronavírus. **Página 4**

Almanaque

A influência da segunda geração de italianos em João Pessoa

As diferenças entre os arquitetos que desembarcaram nos anos 1920 e os que chegaram em 1950. **Página 25**

Foto: Pexels

Paraíba



Efeito pandemia Estresse, isolamento e problemas financeiros destruíram muitos casamentos. **Página 6**



Foto: Roberto Guedes

Contratos com Jovem Aprendiz crescem 24% em seis meses

Legislação que ajuda jovens a obterem o primeiro emprego exige que o tempo de trabalho deve estar em harmonia com os estudos e traz benefícios tanto para empregado, quanto para empregador. **Páginas 17 e 18**

Economia

Foto: Divulgação



No ritmo do rio Descoberto na Baía do Rio Mamanguape, no trecho de Alagoa Grande, peixe recebe o nome de "Jackson do Pandeiro". **Página 20**

Arte ergue bandeiras

O engajamento político e social nas artes visuais da Paraíba é o tema da reportagem de capa do Correio das Artes de julho, que circula a partir deste domingo, com poesia, resenha de livro, entrevista exclusiva e muito mais.

Colunas

/// Questões político-ideológicas à parte, encenadas pelos cineastas Spike Lee e Oliver Stone, que precisam mesmo de holofotes para tanto, o que está em jogo mesmo é a magnitude, seriedade e zelo às tradições de festivais importantes como Cannes e Hollywood. **/// Página 11**

Alex Santos

/// Eu penso que escrevo por impulso histórico. Tenho vontade de guardar para a posteridade os fatos que vivenciei. Não sou nenhum historiador, apenas um sujeito nostálgico, preocupado com as novas gerações, nitidamente incapacitadas de refletir sobre seu passado. **/// Página 14**

Fábio Mozart

/// As notícias que li, em um portal e outro, não têm a beleza do relato que encontrei no El País Brasil sobre o livro de Marcela Dantés, mas o fato está aí – e certamente muitos outros – à espera de alguém que lhe dê vida em forma de literatura. **/// Página 26**

Angélica Lúcio



Editorial

Travessia

A Paraíba tem-se revelado um barco resistente e de rumo certo neste mar de intempéries em que se transformou o Brasil, com as tortuosas correntes político-econômicas sendo constantemente insufladas pela tempestade nova da pandemia de coronavírus. O Governo do Estado não descuidou um só instante do timão, e os efeitos desta crise multimodal foram atenuados, de maneira a causar o mínimo possível de transtornos à tripulação.

Os decretos baixados pelo governo estadual, no que diz respeito ao surto de covid-19, estão em sintonia com a realidade social, tendo como princípio fundamental a proteção da saúde das pessoas. As atividades que dão vida à sociedade foram suspensas ou restritas, para se adequarem aos protocolos elaborados a partir de estudos científicos. A mesma lógica continua sendo aplicada na flexibilização do dia a dia da comunidade.

Os investimentos da gestão pública estadual não sofreram desaceleração, e continuam atendendo às demandas essenciais da cidadania, a exemplo das solicitações aprovadas no Orçamento Democrático Estadual (ODE). As estatísticas relacionadas à geração de emprego e segurança pública são positivas, e mesmo nos momentos mais críticos da crise sanitária, em nível local, o colapso das redes hospitalares foi evitado.

A distribuição mais consistente de imunizantes e a queda no número de infecções e mortes por covid-19 criaram um horizonte de esperanças. Espera-se que, neste mês de agosto, a tendência de recuo nas contaminações e óbitos se mantenha, para que os grupos sociais e os setores econômicos mais prejudicados pela pandemia possam, finalmente, se relacionarem e produzirem de acordo com suas vontades e perspectivas.

A negligência, no entanto, pode trazer de volta ao céu as nuvens cinzas dos temporais. É preciso que o processo de flexibilização continue sendo demarcado pelas raias da sensatez. É bom não esquecer que a vacina não é 100% segura, e que pessoas imunizadas contraíram a doença. Se a maioria agir com consciência, em breve todos os portos estarão abertos às nações amigas, e o pesadelo sanitário ficará restrito às ilhas da memória.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Brincadeiras de criança

No nosso saudosismo, temos mania de dizer que no tempo em fomos crianças éramos mais felizes. Argumentamos que tínhamos mais liberdade e as brincadeiras eram mais apropriadas para a idade. Censuramos o fato de que a infância de hoje tem um tempo de duração mais curta, porque a adultização é um processo determinado pelo avanço da tecnologia.

Lá no sertão da Paraíba, onde vivi meus primeiros anos de vida, realmente tenho recordações de uma fase pueril, inocente. Podíamos brincar à vontade na rua, sem medo de assaltos ou outras formas de violência urbana, tão comuns nos dias atuais. Como não tinha ainda a televisão, as famílias se reuniam nas calçadas à espera do "Aracati", um vento que vinha do Ceará refrescar as noites sertanejas. Enquanto nossos pais conversavam, ficávamos usufruindo das brincadeiras da época: pega, esconde-esconde, amarelinha (lá se conhecia como academia), andar de velocípede (nem todo mundo podia ter um, era artigo de luxo), etc. Havia os brinquedos dos meninos e das meninas. A igualdade de gênero nesse aspecto ainda não era admitida. Para os meninos, os carrinhos, as bolas, as pipas, o pião, etc. Para as meninas: as bonecas, as casinhas, roupinhas, etc. Como não existiam muitos brinquedos, éramos obrigados a apelar para a criatividade.

A criança de hoje vive um mundo totalmente diferente do que vivemos

no passado. Ela está mais engajada na vida social. Seus conhecimentos e experiências são fortemente produzidos pela tecnologia e pela mídia. Compartilha com os adultos, informações, produtos culturais e situações sociais comuns. Não é mais vista como uma criatura ingênua, e sim como "mini adulto". A cultura do consumo expressada visivelmente através do ato de brincar que a mídia impõe, vivendo um mundo em que tudo é digitalizado e virtual. Na contemporaneidade, as crianças ficam horas à frente da televisão, do computador, ou manuseando aparelhos celulares ou jogos eletrônicos. A infância cada vez mais curta.

Meus netos não têm o mesmo tipo de diversão que nós tivemos. O medo de sair deixa as crianças enclausuradas em suas casas, entretidas com joguinhos nos celulares, videogames, televisão, e outros sofisticados equipamentos da modernidade. Brincar na rua, nem pensar. Podem não ter a liberdade que tivemos de se distraírem na rua, mas ganharam oportunidades de adquirir conhecimentos que a gente demorava um bom tempo para receber. A idade intelectual de nossos netos, crianças, equivale à idade mental da nossa pré-adolescência.

Em síntese, quero dizer que tudo tem o seu tempo. Cada um com suas vantagens e desvantagens. Eu, particularmente, relembro com alegria a simplicidade como vivi minha infância. Com certeza, meus netos dirão o mesmo daqui a cinquenta anos.

Como não tinha ainda a televisão, as famílias se reuniam nas calçadas à espera do "Aracati", um vento que vinha do Ceará refrescar as noites sertanejas

Crônica

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A cadeira milagrosa

Antigamente se viam mais daquelas cadeiras nas igrejas. Elas ficavam nas laterais das naves. Eram umas cadeiras basculantes, com o assento de palhinha quase sempre dobrável para cima. Bem-vindas pelas administrações dos templos, pois importavam lugares nas igrejas e capelas quase sempre lotadas pelo povo místico. No espaldar, cravavam-se as iniciais da proprietária, pois as cadeiras tinham piedosa dona. Assim: F.P.L. Isso quer dizer: Francisca Pereira Lima, a segunda mulher do meu avô materno. Ele se casou três vezes.

Quando enviuvou pela segunda vez, as irmãs da falecida vieram ter com ele. Logo, antes que o viúvo rico contratasse noivado. As irmãs eram sete, lideradas por Tia Maria Augusta, a Doninha, mais velha do grupo, futura sogra de Zepereira. Pois meu avô e coronel Marcolino se casou em segunda núpcias com Joana minha avó, irmã da falecida. A isso, no sertão antigo, chamava-se "sororato".

Minha Tia Doninha atalhou meu futuro avô. Escoltada pelas cinco irmãs sobreviventes, decretou: "João, você vai se casar com Porcina". Não havia saída para João Sitônio, pois a falecida deixou irmãs solteiras. No Semiárido antigo, um viúvo tinha obrigação moral de se casar com uma irmã da falecida, se esta deixasse irmã solteira.

Ora, Joaninha minha avó tinha só 12 (doze) anos. O grupo concordou, e João esperou três anos até que Joaninha se fizesse filho, para se casar. Tiveram 14 (catorze) filhos, até que Joaninha morreu em consequência do último parto.

Um parto gemelar. O médico se recusou a ir prestar assistência (foi depois de Trinta, e o doutor era do outro lado).

Minha avó Joaninha ocupou, então, o lugar da irmã Francisca, para que dissessem: "João foi bom pai, não deu madrasta à filha Mariinha". João ocupou, inclusive, a cadeira em que agora me assento para escrever estas mal traçadas. A misericórdia em que Tia Francisca fazia suas orações, e em que minha avó Joaninha rezava. Lá em nós, diz-se que genuflexório assim é poderoso, genuflexório de duas almas. Minha Tia orou, sua irmã minha avó rezou, o pedido das duas devotas é forte. A que se foi primeiro pede pela segunda.

O genuflexório deve ter mais de um século. Ora se tem; minha mãe é de nove, sua irmã é de mais. O genuflexório estava na igreja de Jericó, a cidade mais antiga do mundo, que tem por padroeira a Senhora Santana, prima da Mãe de Deus. Isto é, prima de Maria, mãe de

Jesus. Os orientais dão muito valor a parentesco. Pois, eu estava sem assunto para a crônica e pedi as duas irmãs que me dessem um tema. Eram elas, o tema. Estão aqui ao meu lado, cederam-me o lugar na sua cadeira de rezas. Almas não se cansam; deram o lugar ao neto e sobrinho que não sabe mais rezar.

P.S.: Eu estava sentado na cadeira das minhas avós e de repente me veio esta crônica, lá de Jericó, sertão de Pernambuco. Melhor não sei fazer. Você tem avô? Eu tenho três: as duas das quais já falei, e a terceira, minha avó Clotilde, mãe de meu pai, no Cemitério da Boa Sentença. Por enquanto, sem genuflexório.

No Semiárido antigo, um viúvo tinha obrigação moral de se casar com uma irmã da falecida, se esta deixasse irmã solteira

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

CORINTHIANS X FLAMENGO



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Rádio Tabajara e Jornal A União vencem concurso de jornalismo

Veículos da EPC ficaram com os primeiros lugares do Prêmio Semear 2020/2021 nas categorias rádio e im-

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

Com produções sobre a importância da agricultura familiar e o desenvolvimento rural, a Rádio Tabajara e o Jornal A União foram vencedores no Prêmio Semear Internacional de Jornalismo – edição 2020/2021. Na categoria rádio, a série “Flor de Mandacaru”, produzida pelo repórter Iago Sarinho, ficou com a primeira colocação. Já na categoria impresso, a segunda colocação ficou com Márcia Dementshuk, colaboradora do Jornal A União. Iago Sarinho também teve dois textos empatados na terceira colocação da categoria.

O prêmio faz parte do Programa Semear Internacional, do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. O concurso recebeu inscrições de todos os estados do Nordeste e das regiões Sudeste e Centro-Oeste. As produções foram divididas em quatro categorias: Impresso, internet, rádio e TV, com premiações de R\$ 12.500 para os primeiros colocados e R\$ 5 mil para os segundos lugares.

Na categoria Rádio, a série Flor de Mandacaru, de Iago Sarinho, fala sobre os recursos do Fida que chegam ao Semiárido paraibano empoderando mulheres. Material que também rendeu frutos para o Jornal A União com as premiadas matérias “Mulheres transformam o Semiárido” e “Investimento e conhecimento mudam vidas”, premiadas na terceira colocação. Para o jornalista, o trabalho que rendeu frutos foi possibilitado pela contribuição de toda a cadeia produtiva, desde o motorista até os personagens.

“Fico muito feliz em ter podido contar essas histórias de mudanças de vida através de recursos que chegam e são bem aplicados pelas pessoas e que,

de fato, vai mudando a vida de um conjunto de famílias de uma região. É um trabalho de várias mãos, de fato. Conte com a ajuda do nosso fotógrafo Evandro Pereira e do nosso piloto, Expedito da Silva Batista. Foi uma equipe muito curta. Fomos para o meio do Cariri paraibano, tivemos o apoio dos técnicos da Emater, então é um trabalho de muitas mãos. Agradeço também às famílias retratadas nas matérias que nos receberam no meio da pandemia”, ressaltou Iago Sarinho.

Além da série na primeira colocação, a categoria segue com os premiados: 2º lugar: Rádio Quiterianópolis (CE) – Mulheres, identidade e comunidades tradicionais; 2º lugar: Rádio TCM 95 FM Mossoró (RN) – Renascença – A arte de tecer o semiárido; 3º lugar: Rádio Antares AM (PI) – série especial com três reportagens; 4º lugar: Rádio Universidade (MA) – Projeto Dom Helder Câmara ajuda a transformar; 5º lugar: Rádio BandNews FM (MG) – A tradição das serepistas e o manejo sustentável.

Já na categoria impresso, a segunda colocação foi ocupada pela reportagem “Energia solar impulsiona cooperativas no Semiárido”, vencida por Márcia Dementshuk. A produção fala sobre opções sustentáveis para vencer o momento de crise energética, possibilitada por uma entrevista concedida por Claus Reiner, diretor do Fida no Brasil.

O prêmio faz parte do Programa Semear Internacional, do Fida em parceria com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura



Matérias voltadas para o Semiárido, assinadas pelos jornalistas Márcia Dementshuk e Iago Sarinho e veiculadas em A União, se destacaram no Prêmio



Energia de base renovável é solução no Semiárido

A matéria apresenta a geração descentralizada de energia de base renovável como solução para melhorar a condição de produtores rurais e cooperativas, no Semiárido paraibano. Na Paraíba, esses investimentos, que foram feitos por meio do Fida, em parceria com o Governo da Paraíba, por meio do Procace, proporcionaram, em última instância, segurança hídrica e alimentar.

“Minha maior alegria, nesse momento, é a oportunidade de poder retomar esse tema agora, com a sociedade, através desse prêmio. A atividade do jornalismo é fundamental para a construção de uma sociedade participativa, empreendedora e democrática, valores que o Prêmio Semear Internacional de Jornalismo enaltece”, avaliou a colaboradora de A União.

Também foram premiados na categoria impresso: 1º lugar: Jornal Correio (BA) – O sertão é feminino; 4º lugar: Jornal Correio (BA) – Pérola do sertão; 5º lugar: Jornal da Cidade (SE) – Identidade cultural e segurança alimentar caminham juntas.

As quatro colocações da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) no prêmio ressaltam o compromisso com o jornalismo sério e de qualidade que são desenvolvidos no Jornal A União e Rádio Tabajara, resalta Naná Garcez, presidente da EPC.

“Nossos profissionais sabem tratar bem os temas que são colocados e não se inibem em mostrar esse trabalho. Estamos com uma excelência de produção e servem de estímulo. Nesse momento difícil de fazer jornalismo,

todo apoio tem que ser dado para quem produz informação de qualidade e motiva outros colegas a participarem. É comum se dizer que A União é a escola do jornalismo paraibano e, de fato, muitas gerações de jornalistas paraibanos foram formados no jornal. Por isso, à medida que se renova, A União permanece e continua sendo um jornal estadual, estatal e público, com um jornalismo de qualidade, opinião de qualidade com espaço para artigos, crônicas, cultura, esporte, crítica social. E é isso que faz A União viva e que motiva a Rádio Tabajara, também”, falou Naná Garcez.

Outro paraibano vencedor foi o site Ideia Positiva, com matéria “No campo da pandemia”, na quarta colocação da categoria internet.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

O ‘DICIONÁRIO POLÍTICO’, ONDE SOMAR VEM ANTES DE DIVIDIR, É LIVRO DE CABECEIRA DO GRUPO GOVERNISTA

No dicionário tradicional, o termo ‘somar’ vem bem depois da palavra ‘dividir’, devido, obviamente, ao regimento de ordem alfabética ao qual essas obras estão atreladas. Essa disposição, porém, não dá distinção qualitativa a nenhum dos dois verbos. Frios e objetivos, para os dicionários, ninguém é melhor do que ninguém. Todos têm seu espaço reservado no seu registro ortográfico. E sempre cabe mais um: termos novos, forjados pelo uso contumaz de gerações, terminam por ser dicionarizados. No ‘dicionário político’, ao contrário, a hierarquia da palavra se impõe pelo valor agregador que ela representa. Portanto, ‘somar’, nele, sempre virá primeiro que ‘dividir’. A ordem estratégica, pois, transcende a ordem alfabética. No dicionário político, jamais ‘acordar’, ‘dialogar’, ‘construir’ vêm depois de ‘barrar’, ‘desfazer’, ‘atacar’, se a ação relacionada representada pelos três primeiros verbos são exequíveis. Essa ordem hierárquica só se desfaz quando o outro é, indubitavelmente, o adversário a ser batido. Adequando esses argumentos à política paraibana, não exatamente surpreende o desempenho do grupo governista, liderado pelo governador João Azevêdo (foto), no quesito ‘somar’, porque, desde o início, voluntariou-se à política de resultados e, por isso mesmo, adicionou elemento importante à sua trajetória: aprovação popular. Porém, impressiona o desempenho com que constrói pontes que, eventualmente, poderão ser um caminho coerente para suprir eventual defecção.

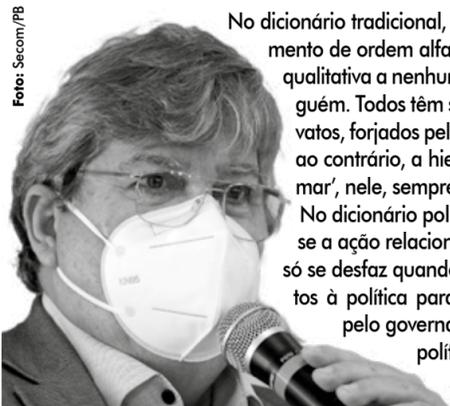


Foto: Secom/PB

“SEM IMPOSIÇÕES”

Pré-candidato a senador, Efraim Filho (DEM) voltou a dizer que o seu partido “tem histórico de lealdade” e, por isso, merece postular vaga na chapa majoritária. E disse, citando Aguinaldo Ribeiro (PP), que “quem quiser vir [para a base governista] é bem-vindo, mas sem fazer imposições”.

“EU ACEITO!”

Efraim Filho afirma que, uma vez existindo outro postulante à vaga de candidato a senador na chapa governista, ele aceitaria se submeter a critérios de escolha: “É pesquise? Eu aceito! É [saber da] afinidade com o grupo? Eu aceito. É sobre número de prefeitos [quem tem mais apoio]? Eu aceito”.

NEM LULA NEM BOLSONARO

“Se todo mundo pensar em ter candidatura própria, com atitude egoísta de fortalecer o partido, será o sonho de Lula e Bolsonaro. As candidaturas precisam se entender e ter um só nome”. Do deputado Pedro Cunha Lima, ao Estadão, defendendo uma candidatura de terceira via na disputa presidencial.

INTERFERÊNCIA EXTRATERRENA

Para o secretário de Tecnologia da Informação do TRE-PB, José Cassimiro, o gasto de R\$ 2 bilhões, valor estimado para implantar o voto impresso no país, é desperdício de recursos. “[Dinheiro] jogado no ralo”, disse numa emissora de TV, ressaltando que mesmo que o processo seja adotado, surgirão outras “teorias absurdas”, se diria até que “um ET trocou os votos”.

À ESPERA DA DECISÃO

Aqui e alhures, deputados federais e estaduais esperam o que irá acontecer no Congresso, no tocante às mudanças na regra eleitoral, para decidir se mudam ou não de legenda. Sendo adotado o distrito, por exemplo, em que são eleitos os mais votados, a preferência será por legendas de maior expressão. Se voltar as coligações, partidos menores não sobreviverão.

“QUEM QUISER EVITAR A POLARIZAÇÃO, SE CANDIDATE”

Nas redes sociais, o ex-presidente Lula diz não temer a possibilidade de uma candidatura de terceira via: “Quem quiser evitar polarização, se candidate. É simples. Eu lembro que em 89 entrei como azarão, disputando com 12 candidatos. E fui pro 2º turno. Cada partido que tiver incomodado, basta lançar candidato”.

Rodrigo Tavares de Melo,
Psicólogo

“Perda do controle emocional torna a situação mais preocupante”

Profissional da saúde explica que, para evitar a coronofobia, que é o medo exagerado de contrair a covid, é preciso escutar a ciência, as agências de saúde e as universidades, que fazem pesquisas sérias

Formado pela UFPB, o psicólogo clínico Rodrigo Tavares de Melo atende seus pacientes no Centro Médico Cabo Branco e também on-line, através de WhatsApp e Skype



Foto: Divulgação

José Alves
zavieira2@gmail.com

Há um ano e três meses causando dor, sofrimento e morte da humanidade, a pandemia provocada pelo novo coronavírus vem afetando psicologicamente as pessoas que passaram a conviver com o medo de con-

trair o vírus. Você, com certeza, conhece alguém que, ao menor sinal de um espirro ou tosse, pensa logo que foi contaminada pela covid-19. Entre os diversos efeitos psicológicos impulsionados pela doença na saúde mental da população, a coronofobia – doença ligada diretamente ao medo durante a pande-

mia - vem preocupando por levar jovens, adultos e idosos a consultórios psicológicos. O objetivo dos pacientes é encontrar uma forma de conviver nesse período de pandemia sem a necessidade de desenvolver a fobia da doença.

Formado na Universidade Federal da Paraíba, o psicólogo clínico, Rodrigo Ta-

vares de Melo, 38 anos, que atende seus pacientes no Centro Médico Cabo Branco e também on-line, nesse período de pandemia, através do WhatsApp e Skype, disse em entrevista ao **Jornal A União** que é normal se preocupar e ter medo de contrair o coronavírus. Porém, afirmou que quando perdemos

o controle emocional, a situação torna-se ainda mais preocupante. Torna-se um medo irracional, ocasionando problemas sérios à saúde das pessoas.

“O que a gente não pode é andar por aí achando que esse vírus é uma gripezinha. Para evitar a coronofobia, a gente deve sempre escutar a

ciência, as agências de saúde e as universidades que fazem pesquisas sérias com estudos comprovados e pensar positivo”, alertou Rodrigo Tavares, que tem especialidade em psicanálise, terapia comportamental e avaliação de transtorno de personalidade. Na entrevista a seguir, saiba como se livrar da coronofobia.

A entrevista

O que é a coronofobia?

Fobia é todo o medo que nós desenvolvemos quando ele sai do aspecto de controle. Ele se torna um medo incontrolável, quase que irracional, que leva a um desconforto psíquico, ocasionando crises de ansiedade e pânico. Devido a seu poder incapacitante, pode causar também uma depressão. Então a coronofobia é algo que surgiu muito recentemente com o coronavírus. Creio que no início da pandemia esse medo não existia, mas com o crescente isolamento social e com as pessoas sem poderem fazer as coisas que lhes faziam bem, esse isolamento levou muita gente à coronofobia, que é um medo exacerbado do coronavírus. Um medo que foge do padrão saudável. Existe o medo que nos protege e o medo que nos impede. A coronofobia é o medo irracional.

“O papel da família é sempre essencial. Eu saliento que dentro do processo terapêutico, o psicólogo é apenas um complemento”

A coronofobia pode ser considerada uma doença de transtorno?

Sim, a coronofobia é um transtorno. Quanto mais tempo ela fica leva aos aspectos de ansiedade e de-

pressão. Ela vai se tornando uma doença do aspecto mental, podendo ocasionar inclusive reações psicossomáticas no seu próprio corpo. Pode causar queda da imunidade, queda de cabelo, perda da libido, perda de apetite, taquicardia, sudorese e situações de mal-estar. Tudo isso são aspectos psicossomáticos que uma fobia é capaz de causar.

Quais as características dessa condição?

Toda fobia tem o grande medo, o medo irracional das coisas. Ela mexe com a nossa noção de imprevisibilidade, não só em relação ao comprometimento do vírus em cada pessoa atingida, mas também, no que diz respeito ao futuro da carreira da pessoa. São incertezas que elevam a proteção a transtornos psiquiátricos que geram um evento traumático numa dimensão nunca vista antes. Em 2020, uma revista de Medicina internacional analisou cerca de 500 casos de ansiedade e depressão, e verificou que 100% deles estavam ligados à covid-19.

Como perceber que a situação pode estar se encaminhando para uma situação de coronofobia, por exemplo?

O medo diante do vírus, de uma maneira que te proteja, é saudável e natural. A gente não pode andar por aí achando que esse vírus é uma gripezinha, uma coisa boba e esquecendo os padrões para se proteger.

Esse problema começa a caminhar para uma situação de fobia, quando esse medo nos torna impotentes. Incapazes. Nesse caso, mesmo querendo, a gente não consegue sair de casa. É um medo imenso de contrair essa infecção. Então, a gente vai ter vários sintomas, tanto de ordem física como psi-

“A coronofobia é o medo. A depressão por si só não é um medo. É um vazio. Ela já é um outro quadro”

cológica. Podemos perceber que a situação está crítica, quando a gente sai pra se encontrar com amigos, todos vacinados, e de repente fica com medo de contrair o vírus. Outra situação acontece quando você recebe uma encomenda e fica com medo de abrir. São eventos de muita ansiedade e de muita angústia mental.

Até que ponto a preocupação com a pandemia está dentro dos limites?

Eu acho que a gente deve sempre escutar a ciência, as agências de saúde e as universidades que fazem pesquisas sérias com estudos comprovados. Essas instituições sempre serão um grande norte. Afinal, o que elas querem é realmente orientar para o que há de científico, sem achismos. Então a preocupação com a

pandemia está dentro dos limites, tem total relação com você seguir as regras de proteção dos profissionais de saúde. Os que são qualificados e sérios que respeitam a ciência, que deixam de lado a política do achismo. Então, ao escutarmos os cientistas sérios, a gente deve sempre estar focado nesse padrão de comportamento. A preocupação está dentro dos limites, quando a gente sabe que ela está nos protegendo sem necessariamente nos impedir de viver uma vida saudável.

O senhor já atendeu pacientes com essas características?

Sim. Cada vez mais dentro da clínica tenho atendido pessoas que estão realmente sofrendo com essas questões. Sejam em maior e menor grau. A princípio, havia muito medo por parte dos mais jovens, não pelo medo de contrair a doença, mas sim o medo de que seus familiares contraíssem o vírus. No caso dos pacientes mais velhos, o medo de contrair também é grande, já que no início, a doença se caracterizou como uma doença mais letal para idosos. Nos últimos dois anos, o medo da doença foi o grande tema dentro do consultório clínico.

“Existe o medo que nos protege e o medo que nos impede. A coronofobia é o medo irracional.”

co. Não apenas o medo dela, mas as consequências no que diz respeito às sequelas que ela pode deixar, incluindo as questões de emprego e de relacionamento. Tudo isso relacionado à covid-19 continua muito presente.

Como funciona o tratamento dessa condição?

O tratamento, depende do nível em que a pessoa se encontra. É bom a gente conseguir identificar no início as características para que a pessoa não entre em um processo que o leve a um sofrimento maior. Porque quando a pessoa entra em um processo de pânico, a impressão que dá, é que nunca sairemos disso, mas com um tratamento adequado, consegue sair. Então, o tratamento dessa condição consiste em exercícios mentais, de terapia comportamental, de conscientização do processo que estamos vivendo, incluindo também o tratamento auxiliar com terapias complementares, com psiquiatras, educadores físicos ou terapeutas ocupacionais, que buscam condições de melhoria e qualidade de vida.

Qual seria a diferença de um quadro de coronofobia para o de depressão?

A coronofobia é o medo. A depressão por si só, não é um medo. É um vazio. Ela já é um outro quadro, mas não quer dizer que os dois estejam totalmente separados. Um pode trazer o outro. Principalmente a coronofobia, tendo em vista que é um quadro de incapacitação da pessoa, que deixa de fazer coisas que gostava, coisas que lhe faziam bem à mente e fica preocupada constantemente. A coronofobia pode levar a quadros depressivos. Principalmente se as pessoas já tiverem essa tendência.

“Toda fobia tem o grande medo, o medo irracional das coisas. Ela mexe com a nossa noção de imprevisibilidade, não só em relação ao comprometimento do vírus em cada pessoa atingida, mas também, no que diz respeito ao futuro da carreira da pessoa.”

Como a família pode ajudar um parente que esteja com essa condição?

O papel da família é sempre essencial. Eu saliento que dentro do processo terapêutico, o psicólogo é apenas um complemento. A família apresentar um acolhimento àqueles que estão sofrendo, apresentar uma compreensão, não minimizar os fatos, saber compreender, respeitar e ajudar a pessoa a buscar acompanhamento é essencial.



Aleitamento materno é um ato de amor que fortalece os filhos

Mães relatam os receios, desafios, benefícios e a felicidade em poder alimentar os filhos com o leite do próprio seio

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

“Amamentar, para mim, vai muito além. Meu peito acalma, tem o dom de fazer dormir, dar segurança e permite trocas de olhares únicas”, afirma Luciana Figueiredo, professora universitária de 38 anos, que é mãe de Ana Laura (2 anos e 4 meses) e Arthur (3 meses). O processo de aleitamento materno é tão importante que ganhou um dia para ser celebrado e incentivado. Hoje, dia 1º de agosto, é comemorado o Dia Mundial da Amamentação. A data foi instituída em 1992 pela Aliança Mundial de Ação Pró-Amamentação. Na Paraíba, a programação do “Agosto Dourado” este ano acontecerá de 2 a 31 de agosto, em todo o Estado, em formato on-line.

Luciana, atualmente, amamenta os dois filhos na chamada amamentação em tandem. O termo é usado para identificar o aleitamento de duas crianças com idades diferentes. Geralmente acontece quando a mãe engravida enquanto ainda amamenta e decide não fazer o desmame da criança mais velha. Para ela, a experiência tem sido boa, ainda que cansativa. “Sinto-me orgulhosa de amamentar meus filhos. Tinha muito medo de não conseguir amamentar, pois escutei muito que meu leite não era suficiente e que minha primeira filha chorava ou não dormia porque estava com fome. Hoje, encho a boca para dizer que amamento os dois”, disse ela.

Apesar do aleitamento contínuo por mais de dois anos, no começo houve certa dificuldade devido à falta de informação. “Não me preparei para a amamentação por achar que era algo natural. Sabia da importância de amamentar, mas não tinha procurado informação antes de ter filhos. Não sabia o que era apoiadura (popularmente conhecida como ‘descida do leite’) e como nosso corpo funcionava. Quando passei por esse momento, procurei ajuda de uma consultora

“A amamentação é a garantia de uma alimentação padrão-ouro, com o leite materno sendo o único alimento que fornece nutrientes e energia de alta qualidade em quantidades perfeitamente adequadas ao bebê.”

de amamentação e a partir daí, fui atrás de informação de qualidade”, explicou Luciana.

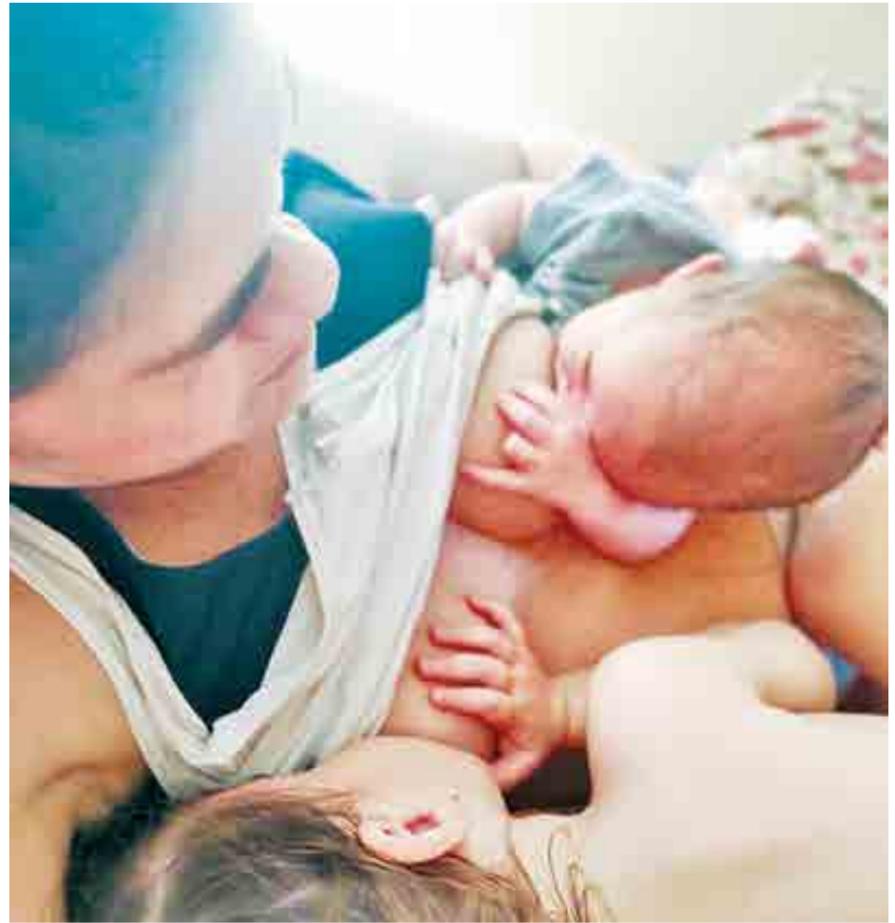
Ela acrescentou que “considero que minha experiência tem sido mais tranquila que a de muitas mães, pois não tive problemas com a pega correta e/ou com dor e ferimentos no seio, mas ainda assim, o começo da amamentação foi difícil. Quando Arthur nasceu, amamentar as duas crianças ao mesmo tempo também foi bas-

tante cansativo e desafiador. Chorei bastante e pensei em desistir. Mas foi apenas uma fase de adaptação, e com pouco tempo, conseguimos (eu e as crianças, com uma super participação do pai) ajustar nossas necessidades e possibilidades”.

Atuando como coordenadora de assistência e ações estratégicas de promoção da amamentação do Banco de Leite Anita Cabral, a nutricionista materno-infantil Laura Fernandes destaca a importância da amamentação. “A amamentação é a garantia de uma alimentação padrão-ouro, com o leite materno sendo o único alimento que fornece nutrientes e energia de alta qualidade em quantidades perfeitamente adequadas ao bebê, além dos fatores imunológicos, sendo o único alimento capaz de proteger a criança contra desnutrição, infecções, obesidade e doenças crônicas não-transmissíveis”, enfatizou.

Em relação ao aleitamento materno, não existe data-limite. Segundo Laura, o que há são apenas as recomendações oficiais dos principais órgãos de saúde: amamentação com duração mínima de dois anos, podendo continuar até quando for da vontade da mãe e do bebê; e que se tenha os primeiros seis meses de vida da criança de aleitamento exclusivo.

A chamada livre demanda é considerada uma regra de ouro em relação à amamentação. O termo indica que o bebê mama quando quiser e por quanto tempo ele quiser.



A professora Luciana Figueiredo superou os desafios e hoje afirma: “Sinto-me orgulhosa de amamentar meus filhos”

BAIXE NOSSO APLICATIVO



Siga, curta e compartilhe: [f](#) [t](#) [@](#) Rádio Tabajara
Escute em qualquer lugar: www.radiotabajara.pb.gov.br



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

+ Dificuldades na amamentação

Apesar de ser a melhor forma de alimentação para o bebê, existem muitas mães que não conseguem amamentar – por motivos diversos – e precisam buscar ajuda e outras formas de alimentar a criança. A nutricionista materno-infantil orienta que o primeiro passo é procurar, de fato, ajuda especializada para resolver os principais problemas ligados ao manejo da lactação que, segundo ela, geralmente são de fácil resolução.

“Existem serviços públicos, como o banco de leite humano, e também as consultorias particulares. No caso de impossibilidade real de amamentação (como HIV materna ou óbito materno), o pediatra ou um nutricionista infantil devem ser consultados para estabelecer a alimentação mais adequada”, completou Laura.

Niedya Araújo é uma das muitas mães que passam por dificuldades durante o processo da amamentação. “Eu já esperava passar por algumas dificuldades por causa de uma anomalia anatômica que eu tinha, pois o mamilo dos meus seios era invertido. Certa vez conversei com a médica que me acompanhava no pré-natal, ela avaliou e falou que não haveria problema, haja visto que a auréola do meu seio era pequena e isso facilitaria a amamentação. Outro ponto que dificultou ainda mais a amamentação foi a prematuridade que Ana Liz nasceu, minha bolsa rompeu quando eu estava com 36 semanas de gestação. Ao ser acompanhada por alguns profissionais, eles me fizeram enxergar que a

prematuridade foi o fator mais relevante para a falta de sucesso com a amamentação nos primeiros meses de vida de Ana Liz”, contou ela.

Estudante de fonoaudiologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Niedya tinha muitas expectativas com o momento de amamentar, porque sabia que essa era uma das áreas de atuação de sua profissão e tinha conhecimento de todos os benefícios nutritivos e também motores que a amamentação proporcionava. “Quando Ana Liz nasceu a amamentação para mim foi bem frustrante. Não conseguir amamentá-la diretamente no meu seio me causava sentimentos de impotência. Todas as vezes que aproximavam as horas da alimentação de Liz era algo que me desesperava bastante”, desabafou ela.

Para superar as dificuldades, Niedya buscou ajuda e orientação profissional. “Não ofertei a Ana Liz bicos artificiais, fazia a retirada do leite materno com uma bombinha elétrica e oferecia toda alimentação a ela em copo e depois em uma colher dosadora, fazendo complementação com fórmula. Orientada por uma professora do curso de Fonoaudiologia fui em busca de ajuda com profissionais da área, fiz uma consultoria e fui encaminhada ao Banco de Leite Anita Cabral, onde fui muito bem assistida”, ressaltou. Mesmo com todas as dificuldades, Niedya seguiu com o aleitamento materno que lhe era possível e mesmo quando não houve amamentação, de fato, ela não desistiu.



Separações

Pandemia da covid-19 trouxe estresse, isolamento social e problemas financeiros que destruíram milhares de casamentos

Carol Cassoli
Especial para A União

Estresse, isolamento social, problemas financeiros, falta de afinidade... Segundo a psicóloga Melissa Ellen de Vasconcelos, a soma destes fatores pode ser a grande responsável pela maioria dos divórcios registrados durante a pandemia. De acordo com o Colégio Notarial do Brasil (CNB), desde o início da pandemia, houve um aumento considerável no número de divórcios extrajudiciais em todo o país. De março do ano passado até junho deste ano, mais de 102 mil divórcios foram catalogados em todo o Brasil, 884 destes na Paraíba.

Segundo o CNB, no Brasil, o maior registro de divórcios por período aconteceu no segundo semestre do ano passado, quando foram contabilizados 43,8 mil processos. Em 2010, o número total de divórcios em um ano era equivalente a cerca de 46 mil registros. De lá para

cá, este número saltou 165%, atingindo 22 estados em todo o país.

Na Paraíba, este cenário foi refletido com timidez nos últimos anos, se revelando apenas com a pandemia. Em 2019, o número de divórcios extrajudiciais foi equivalente a 670 processos, enquanto em 2020, houve o registro de 721 divórcios e apenas no primeiro semestre deste ano foram verificadas mais de 300 separações extrajudiciais, conforme aponta a assessoria do CNB.

A empreendedora Ana Livia (que optou por não ser identificada) esteve por três anos em um relacionamento que poderia ser considerado perfeito por muitas pessoas. A jovem relata que, ao longo do tempo em que namorou seu ex-esposo, recebia presentes com frequência, era elogiada constantemente e seu companheiro sempre esteve muito atento a tudo.

De smartphones de última geração a joias de alto valor, Ana Lí-

via, aos poucos, se acostumou a ser meta entre as amigas. "Todo mundo queria ser como a gente. As pessoas ao meu redor reclamavam de seus namoros tendo como referência o meu. Nós éramos uma espécie de

“Nossa vida mudou de diversas formas desde o início da pandemia e não é difícil encontrar novas consequências ainda hoje. Mudou nossa rotina, a dinâmica da casa, dos filhos, da vida social, econômica, da saúde mental.”

meta a ser atingida”, relata.

Tudo mudou, no entanto, quando Ana Livia e seu namorado decidiram que era o momento de dar um passo adiante. Em janei-

ro do ano passado, se casaram em uma cerimônia para mais de cem convidados e, em seguida, começaram a enfrentar a rotina matrimonial: “Sei que passamos pouco tempo juntos antes da pandemia, mas a verdade é que o isolamento foi um divisor de águas. Conseguimos nos afastar mais morando dentro da mesma casa do que quando estávamos morando com nossos pais.”

Foi assim que, com a chegada da pandemia, repentinamente, Ana viu o sonho virar pesadelo. E, em outubro, após não receber apoio do esposo em um acidente familiar, a empreendedora começou a se incomodar com a distância criada entre os dois. “Ele nunca escondeu nada de mim e, de um dia para o outro, tinha trocado a senha do telefone e não gostava de responder coisas básicas, como se ia jantar em casa ou não”, exemplifica.

Observando o contexto em que a sociedade está envolta há mais de um ano, a psicóloga Melissa Ellen

afirma que a pandemia influencia consideravelmente o desfecho de grande parte dos relacionamentos que acabaram nos últimos dezesseis meses. “Nossa vida mudou de diversas formas desde o início da pandemia e não é difícil encontrar novas consequências ainda hoje. Mudou nossa rotina, a dinâmica da casa, dos filhos, da vida social, econômica, da saúde mental”, para a psicóloga, assim como a sociedade ainda está tentando se adaptar, seus relacionamentos também estão.

Além disso, Melissa destaca que a falta do contato com outras pessoas, o estresse e a ansiedade decorrentes da instabilidade gerada por este momento despertam diversos sentimentos na população, tais quais desânimo, impotência e angústia. “Muitas vezes, as formas que encontrávamos para dar vazão a esses sentimentos não estão sendo viáveis como antes, como encontrar amigos, fazer uma viagem, ou dar uma caminhada”, explica.

Efeito da pandemia somado à facilitação dos processos de divórcio

Segundo o Colégio Notarial do Brasil, entre março e dezembro de 2019, foram registrados 549 divórcios. No mesmo período de 2020 (quando foi registrado o início da pandemia no Brasil) este número subiu para 581.

A farmacêutica Tamires faz parte do grupo que, assim como Ana Livia, viu seu casamento acabar com a chegada da covid-19. “A gente vivia bem. Fomos noivos por nove anos e, nesse tempo, tivemos algumas crises, claro. Mas

nada nunca indicou que a gente ia acabar assim”, Tamires relata que, um dia, no meio da pandemia, seu ex-esposo anunciou que queria a separação, porque, dentre outros argumentos, já não tinha mais tempo para seus projetos pessoais.

Confusa com o comunicado inesperado, Tamires optou por aguardar que a situação se resolvesse sozinha. “Sinceramente, fiquei sem entender... Até agora não entendo. Chegamos num momento em que

tudo era um problema pra ele. A gente tem uma filha, uma história, cinco anos de casados e mais de dez juntos. Achava que a gente ia conseguir passar por isso, mas a verdade é que ele não quis tentar e nós não superamos essa fase”, lamenta.

O aumento na frequência de separações durante a pandemia é interpretado como um reflexo do período de isolamento aliado à facilitação dos processos de divórcio no Brasil (que desde 2007 per-

mite que as separações sejam firmadas em cartório). Neste contexto, Melissa observa que a comunicação pode ser a chave para evitar o fim de tantos relacionamentos.

“A comunicação é a principal via de acesso a qualquer problema que enfrentamos. Afinal, para buscar soluções, precisamos entender o que afeta o outro e a nós mesmos. É essencial entender as raízes daquele problema, que nem sempre é tão óbvio como parece”, afirma.

Melissa ainda destaca que para um questionamento, há diversas possibilidades de justificativas que nem sempre estão ligadas ao companheiro ou à família: “O uso excessivo de celular, por exemplo, pode significar a necessidade de se distrair do momento atual, dentre outros motivos. Todas as possibilidades apontam diferentes caminhos para compreender e lidar com a situação. E o diálogo permite que o casal possa trabalhar em direção à melhora da relação.”



Confinamento “rouba” a liberdade dos casais

Na casa de Ramon, a pandemia mostrou a face mais complexa de seu relacionamento. O engenheiro de produção não era formalmente casado com seu companheiro, mas também se separou nos últimos meses. “Sempre nos demos bem e sempre convivemos bem. Éramos grandes amigos e contávamos um com o outro para tudo. Até a pandemia chegar. Ai tudo virou de cabeça para baixo e nossa cumplicidade foi por água abaixo”, diz.

Ramon compara o fim do relacionamento à época em que decidiu dividir a vida com seu ex-esposo e lamenta ao constatar que ambos viraram estranhos sob um mesmo teto. “Nosso apartamento ficou pequeno para nós e nossos problemas”. De acordo com ele, cada dificuldade enfrentada pelo casal tomava proporções maiores. “A situação ficou insustentável e aí nós resolvemos nos separar.

Cada um ficou com seus problemas pessoais e, depois disso, a casa voltou a ser confortável. A casa voltou a ser lar”, relata.

Para a psicóloga Melissa Ellen, a eclosão dos problemas de Renan e seu companheiro se compara a uma panela de pressão sem o pino de vazão que, quando submetida a grandes pressões, explode: “Da mesma forma somos nós. Sem encontrar formas de dar vazão ao que sentimos, por vezes explodimos: seja com brigas, gritos, palavras dolorosas ou afastamento.” Ela reforça que, por este motivo, é fundamental compreender quais as necessidades que o convívio demanda. “É tão importante buscar entender o que precisamos naquele momento, buscar alternativas viáveis e reconhecer os problemas antes que eles cheguem a um ponto insuportável”, analisa.

De acordo com a psicóloga,

com o confinamento, é possível que os problemas pessoais de cada casal tenham aparecido quando nem mesmo os envolvidos imaginassem sua existência. Para Melissa, o confinamento rouba algo considerado essencial para as pessoas: a liberdade. Por isso, é necessário que os casais busquem momentos de qualidade e bem-estar juntos para reedificar seus relacionamentos.

“Vivendo num momento difícil como esse, é comum que o casal perceba que tem compartilhado apenas momentos difíceis: contas, preocupações, tarefas e responsabilidades, por exemplo”, relata. Melissa observa que, nestes casos, dois fatores são de extrema importância: o autoconhecimento e o diálogo. Ela destaca que, nas horas difíceis, contar com uma rede de apoio externa (familiar, fraternal ou profissional) também faz a diferença.



A estudante de Odontologia Amanda Cunha alerta para a importância da escovação bem feita; já o cirurgião-dentista Yuri Martins afirma que problemas comuns não tratados podem se agravar; Camila Spirlandeli diz que precisou usar aparelho ortodôntico e aprovou o resultado

Cuidar da saúde bucal é mais que garantir um sorriso perfeito

Falta de cuidado com a higiene da boca pode resultar tanto em problemas simples, como cáries e gengivites, quanto em infarto

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Assim como a saúde física do corpo é prioridade em preocupação por parte das pessoas e a saúde mental vem ganhando cada vez mais espaço de reconhecimento, a saúde bucal também não deve ser negligenciada. Os cuidados com a higiene dos dentes e da cavidade oral, em geral, são tão importantes quanto em relação ao restante do corpo. Doenças que se iniciam na boca podem causar problemas maiores no organismo e, em alguns casos, podem resultar em infartos, por exemplo.

O coordenador do curso de Odontologia da Faculdade Nova Esperança (Facene), Yuri Martins, de 33 anos, explica a importância de manter a saúde bucal em dia. "Parece meio clichê dizer que a boca é a porta de entrada no organismo, mas é exatamente assim que funciona. Um problema de saúde bucal pode refletir em um problema maior de saúde geral e, conseqüentemente, a

manutenção da saúde bucal reflete também num bom estado de saúde geral", destacou o cirurgião-dentista.

Os descuidos com a higiene bucal, principalmente através da escovação dental, podem ocasionar diversos problemas na saúde da cavidade oral. Os problemas mais conhecidos e mais corriqueiros são: cárie e gengivite. Entretanto, a falta de atenção à saúde bucal pode resultar também em doenças como câncer de boca e outras manifestações de doenças sistêmicas.

No caso da cárie, popularmente conhecida como o surgimento de cavidades nos dentes, o cirurgião-dentista conta que se trata da desmineralização da superfície dentária. A principal forma de evitar esse tipo de problema nos dentes é através da escovação feita de maneira correta, a manutenção de visitas regulares ao profissional dentista e também é importante que o indivíduo mantenha uma dieta balanceada que não seja rica em açúcares, de forma geral.

Outro problema comum é a gengivite, que se trata de uma in-

flamação na região dos tecidos que circundam o dente. "É uma resposta inflamatória do organismo que se combate com higienização diária e visita regular ao dentista. Alguns pacientes têm propensão a desenvolver cálculo (tártaro) dental, por exemplo, que pode estar associado à gengivite e esses só são removidos profissionalmente com o dentista. Então, a melhor forma de evitá-las é mantendo essa higienização e saúde bucal", argumentou Yuri.

Leonardo Pereira, de 26 anos, sempre manteve o cuidado com a higienização, mas depois de passar por alguns problemas, percebeu que fazia a escovação de forma incorreta. "Eu usava uma escova de dente muito dura e escovava do jeito errado, isso causou retração gengival em alguns dentes. Aí, na primeira vez, a dentista fez um tratamento com resina e passou onde estava exposta a dentina, porém não adiantou muito. Voltei e ela fez umas sessões de laserterapia, passou mais resina e aí recomendou eu usar um creme dental específico para a sensibili-

dade", explicou Leonardo. "O procedimento em si foi extremamente tranquilo, mas no meu psicológico foi terrível, porque tenho um pouco de receio de ir ao dentista - na verdade morro de medo mesmo", completou ele, com graça.

Problemas com a mastigação ou a alimentação e mau hálito também são problemas que surgem com a má higienização bucal. No entanto, existem conseqüências ainda mais graves. Conforme pontuou o cirurgião-dentista, Yuri Martins, algumas infecções e problemas bucais podem causar problemas cardíacos. "Existe uma doença chamada endocardite bacteriana, que é uma doença que ataca o coração e pode ter conseqüências como infarto, por exemplo. Ela pode ser desencadeada por uma infecção bucal", comentou ele.

Outra necessidade comum relacionada à saúde bucal é o uso do aparelho ortodôntico. Camila Spirlandeli, de 24 anos, usou o fixo por três anos e, segundo ela, foram três anos de ansiedade pensando na

retirada. "Apesar da ansiedade, eu ficava feliz mês após mês por conseguir ver uma melhora nos meus dentes. Depois de um tempo, confesso que já não aguentava mais porque a ansiedade de me ver sem o aparelho era imensa. Ver a transformação hoje e lembrar de como eram os meus dentes antes do tratamento com o aparelho só me faz pensar 'uau'. Foi 'demorado', mas valeu a pena", disse a jovem.

Para Camila, a saúde bucal sempre foi uma preocupação e as idas ao dentista não eram um problema. "Eu sempre fiz tratamento com o mesmo dentista e nunca tive do que reclamar, ele sempre foi um dentista muito recomendado e desde o início gostei do atendimento e do trabalho dele. Sempre me preocupei com a minha saúde bucal, mas assumo que demorei muito tempo até colocar o aparelho simplesmente porque achei que não combinaria comigo. Mantenho todos os cuidados possíveis (com a saúde bucal), porque simplesmente amo cuidar dos meus dentes", contou ela.

+ Escova nova a cada três meses e visita ao dentista duas vezes por ano

Amanda Cunha é estudante de Odontologia e reforça que o cuidado com a saúde bucal se reflete em manter o organismo em equilíbrio. "É muito importante manter bons hábitos alimentares, uma higiene adequada e visitar periodicamente o seu dentista para a prevenção de doenças e manter os cuidados com a sua saúde bucal", disse ela.

Os cuidados com a higiene bucal começam na escovação feita de maneira correta, ao menos após cada uma das refeições e o uso de fio dental. "Para que a escovação seja efetiva é importante escolher uma escova que tenha uma cabeça pequena, com um maior número de cerdas e que sejam todas do mesmo nível para que a escovação seja realizada de forma homogênea. Com relação ao creme dental, é imprescindível que contenha flúor e que a quantidade utilizada seja relativa a um grão de ervilha. Isso porque, muitas vezes, os pacientes utilizam uma quantidade maior de pasta de dente, o que gera uma maior quantidade de espuma e que pode dar uma falsa sensação de limpeza, levando o paciente a finalizar depressa a escovação", explicou a estudante.

Uma boa escovação deve ser feita com

movimentos suaves ou médios de varredura e de "vai-e-vem" em todas as superfícies dos dentes, tanto na parte que morde (frente e trás), como também nas laterais. Já em relação ao uso do fio dental, deve ser de forma suave e com movimentos deslizantes entre um dente e outro. É importante lembrar de fazer a troca das escovas dentais a cada três meses para evitar problemas relacionados ao acúmulo de bactérias.

Outra parte importante dos cuidados bucais envolve a visita regular ao profissional responsável pela saúde da cavidade oral: o dentista (cirurgião-dentista). Essa visita deve acontecer cerca de duas vezes ao ano ou sempre que for necessário, caso haja algum problema, incômodo etc. Porém, o que fazer quando ainda existem muitas pessoas que possuem medo de ir ao dentista? Para o cirurgião-dentista, Yuri Martins, esse medo é uma coisa quase cultural dentro da sociedade, mas isso pode ser desmistificado junto ao profissional.

"Tenha uma conversa, um primeiro contato com um cirurgião-dentista, e ele vai mostrar o que faz, como faz... Outra maneira de desmistificar isso também é levar a educação e saúde bucal para a

população em geral, um trabalho que precisa ser feito pelos consultórios, pelas faculdades, pelos profissionais, para que o maior número de pessoas recebam as informações corretas sobre o tratamento odontológico", argumentou ele.

Amanda complementa que o medo cultural de ir ao dentista pode ter influência dos métodos usados anteriormente pelos profissionais. "Durante muito tempo a odontologia se direcionou por métodos mais curativos, se baseando em procedimentos mais invasivos que, na grande maioria das vezes, era uma experiência bastante traumática e dolorosa para o paciente", comenta ela.

Com o avanço das pesquisas e o amadurecimento dos profissionais e da profissão, a estudante de Odontologia enfatiza o que mudou. "Hoje, a odontologia possui base preventiva do ponto de vista da saúde bucal em si, mas que também contempla a importância de ouvir o paciente, as suas queixas e todas as suas expectativas, estreitando a relação entre profissional-paciente, fazendo-o se sentir confortável durante a consulta e tornando a relação mais humanizada e de confiança", concluiu Amanda.

Os termos odontológicos mais comuns

■ CÁRIE:

Desmineralização da superfície do dente (formação de cavidades)

■ GENGIVITE:

Inflamação nos tecidos que circundam os dentes. Limpeza ou profilaxia: a remoção profissional do biofilme (é como se fosse uma escovação profissional)

■ BIOFILME:

O acúmulo de restos de alimentos e bactérias que estão presentes em nossa boca

■ TRATAMENTO DE CANAL:

Quando há uma infecção no canal radicular do dente (parte com nervos, fibras e vasos sanguíneos), é necessário fazer a remoção dessa infecção e o espaço é preenchido com um material compatível biologicamente

■ OBTURAÇÃO:

Remoção da cárie de forma mecânica e restauração com um material compatível, na maioria dos casos é usado resina.



Fotos: Divulgação



Município de Aguiar, localizado no Sertão paraibano, possui cerca de seis mil habitantes e foi emancipado politicamente em 1961

Aguiar: tradição e tecnologia reunidas em um mesmo lugar

Município foi escolhido para abrigar o Radiotelescópio Bingo; lugar também promove várias atividades turísticas e culturais

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br

Localizado no Sertão da Paraíba, na Região Metropolitana do Vale do Piancó, o município de Aguiar, foi a cidade no país que apresentou melhor condição geográfica de silêncio e baixa interferência de sinais, para a instalação do primeiro Bingo - Radiotelescópio do Brasil - uma pesquisa desenvolvida pela Universidade de São Paulo (USP) em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O radiotelescópio impulsionará o desenvolvimento da cidade, pois esse projeto visa explorar o universo a partir do céu brasileiro. A previsão de conclusão da construção é 2022.

A proposta é estudar a energia escura e também o fenômeno das rajadas rápidas de rádio, ainda pouco conhecido. O local onde o Radiotelescópio Bingo está sendo instalado é um sítio na serra, pois tem poucas interferências de antena.

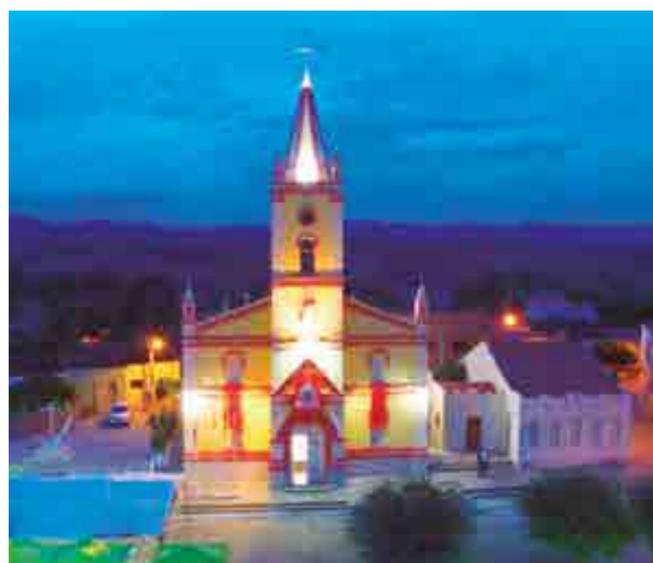
A secretária de Cultura, Esporte e Turismo de Aguiar, Cícera Maia Dantas, informa que a população do município está otimista com o projeto, pois trará visibilidade ao município. "O IFPB, campus João Pessoa, irá inaugurar um polo do curso técnico em Guia de Turismo com 25 vagas inicialmente. Esse projeto alavancará o desenvolvimento da cidade, pois receberá grandes investimentos", declarou.

No setor da economia predomina a agricultura familiar e indústria. O comércio é de pequeno e médio porte com supermercados, bodegas, lojas de roupas, lanchonetes. Com exceção da agricultura, a renda maior é o funcionalismo público.

"A maioria dos cidadãos são funcionários municipais e estaduais no setor da educação e saúde. Há também uma pequena fábrica de embalagem de plástico que está gerando emprego para aproximadamente 20 famílias", disse.



Radiotelescópio Bingo, que tem previsão de entrar em operação no próximo ano, está sendo construído em Aguiar, município paraibano que possui tradição de realizar festejos religiosos



População, localização e calendário de atividades

O município de Aguiar possui uma área de 344 km² e está localizado a 420 km de João Pessoa. A população do município de Aguiar é de aproximadamente seis mil habitantes, segundo o IBGE. A vegetação predominante é a caatinga, com árvores baixas e arbustos com folhas com tamanho pequeno. A fauna e a flora são bem diversificadas, com um clima semiárido.

O município encontra-se ao norte de São José de Lagoa Tapada e Nazarezinho; a oeste de Carrapateira; a oeste de São José de Piranhas; a sudoeste de Serra Grande, ao

Sul de Itaporanga e Igaracy; a sudeste de Piancó e ao leste de Coremas.

Na saúde, o município possui um hospital estadual de atendimento médio porte com internações, médicos especialistas 24 horas. A cidade tem duas Unidades Básicas de Saúde, uma na zona urbana e outra rural, com atendimento de médicos especialistas, tratamentos odontológicos, pré-natal e microcirurgia.

Eventos culturais

O padroeiro da cidade é São Sebastião, cujo dia é comemorado em 20 de ja-

neiro. Além da programação religiosa, acontece a realização de quermesses e shows culturais.

Em junho, a Prefeitura de Aguiar realiza apoio financeiro às escolas municipais que realizam seus projetos folclóricos. "As escolas apresentam quadrilhas em praça pública, fazem o desfile da Rainha do Milho e no último dia para encerrar o projeto com uma bandinha de forró", explicou Cícera Dantas, secretária de Cultura,

Festejos

Mas há dez anos, o maior evento junino do município

acontece na terceira semana de julho, o João Pedro - a junção de São João com São Pedro. "Como os municípios vizinhos mais desenvolvidos faziam as festas de São João e São Pedro, o público de Aguiar acabava sendo fraco. Então, decidimos migrar as festas para o mês de julho, atraindo maior público e turistas para o município. Na primeira semana de julho, o município de Pedra Branca também realiza o João Pedro", complementou Cícera.

Em dezembro acontece a semana cultural, encerrando com a festa de emancipação política de Aguiar, atraindo

multidões. Muitos cidadãos aguiarenses que moram em outras cidades e vão passar o Natal e Ano Novo no local.

A decoração natalina passou a ser atração turística, pois pessoas das cidades vizinhas vieram fazer seus registros fotográficos.

Turismo

O turismo é pouco explorado no município de Aguiar, mas há cachoeiras e trilhas ecológicas bastante atrativas. A expectativa é que o Radiotelescópio desenvolva o município nesse sentido, pois atrairá pesquisadores nacionais e internacionais.

Contradições sobre a origem no nome do município

O município de Aguiar surgiu em meados do século XVIII. Não há uma versão única quanto à sua origem, mas moradores afirmam que o nome Aguiar se originou de uma tribo indígena que usava a margem de um rio que passava pela cidade e diziam: "Seguiremos pelo rio a nos guiar", daí a denominação.

Porém, há também registros que o português Francisco Dutra e sua família che-

garam às terras aguiarenses, fugidos da invasão holandesa a Capitania de Pernambuco. A família de origem portuguesa começou a desenvolver o povoado, que passou a se chamar Fazenda de São Francisco de Aguiar, posteriormente Vila São Francisco do Aguiar e, somente em 1938 passou a ser chamada Aguiar.

O povoado foi vítima de algumas epidemias, uma delas foi a varíola. As pes-

soas que eram acometidas dessa doença se recolhiam no mato, e uma morador ficava encarregada de levar alimentos e remédios. Em decorrência das mortes foi construído um cemitério no Sítio Lagamar, mas por volta de 1880, o povoado foi vítima de uma epidemia de cólera, matando parte da população do Sítio São Francisco do Aguiar.

O alferes Joaquim Rufino, genro de Francisco Dutra,

fez uma promessa a São Sebastião que se a doença não contaminasse sua família e o resto da população, construiria uma igreja em sua homenagem. Ele cumpriu sua promessa, tanto é que a Igreja Matriz é a de São Sebastião.

Com o desenvolvimento do povoado em 1900, os seus moradores organizaram feiras livres, tendo grande influência na região. O município teve sua primeira usina a vapor para desca-

ramento de algodão instalada pelo tenente Irineu Lacerda e em 1929 chegou à cidade o primeiro automóvel, um Ford-29.

Em 22 de dezembro de 1961, o distrito de Aguiar é desmembrado do município de Piancó, elevando a localidade à categoria de município independente. A primeira eleição sediada da cidade ocorreu em 1963, elegendo o prefeito Aristides Alves de Sousa.



Além da famosa música feita por Antonio Barros e Cecéu, 'Homem com H' é o título da cinebiografia do cantor que será produzida em breve

Ney Matogrosso: 80 anos de um homem com H

Artista que atravessou a ditadura militar dando voz à liberdade e à transgressão possui laços afetivos e profissionais definitivos com a Paraíba

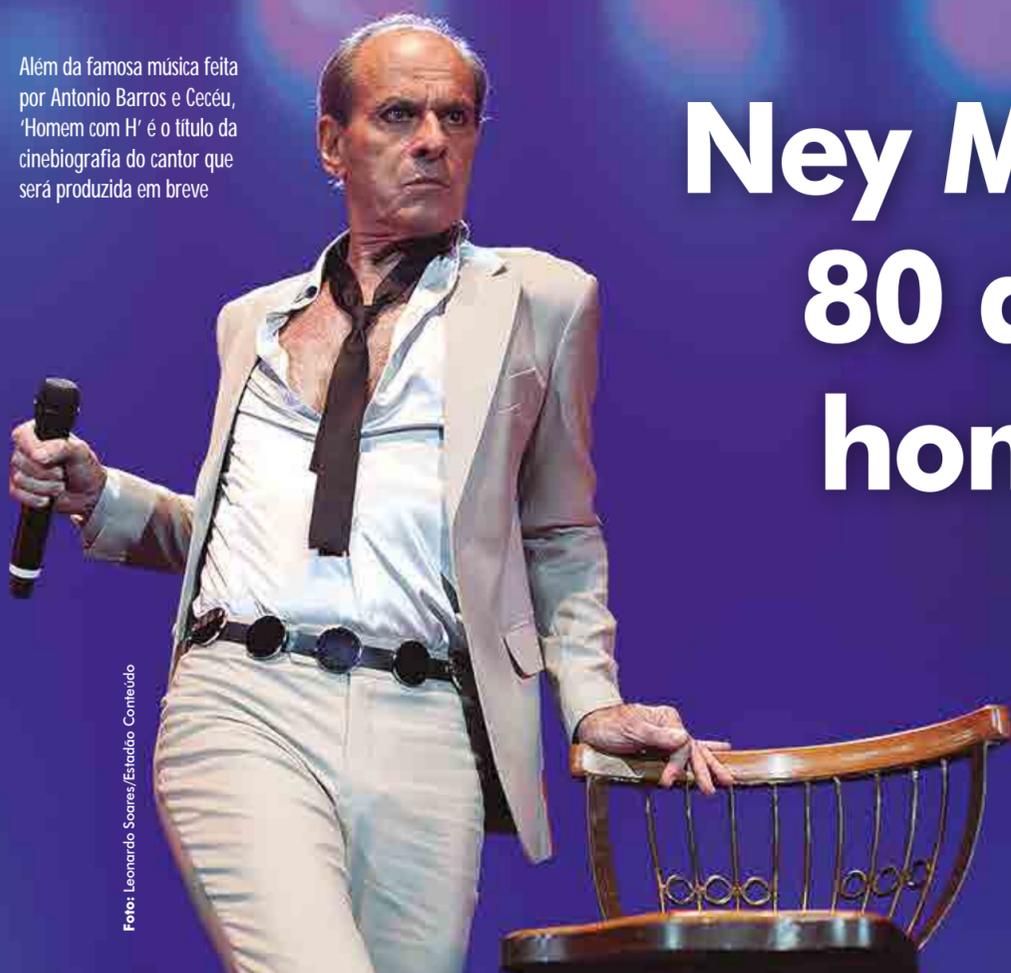


Foto: Leonardo Soares/Estadão Conteúdo

Foto: Kenji Honda/Estadão Conteúdo

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A voz andrógina que nos primeiros tons não deixa dúvidas: estamos ouvindo Ney Matogrosso, que hoje completa 80 anos de vida. O cantor chega a essa idade com um legado de quem quebrou paradigmas e colocou a subversão e o posicionamento libertário em todas as suas formas de expressão. Se sua voz não permite distinguir claramente se ouvimos um homem ou uma mulher, seu corpo esguio, descoberto e quase sempre caracterizado não revela muito além de uma vitalidade animal. "Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher", como canta ele em 'Mal Necessário', é a natureza do artista que precisou inventar seu lugar no mundo.

Ney Matogrosso possui laços afetivos e profissionais definitivos com a Paraíba. Saiu daqui, pelas mãos de Antonio Barros e Cecéu, a composição de uma de suas mais icônicas interpretações: 'Homem com H'. É aqui também onde mora um de seus grandes amigos, o cineasta paraibano Tavinho Teixeira, com quem ele já trabalhou como ator no filme *Sol Alegria* (2018). "Ney é daqueles artistas que não têm idade. É difícil imaginar ele fazendo 80 anos, mas, ao mesmo tempo, nos dá a esperança de que a gente possa um dia estar com 80 como ele", conta Tavinho, que conheceu Ney através da cantora Renata Arruda, em meados da década de 1990, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. "Ficamos logo amigos, enamorados, eu diria", revela.

Tavinho fala de Ney com muita facilidade, sem economizar nas palavras para demonstrar o tamanho do impacto que um artista como ele causa na vida de toda uma nação. "Ney cantou a liberdade e a transgressão desde sempre. O primeiro performer gay pop-star da América do Sul, em tempos de uma ditadura absoluta. A música de Ney Matogrosso é um rompante sobre todas as coisas, costumes e nossos aprisionamentos, principalmente na década de 1970", contextualiza o ator e diretor. "Para mim, como artista, ele é um foco de desejo, de alegria em ser artista. Ele é absolutamente criador em tudo que ele faz", diz ele sobre o amigo famoso pelas canções 'Sangue Latino', 'Fala', 'Balada



Em setembro de 1973: Ney prepara a famosa maquiagem antes do show dos Secos & Molhados, no Teatro Itália (SP)

do Louco', e a musicalização de 'Rosa de Hiroshima', poema de Vinícius de Moraes.

Sobre o caráter subversivo, Tavinho aponta que Ney é um expoente que muito realiza por uma mudança de costumes. "Ney Matogrosso é uma primavera perene, embora ele tenha todas as estações dentro dele", poetisa o cineasta.

Mesmo antes de imaginar que teria a aproximação que possui hoje, Tavinho Teixeira se lembra do impacto que os discos de Secos & Molhados e do Hair causaram em sua vida. "Eram os discos que davam vontade de dançar, como se a dança fosse um campo de batalha. O Ney faz isso através do corpo dele, das escolhas dele. Ele cria um campo de batalha que consolidou e abriu os espaços para a sexualidade", descreve o paraibano.

'Homem com H'

Outro elo forte de Ney Matogrosso com a Paraíba é a dupla cuja obra foi reconhecida recentemente como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado. O mais recente reencontro entre Ney e Antonio Barros e Cecéu se deu no turnê do show *Bloco na Rua*, no Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa, em agosto de 2019. O momento se deu nos bastidores e recolocou frente a frente os compositores da canção 'Homem com H' com o seu intérprete definitivo, responsável por transformar a canção em um ícone da música popular brasileira.

Feita especialmente para o então líder da banda Secos & Molhados, foram longos os ca-

minhos percorridos para que a realização desse "casamento" desse certo. "Quando a música foi feita, o Antonio disse assim: 'Nossa, que lindo seria esse cara com essa performance toda, cantando a música 'Homem com H'', recorda Cecéu, depois de 40 anos do lançamento da interpretação de Ney Matogrosso. "Realmente foi um desejo. Eu creio que essa música foi feita no plano espiritual e já estava pronta para ele", complementa.

Quando a música estava pronta, na época do sucesso que Secos & Molhados estava fazendo por todo o país, Cecéu conta que eles decidiram ir para São Paulo para mostrar a canção criada para ser interpretada por Ney Matogrosso. Existe até hoje a versão de que o cantor teria resistido à ideia de gravar a música, o que é negado por Cecéu: "Não é que ele resistiu a gravar. Ele falou que nunca havia gravado aquele estilo de música, pois se tratava de um xote", esclarece.

Inicialmente sem acesso ao artista sul-mato-grossense, a dupla paraibana levou 'Homem com H' para o empresário Rosvaldo Cury, um dos donos da gravadora Copacabana e que possuía em seu elenco artistas consagrados da música brasileira, como Ângela Maria, Maysa e Moacyr Franco. Cury decide, então, formar uma banda seguindo o mesmo estilo desenvolvido por Secos & Molhados para gravar a música. O grupo foi chamado de Hydra e chegou a gravar uma versão para a composição dos paraibanos, em 1974. A ideia, porém, foi descartada, pois se

temia algum tipo de retaliação da gravadora Continental, da qual a banda de Ney Matogrosso era contratada.

A música ficou guardada por oito anos, período que foi gravada por Os 3 do Nordeste, mas sem grande destaque, em uma época em que 'É proibido cochilar' fazia enorme sucesso. 'Homem com H' foi lembrada depois pelo produtor musical Marco Mazzola, na época responsável por trabalhar no álbum da carreira solo de Ney Matogrosso, em 1981. Tendo trabalhado com Chico Buarque, Milton Nascimento, Gal Costa, Caetano Veloso e Elba Ramalho, Mazzola teria dito para Ney: "Você quer um sucesso? A tua música é essa", mostrando a composição de Antonio Barros e Cecéu.

Neste momento, quem se encontrava no estúdio era o cantor Gonzaguinha, que teria feito coro incentivando para que Ney gravasse a canção, uma vez que ninguém mais poderia dar o caráter dúbio e irreverente para aquele xote. Oito anos depois, 'Homem com H' chegava ao seu sonhado intérprete. "Não é uma música que foi feita em laboratório: ela foi feita com carinho para um grande intérprete, para um artista completo como ele", finaliza Cecéu.

Inclusive, 'Homem com H' vai servir de batismo de uma cinebiografia do cantor, divulgada nesta semana: a produção terá direção de Esmir Filho (de *Boca a Boca*) e abordará desde a infância até a maturidade, com o próprio Ney Matogrosso envolvido nas decisões criativas do filme.

+ Pesquisa de cinco anos resulta em biografia

Resultado de cinco anos de pesquisa e quase 200 entrevistas, a história de uma das mais relevantes personalidades artísticas do Brasil de nosso tempo é descortinada em *Ney Matogrosso - A Biografia* (Cia. das Letras, 512 páginas, R\$ 89,90). Um dos jornalistas e críticos de música mais importantes do país, o autor Julio Maria visitou a casa em que o cantor nasceu, em Bela Vista (MS), a vila militar em que viveu a conturbada adolescência com o pai, em Campo Grande, e o quartel da Aeronáutica que o abrigou como soldado, no Rio de Janeiro.

Em uma das revelações na obra, Maria encontrou um irmão mais velho do qual a família não tinha notícias, além de levantar documentos de agentes que o observaram durante a ditadura e localizar fatos raros da fase Secos & Molhados. A obra vai às camadas mais profundas da história de Ney para entregar a vida de um artista que pagou caro por defender seu direito de ser livre. O jornalista decidiu escrever o livro depois de entrevistá-lo para outra biografia: *Nada Será Como Antes*, sobre Elis Regina.

Foi na noite de lançamento sobre Elis que Julio Maria comunicou a Ney Matogrosso que faria uma biografia sobre ele e o perguntou se toparia ajudar nessa empreitada. "Não basta estar vivo para contar a própria história: tem que querer contar. E se não quiser contar, tem que lidar bem com o passado e com a verdade, mesmo quando ela não é engrandecedora", argumenta o jornalista em suas redes sociais. Ele via em Ney essas características, apesar de inicialmente o cantor ter tido receio com as condições impostas por seu biógrafo em não permitir que ele lesse a obra antes do lançamento. Ney afirmava que já havia sido alvo de muitas difamações, entre elas uma mentira que ele teria sido castrado, o que justificaria sua voz andrógina.

"Julio Maria vai fundo no retrato do artista que marcou para sempre a vida brasileira", escreveu Caetano Veloso no prefácio da obra. "O namoro com Cazuza, a força com que Ney assistiu à morte de tantos namorados e amigos pelo vírus da Aids, as atuações em teatro na juventude e em cinema na maturidade, a dignidade e sabedoria de sua aproximação e chegada à velhice (que nele nunca parece combinar com esse nome), tudo no livro mostra um ser humano fascinante, que engrandece a percepção da nossa vida como sociedade."

Imagem: Divulgação



Nas páginas da obra: um irmão mais velho do qual a família de Ney não tinha notícias, documentos de agentes que o observaram na ditadura e fatos raros dos Secos & Molhados

Outra vez a China

Hoje quero voltar ao assunto China e socialismo. Na semana passada, o governo chinês estabeleceu uma nova regulação sobre o sistema de educação do país. As empresas privadas estão proibidas de comercializar aulas particulares. Elas não podem obter lucros com essa atividade ou abrir seu capital.

A medida atingiu em cheio o bilionário setor de aulas e cursos on-line, causando um frenesi nas bolsas de valores. Os dirigentes chineses também adotaram uma política para regular os aplicativos de entregas de alimento e de transporte. A ideia é dar mais direitos e proteção aos trabalhadores. Os entregadores de comida passarão a ter assegurados direitos trabalhistas como a seguridade social e um salário superior ao mínimo praticado no país. O governo quer ainda que esses trabalhadores se organizem em sindicatos e que não se sintam oprimidos pelos “algoritmos”.

Essas ações do governo chinês convergem para um maior controle estatal sobre as grandes empresas de tecnologia, freando o poder dessas companhias e ao mesmo tempo colocando o interesse coletivo acima do interesse privado. O governo de Xi Jinping parece reforçar as raízes do PCC e da revolução. Num momento em que os gastos com educação, saúde e moradia pressionam os orçamentos dos trabalhadores e de suas famílias.

Trata-se de um exemplo claro e contundente de que a burguesia chinesa não é a classe dominante no país. Acho indispensável considerarmos o fato de que em qualquer sistema econômico, além de bens e instrumentos empregados para se produzir, existem relações sociais de produção. Com base nessa ideia o professor Erik Wright, do Departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin, observou que a forma como os bens, as máquinas e o trabalho serão utilizados dependerá daquilo que podemos chamar de poderes e direitos sobre a produção.

O poder, nesse caso, diz respeito diretamente ao controle efetivo sobre os meios de produção, enquanto os di-

reitos são o que tornam esse domínio legítimo. Uma fábrica, por exemplo, só terá o direito de operar se for autorizada pelo Estado, devendo seguir normas de funcionamento criadas para regular esse tipo de atividade econômica; como o que acontece com a legislação ambiental. É possível, no entanto, que a fábrica exceda os limites de emissão de poluente ou que desrespeite a legislação trabalhista. O que é passível de acontecer porque os seus proprietários têm o poder factual sobre os recursos produtivos; podem burlar as leis, corromper os órgãos responsáveis pela fiscalização, entre outras coisas.

Em determinados casos o interesse coletivo pode prevalecer em relação ao interesse privado. Leis que obriguem os empregadores a assinar carteiras de trabalho, garantir a segurança de seus funcionários e benefícios como o seguro-saúde, ou ainda não poluir o meio ambiente, são medidas dessa natureza. A constatação de que o poder dos proprietários não é absoluto, não muda em nada o fato de que as relações de produção não deixam de ser capitalistas. O poder mais fundamental, aquele que verdadeiramente importa, ou seja, o de alocar capitais, de usufruir dos lucros, de explorar o trabalho, permanece nas mãos dos capitalistas.

É por isso que países menos desiguais que garantem importantes direitos sociais e trabalhistas aos seus cidadãos, como a Finlândia e a Suécia, não necessariamente são socialistas. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado à China. Em outras palavras: apesar de existir no país asiático um mercado capitalista, de haver bilionários e empresas privadas, o controle sobre os processos mais fundamentais da produção e o poder político não são exercidos pela burguesia. Assim, as estruturas basilares da sociedade continuam sendo socialistas.

Tais ideias coadunam com a declaração de Xi Jinping sobre as novas políticas adotadas por seu governo. Na visão do presidente chinês, esse é um recado ao mundo de que a China não é um país capitalista.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A força da arte

Os filósofos e poetas alemães Georg Philipp Friedrich von Hardenberg – conhecido por Novalis (1772-1801) –, Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843) e o escritor e jurista E.T.A. Hoffman (1776-1822), no século 18, organizaram os ideais do romantismo ao priorizar a produção artística, e apresentaram a necessidade de fundamentar uma filosofia através duma descrição poética com simplicidade e unicidade. Isso gerou a importância da espontaneidade, a fim de estudar e priorizar a beleza da intuição humana. E, ao estudar o “belo” em sua universalidade, foi iniciada a Estética alemã através das teses do historiador da arte o Johann J. Winckelmann (1717-1768) e do filósofo Alexander G. Baumgarten (1714-1762). O primeiro introduziu a Estética como disciplina da filosofia, o segundo é considerado o criador da História da Arte. Ambos influenciaram as construções teóricas das identidades culturais de outros países.

Winckelmann, ao estudar a arte da Grécia antiga, apresentou a Estética a partir do ideal de beleza e da Filosofia da Arte, porque aquela arte grega possuía simplicidade e serenidade na expressão e atitude. Ele usou como exemplo a estátua de Laocoon, que foi o troiano morto por serpentes junto de seus filhos. As suas teses afirmam que essa arte deve ser um modelo para criar uma obra perfeita e autêntica, ao retratar o “belo”.

O Baumgarten, em 1750, publicou o seu livro *Aesthetica*. Essa obra incorporou a Estética enquanto disciplina da História da Arte, por relacioná-la ao contexto social. A sua contribuição está no campo das sensações. Ele apresentou a tese de que a Estética trata do belo e responde o que ele é, também como se forma o gosto estético. Outro questionamento se refere ao objetivo da arte, o qual é a expressão das sensações no juízo estético. Em Baumgarten, a autonomia da Estética representa também a abstração aos desejos divinos. Naquele século 18, buscava-se novos fundamentos para a formação de identidade humana, nesse contexto secular, a arte buscou uma fundamentação contra o engessamento da racionalidade. Diante disso, uma das teses de Baumgarten foi apresentar, na natureza humana, que existe a capacidade natural de potencializar a sensibilidade, e isso está para o mundo sensível o que a razão está para a realidade inteligível. Essa aproximação apresenta uma relação entre o sensível



Estátua de Laocoon e seus filhos no Vaticano

e o inteligível. A finitude do conhecimento sensível e a multiplicidade dos conteúdos individuais passaram a serem orientados sem se referirem as influências externas, como as interferências dos dogmas religiosos. Baumgarten não radicalizou a valorização do que é predominantemente individual. Encontra-se nas suas teses as influências do idealismo platônico, entretanto, percebe-se um relativismo dos dados sensíveis, porque o gosto estético inicia no universal ao particular.

Os pré-românticos alemães, citados anteriormente, diante do engessamento da sensibilidade gerados pelo racionalismo do século 17, criticaram às regras iluministas e apresentaram o helenismo como um sentido à existência. Por helenismo compreende-se o período de domínio da cultura grega no mundo antigo, que se seguiu após a morte do imperador Alexandre Magno (356 a.C.-323 a.C.). Essa expansão se estendeu ao império da Macedônia, que incluiu à Hélade e o conjunto de cidades-estado, que formava a Grécia Antiga, entre aquelas tem-se Esparta e Atenas, depois à Anatólia – atual Turquia –, ao Oriente Médio e à Índia. Através daquela expansão, Alexandre levou a cultura grega, conhecida por helênica, para todas as regiões que conquistou. Esse processo construiu, no império, a tolerância religiosa e toda região foi integrada na Antiguidade Grega, que recebeu o nome de Período Helenístico ou Helenismo. As características mais importantes daquela

cultura helênica foram: autonomia democrática; descobertas da Lei da natureza e da arte através da escultura, geometria, álgebra e física; sistematização da filosofia grega, entre os filósofos mais influentes foi o Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), através dos seus livros que tratam da Física; Política, Ética, Retórica e Poética.

Os pré-românticos, já citados, defenderam a importância de incorporar nas próprias vidas a cultura do período clássico dos gregos. Eles priorizaram o uso da intuição para vivenciar o helenismo, e não a imitação daquela arte grega. Os românticos afirmaram que a imitação é uma reprodução artesanal e não a essência do produto concreto, que deve ser construído através da intuição. Eles argumentaram que se deve “refazer” o pensamento que conduz ao ideal de beleza, a partir dos contextos históricos e das técnicas modernas, porque a ideia de perfeição existiu interior de todo ser humano. E se o artista aplicar as técnicas que aprendeu ao entrar em contato com a arte dos gregos... ele conquistará a beleza da própria arte ao fortalecer a relação entre o humano e a natureza. Tem-se outros precursores da estética alemã, entre esses temos Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) e Johann Gottfried von Herder (1744-1803), e o movimento Tempestade e Ímpeto (*Sturm und Drang*). Esse movimento criticou as normas de conduta contrárias ao sentimentalismo e aos antigos valores heroicos, como os mitos gregos. Também foi uma rebeldia contra a hegemonia da razão imposta pelo iluminismo francês contra a intuição humana. Os autores mais destacados desse movimento foram os alemães: Johann Georg Hamann (1730-1788), Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que apresentou uma poesia espontânea e selvagem ao valorizar o imediatismo das emoções; Friedrich Schiller (1759-1805); Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). O romantismo alemão recebeu definitivamente as influências dos irmãos Friedrich Schlegel (1772-1829) e August Wilhelm Schlegel (1767-1845).

■ Sinta-se convidado a audição do 329º Domingo Sinfônico, deste dia 1º, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do primeiro romantismo alemão de Ludwig van Beethoven (1770-1827) e Wilhelm Richard Wagner (1813-1883).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Marighella não morreu

Marighella é um filme, um homem, um baiano, nunca um fulano qualquer. Uma ideologia.

O compositor Caetano Veloso quando estava exilado e recebeu a notícia de que haviam matado Marighella, mandou dizer que ele é quem tinha morrido.

O filme é bom e já abre com os letreiros históricos, com os atores, o paraibano Luiz Carlos Vasconcelos e Seu Jorge no papel de Marighella, conhecido como “Preto”. Luiz Carlos, cuja personagem tem o nome de Branco – e é o único companheiro vivo e morto até o fim.

A ideia do filme está destinada, claramente, a explicar o contexto em que vivia o deputado, Carlos Marighella. No entanto, ao invés de uma apresentação neutra, o filme escancara um Brasil violento no golpe de 1964, sob a mentira de prevenir o comunismo e permanecer por um tempo curto, até a situação se estabilizar. Bem longe do que estamos vivendo hoje. Ou bem perto das feridas que nunca se cicatrizam. Mataram muitos, além de Marighella.

Ficaram, como se sabe, durante 21 anos, muito tempo no poder para que a gente pudesse ver o império falido, antes da ideia de golpe. Golpe militar, nunca mais.

O filme assusta e assume o posicionamento político desde as primeiras imagens. Não há essa coisa de enganar o público, nem de dissimular uma posição ideológica. O ponto de vista de Wagner Moura (diretor) é claro. As cenas são vitoriosas e tristes, o corre-corre para mudar de endereço, pois naquele tempo não existia o Google Maps. Os policiais farejavam as casas.

É bem impressionante a tentativa de apresentar Carlos Marighella ao público atual do Brasil, o público médio, que provavelmente não o conheça, seja por deficiências do nosso sistema ou por aversão política. Eu acho política o fim. Acho que todos são iguais – círios, liras e nazares.

Marighella não foi feito para os intelectuais do refinamento da linguagem, muito pelo contrário, dirige-se prioritariamente à juventude, os jovens que adoram cenas de ação, tiroteio, perseguição policial, complôs escambau.

Sei muito pouco sobre Marighella, morto em uma emboscada na Alameda Casa Branca, na capital Paulista. Aprendi muito com a biografia do jornalista Mário Magalhães e o filme, sei das pernações dele fugindo dos milicos e isso já era um impulso para saber mais da vida de um homem que não tinha endereço.

Sei que ele era preto, “filho de um italiano e de uma preta hauçá”. O cinema brasileiro já foi longe, mas agora com uma figura de carne e osso que chega para ocupar este espaço no imaginário da gente.

Foi para ele que Caetano Veloso compôs a canção ‘Um Comunista’, do disco *Abracção* (2012), e está lá o mais belo refrão: “Os comunistas guardavam sonhos, os comunistas guardavam sonhos”.

São lindas as cenas de Carlos Marighella com o filho no mar, as cartas faladas em fitas cassetes.

Quando li *Tenda dos Milagres* (1969), de Jorge Amado, vi que o personagem principal, Pedro Archanjo, era uma inspiração em Marighella, mas o escritor deu asas a personagem e transformou noutra figura, num habilidoso escritor de livros antropológicos e étnicos (um deles sobre a culinária baiana e um outro, considerado muito importante, que traça a genealogia da elite branca de Salvador, mostrando a sua miscigenação com a raça negra. *Tenda dos Milagres* é nosso Brasil de 2021.

Com a música ‘Monólogo ao Pé do Ouvido’, de Chico Science e Nação Zumbi, na trilha sonora, mas nada mais belo que Seu Jorge, o Marighella, cantando dentro do fusca com outro camarada: “Eu não tenho onde morar, é o por isso que eu moro na areia”. O Brasil não seria o mesmo sem Dorival Caymmi.

O filme mostra que Marighella amava o Brasil. O filho grita que o pai amava o Brasil, a mulher grita que Marighella amava o Brasil, mas o grito ficou no ar.

Kapetadas

1 - Precisamos falar sobre esses textos que começam com “precisamos falar sobre...”

2 - Gelo, basta os que eu ganho das pessoas. Eu curto mesmo é calor, sol na cara, três banhos por dia e roupa seca no varal.

3 - Som na caixa: “Começou a circular o Expresso 2222 / Que parte direto de Bonsucesso pra depois”, Gilberto Gil.



Foto: Divulgação

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Festivais de cinema buscam um novo e atraente 'glamour'

Quando o *glamour* arrefece, retirando o magnetismo das estrelas de tão badalado tapete vermelho e desbotando a sua cor, haverão de surgir outros arroubos e "jogadas de marketings" a substituírem, de oportuno, as tradições fascinantes dos grandes festivais de cinema.

Não apenas bastou o desfilar e a beleza estonteante de uma famosa atriz brasileira no Festival de Cannes (França) deste ano – imagem que viralizou na internet –, para que, durante o certame, se emitissem teses contestatórias sobre o confuso momento político do país-nosso-de-cada-dia, como um dos centros das atenções de todos alí presentes; sendo aqueles reais "cinemistas" (ao uso da expressão, com a devida vênua do meu amado netinho Arthur Luna) ou meros espectadores de mais um evento fantástico e globalizado.

E o mais inusitado é que, o famigerado "eco democrático" partiu não só de um brasileiro, mas de alguém das terras do Tio Sam; ninguém menos que o multipremiado diretor de cinema Oliver Stone, ganhador de vários prêmios Oscar, Ursos e Globos de Ouro, e que nos deu grandes obras como *Platoon* (1986), *Nascido em 4 de julho* (1989), entre outras. Sempre com um viés político e nacionalizado, a exemplo de *Nixon* (Richard), com o excelente ator Anthony Hopkins protagonizando o ex-presidente norte-americano.

Na verdade, a cinematografia de Oliver Stone sempre foi tendenciosa ao político institucional. Sempre com um pé na ficção e outro no documentário, sua filmografia vem cotejando as grandes figuras governantes, quicá, uma influência deveras imediatista da televisão nos dias



Foto: Divulgação

Cineasta Oliver Stone faz protesto político e cita o Brasil na edição do Festival de Cannes 2021

atuais. Daí, a abertura mais criativa do cineasta por temas que dizem respeito ao poder governista e climas políticos advindos desses poderes.

Só como exemplo, citaria algumas realizações focadas nesse imperativo, como *Castro in Winter* e *Procurando Fidel*, no início deste século; além de *Mi Amigo Hugo* (Chávez), documentário venezuelano feito para a televisão, passando por questões não só da América Latina, mas dos próprios Estados Unidos. E daí, a célebre entrevista de Stone com o então presidente da Rússia, Vladimir Putin, em 2007 (*The Putin Interviews*), além do documentário seu mais recente, *JFK Revisited: Through the Looking Glass*, realizado este ano. E como o próprio título diz, uma "revisitação" à atmosfera política dos EUA durante a gestão do presidente John F. Kennedy, até sua morte.

Entende-se, portanto, diante do cabedal político-ideológico do cineasta Oliver Stone (exemplo do diretor Spike Lee, que presidiu o evento deste ano), a sua ululante aparição durante o recente Festival de Cinema de Cannes. Em que consegue – como disse o noticiário – aproveitar os holofotes do festival para reafirmar aquilo já sabíamos: "Os EUA estão por trás das articulações para desestabilizar líderes latino-americanos de esquerda...". Denúncia que, se sabe, inclui igualmente o Brasil.

A rigor, questões político-ideológicas à parte, encenadas pelos cineastas Spike Lee e Oliver Stone, que precisam mesmo de holofotes para tanto, o que está em jogo mesmo e a magnitude, seriedade e zelo às tradições de festivais importantes como os de Cannes e de Hollywood. – Mais "coisas de cinema", acesse o *blog*: www.alexasantos.com.br.



APC parabeniza seu ex-presidente

O escritor e professor-doutor Moacir Barbosa de Sousa, ex-presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), ocupante da Cadeira 7 (cujo patrono é o compositor e criador de trilhas sonoras para filmes Lourenço Fonseca – Capiba), hoje aposentado da UFPB e das consultorias acadêmicas no MEC, e morando atualmente em Lucena, na Paraíba, continua historiando sobre música e cinema no Estado.

Em razão do excelente trabalho organizacional que promoveu na APC, quando de sua gestão (2016-2018), também por sua dedicação ao cinema e à música, a diretoria atual da entidade e amigos lhe parabenizam por mais uma efeméride neste primeiro de agosto. No cinema, Moacir organizou as trilhas incidentais dos documentários *O Coqueiro*, do cineasta Alex Santos, atuando em Parahyba, de Jureny Bitencourt.

Em cartaz

ESTREIAS

JUNGLE CRUISE (Jungle Cruise. EUA. Dir: Jaume Collet-Serra. Aventura e Fantasia. 10 anos). Frank (Dwayne Johnson) trabalha como capitão de um barco em uma atração turística totalmente fantástica. Quis o destino que suas habilidades fossem colocadas à prova. Isso acontece quando ele conhece Lily (Emily Blunt), uma exploradora que não mede consequências para dar andamento em suas investigações. Quando ela e o irmão (Jack Whitehall) contratam Frank para comandar a embarcação numa expedição de verdade, em busca de um misterioso segredo, os perigos que os aguardavam eram mais reais do que podiam imaginar. Baseado em um parque temático da Disney. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 12h50 - 15h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 14h (2D) - 16h45 (2D) - 19h30 (3D); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h (2D) - 17h (2D) - 20h (3D); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h25 - 16h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h25 - 17h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 20h30.

TEMPO (Old. EUA. Dir: M. Night Shyamalan. Thriller e Suspense. 14 anos). Uma família em um feriado tropical descobre que a praia isolada onde eles estão relaxando por algumas horas está de alguma forma os fazendo envelhecer rapidamente, reduzindo suas vidas inteiras em um único dia. Baseado na HQ Castelo de Areia. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 14h30 - 19h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h10 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h55 - 17h10 - 19h25; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h55 - 18h10 - 20h25.

CONTINUAÇÃO

DUPLA EXPLOSIVA 2 - E A PRIMEIRA-DAMA DO CRIME (The Hitman's Wife's Bodyguard. EUA. Dir:

Patrick Hughes. Ação e Comédia. 16 anos). O guarda-costas Michael Bryce (Ryan Reynolds) terá que abandonar sua licença sabática para proteger Darius (Samuel L. Jackson) e Sonia (Salma Hayek), o casal estranho mais letal do mundo. Enquanto Bryce é levado ao limite por seus dois protegidos, o casal Kincaid se mete em uma trama global, onde são perseguidos por um louco vingativo e poderoso (Antonio Banderas). CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h30 - 16h (dub.) - 20h50 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h20 - 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h20 - 17h20 - 19h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h20 - 18h20 - 20h20.

UM LUGAR SILENCIOSO - PARTE II (A Quiet Place Part II. EUA. Dir: John Krasinski. Terror, Suspense e Thriller. 14 anos). Logo após os acontecimentos mortais do primeiro filme, a família Abbott (Emily Blunt, Millie Simmonds e Noah Jupe) precisa agora encarar o terror mundo afora, continuando a lutar para sobreviver em silêncio. Obrigados a se aventurar pelo desconhecido, eles rapidamente percebem que as criaturas que caçam pelo som não são as únicas ameaças que os observam pelo caminho de areia. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h10 - 15h30 (dub.) - 17h50 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h45 - 18h20 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h10 - 19h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h10 - 20h.

SPACE JAM: UM NOVO LEGADO (Space Jam: A New Legacy. EUA. Dir: Malcolm D. Lee. Comédia e Infantil. Livre). Uma inteligência artificial sequestra o filho de LeBron James e envia o lendário jogador dos Los Angeles Lakers para uma realidade paralela, onde vivem apenas os personagens de desenho animado da Warner Bros. Para resgatar o seu filho, ele precisará vencer uma partida épica de basquete contra superversões digitais das

maiores estrelas da história da NBA e da WNBA. Para essa missão, King James terá a ajuda de Pernalonga, Patolino, Lola Bunny, dentre outros personagens. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h10 - 15h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h.

VELOZES E FURIOSOS 9 (F9 The Fast Saga. EUA. Dir: Justin Lin. Ação e Aventura. 14 anos). Dominic Toretto (Vin Diesel) e Letty (Michelle Rodriguez) vivem uma vida pacata ao lado de seu filho Brian. Mas eles logo são ameaçados pelo passado de Dom: seu irmão desaparecido Jakob (John Cena). Trata-se de um assassino habilidoso e motorista excelente, que está trabalhando ao lado de Cipher (Charlize Theron), vilã de Velozes & Furiosos 8. Para enfrentá-los, Toretto vai precisar reunir sua equipe novamente, inclusive Han (Sung Kang), que todos acreditavam estar morto. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 20h10; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 18h20 (exceto quarta-feira, dia 4/8) - 21h20 (exceto quarta-feira, dia 4/8); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 17h15 (exceto quarta-feira, dia 4/8) - 20h30 (exceto quarta-feira, dia 4/8); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 19h10; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h10.

VIÚVA NEGRA (Black Widow. EUA. Dir: Cate Shortland. Ação e Aventura. 12 anos). Ao nascer, a Viúva Negra, então conhecida como Natasha Romanova (Scarlett Johansson), é entregue à KGB, que a prepara para se tornar sua agente suprema. Porém, o seu próprio governo tenta matá-la quando a União Soviética se desfaz. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 18h30 - 21h25; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 17h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h15 - 18h40; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Onofre e Thiago

Compulso, com prazer, dois livros que me chegaram do Rio Grande do Norte. *O desafio das palavras*, de Manoel Onofre Jr., e *Literatura afrodescendente no Rio Grande do Norte – Século XX (de Fabião das Queimadas a Edgar Borges-Blackout)*, de Thiago Gonzaga, ambos publicados em Natal pela 8 Editora, em 2020 e 21, respectivamente.

Com esse novo título, Manoel Onofre Jr. dá continuidade à sua ampla e variada bibliografia, voltada, em especial, para a temática potiguar, na literatura, na cultura e na história, porém, sem esquecer assuntos, motivos e pessoas que se disseminam para além das margens do rio Potengi e das areias brancas da praia de Areia Preta.

Em geral, a coletânea se constitui de ensaios breves e quase sempre atentos a aspectos curiosos referentes a fatos, a obras, a escritores, a instituições, indicando, dentro da perspectiva de leitura do autor, o enfoque cognitivo que o move diante dos exemplos descritos e analisados.

A par dos tópicos específicos acerca dos quais Manoel Onofre Jr. tece suas considerações críticas e exegéticas, a exemplo da leitura que faz da escrita "marginal" de José Bezerra Gomes, entre outros, reaparece aqui, na mesma linhagem de obras anteriores, aquilo que vou denominar de espírito didático a conduzir muitas de suas preocupações literárias e culturais. Espírito didático este que marca bem o instinto do pesquisador e a aventura do leitor no sentido de descobrir e anotar incidências novas e desconhecidas, mas também comprometido, ao mesmo tempo, com o princípio de organização que deve reger a fatura das práticas culturais.

Ensaaios como *Eça de Queiroz e a culinária portuguesa, Grandes romances, O conto brasileiro – Biblioteca básica e Políticos do RN sob o olhar de Gilberto Amado* dão bem a medida do que quero dizer. Há, nestes ensaios, toda uma didática embutida e assentada no viés da ordenação, tocado, a seu turno, pela diretriz da melhor escolha e pelo gosto estético cultivado na experiência de quem aprendeu a ler não só com a inteligência, mas, sobretudo, com a sensibilidade e a imaginação.

Não tenho dúvidas: se não se come bem nos livros de Machado de Assis, a acreditarmos nas palavras de Álvaro Moreyra, em *As amargas, não...*, "come-se muito bem nos livros de Eça de Queiroz", no dizer de Manoel Onofre Jr. A propósito, ele diz e prova nesse pequenino e sugestivo ensaio que estabelece deliciosos encontros entre gastronomia e literatura.

Transcrevendo passagem de *O crime do padre Amaro*, o autor como que nos devolve ao sabor de certos manjares ecianos, senão vejamos: "Na doçaria dos antigos conventos usava-se a abusava-se de açúcar e ovos, especialmente gemas. Além de toucinho do céu, vários outros doces com nomes pitorescos (papos de anjo, barrega de freira, pastéis de Santa Clara etc.) ainda hoje fazem as delícias dos que costumam completar a refeição com uma boa sobremesa".

Esses e outros escritos de Manoel Onofre Jr. reunidos aqui documentam, em última instância, a trajetória de um escritor e de um intelectual afeito aos livros e inteiramente dedicado à militância crítica, responsável pela revelação e reconhecimento dos valores locais no mapa mais largo da cultura brasileira.

Já Thiago Gonzaga, gente nova, da novíssima geração, traz a presença do negro na literatura norte-riograndense. À semelhança de Manoel Onofre Jr., também procura explorar o sentido de organização na investigação de seu objeto formal de estudo, seguindo a mesma vertente da seleção, da compilação e da pesquisa que já o consagra como um dos mais equipados estudiosos da literatura potiguar.

Num pequeno ensaio de teor propedêutico, reflete sobre as incidências etnoculturais de origem africana na poesia e na prosa literárias. Associando elementos estéticos a fatores de ordem cultural, rastreia historicamente a componente negra no corpo do poema e da ficção, compondo como que uma mínima antologia de caráter fundante.

Nomes, como Segundo Wanderley, Paulo de Albuquerque, Almino Afonso, Câmara Cascudo, Homero Homem, Iracema Macedo, Jóis Alberto e Moacyr de Góes, entre outros, aparecem, ilustrando a safra diversa que pensa a negritude na possibilidade do clamor estético.

Thiago Gonzaga é escritor, é poeta, é, sobretudo, um pesquisador. Um pesquisador que vem da universidade para fazer a ponte com a realidade cultural de seu estado, enriquecendo, assim, o acervo dos estudos regionais e alargando o corte epistêmico da matéria literária em âmbito local, naquilo que ela pode oferecer de melhor.

Aliás, ele não está sozinho, uma vez que integra a rica tradição de um coletivo pensante que remonta às intervenções críticas e interpretativas de Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine, passando por Vicente Serejo, Nelson Patriota, Anchieta Fernandes, Cláuder Arnanjo, Tarcísio Gurgel, Paulo de Tarso Correia de Melo, e chegando até figuras mais jovens, a exemplo de Alexandre Alves e Humberto Hermenegildo de Araújo.

Festival de cinema intercultural começa hoje em formato virtual

Através da educação audiovisual, 3º Sementes Griôs promove experiências das comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas

Promover um espaço de partilha de saberes e experiências das comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e ribeirinhas, bem como o resgate da ancestralidade dessas culturas na educação formal, uma vez que a educação audiovisual é entendida como uma ponte entre os saberes da tradição oral e a construção de memórias coletivas. Este é o objetivo da 3ª edição do Sementes Griôs - Festival de cinema intercultural, que começa neste domingo e vai até a próxima sexta-feira (dia 6), de forma totalmente virtual e gratuita.

Com um total de 19 filmes, incluindo alguns títulos inéditos, na programação do evento, a realização é da Semente - Escola de Educação Audiovisual em parceria com a Amora Produções. Além das mostras de produções de curta-metragem, produzidos dentro e fora da escola (incluindo de vários cantos do Brasil), haverá rodas de conversa e também uma vivência griô - indivíduos que detêm a memória da comunidade e funciona como difusor das suas tradições através da oralidade.

Os bate-papos serão realizadas via Google Meet. Quanto aos filmes do festival, estarão disponíveis no site da Videocamp, a plataforma oficial do evento. Toda a programação e demais informações podem ser encontradas na página oficial da escola na internet (semente.educacaoaudiovisual.com.br) ou nas suas redes sociais (@semente.educacaoaudiovisual).

Segundo a cineasta e educadora Ana Bárbara Ramos, coordenadora da escola Semente, as duas edições anteriores foram os resultados das produções geradas pelos alunos da escola e compartilhados com as comunidades. Os eventos se davam presencialmente

nos quilombos do Gurugi e Ipiranga, localizados no Conde (PB).

“Chegamos nessa 3ª edição alargando mais esse espaço da exibição: tem os filmes da Semente, mas agora em diálogo com outras produções que se alinham ao propósito do festival”, explica Ana Bárbara. “O escopo do evento é a perspectiva de um reconhecimento das culturas tradicionais, a importância da oralidade e da transmissão dos saberes a partir dela. A oralidade é um valor que está presente nas práticas pedagógicas, artísticas e culturais que fazemos nas escolas, como também sendo o resultado do festival”.

Os filmes em exibição na programação deste ano passaram pela curadoria de Melina Bomfim, Mariah Benaglia e Talita Arruda, especialistas na área de cinema e audiovisual. A curadoria proporcionou recortes divididos em três eixos: ‘A terra deu, a terra dá, a terra cria’ (programa 1); ‘Ancestralidade viva, presente!’ (programa 2); e ‘Um convite para imaginar outros mundos’ (programa 3). “Um eixo pensando na perspectiva do pertencimento de um lugar, do território, do enraizamento; o outro ponto é a questão da ancestralidade, que aprendemos com nossos antepassados e que são transmitidos também no cotidiano, em uma prática de aprende e ensinar muito familiar; e o terceiro é a ideia da interculturalidade, muito na direção de que estamos todos aqui, temos nossas diferenças, mas, mesmo com elas, é possível constituir um mundo que seja reconhecido a diversidade em uma complementaridade”, detalha Ana Bárbara Ramos.

Entre os curtas-metragens, foi selecionado um longa para a edição: *Entre nós, um segredo* (2021, Brasil, México, Burkina

Na programação (de cima para baixo): ‘Entre nós, um segredo’, longa sobre a cultura oral; ‘Rio de Memórias’, curta realizado por alunos da Semente nos quilombos Gurugi-Ipiranga (no Conde-PB); e a animação ‘Konâgxeka - o Dilúvio Maxakali’, curta com ilustrações feitas por indígenas Maxakali (MG)

Fasso, 120 min.), de Beatriz Seigner e Toumani Kouyaté. “Esse filme tem a ver com a proposta do festival. Acompanhamos a história de Toumani Kouyaté, um artista africano que reside no Brasil. Ele faz parte de um clã de griôs e é chamado para voltar ao seu país, Mali, porque o patriarca quer reunir novamente os griôs”, resume a coordenadora do evento.

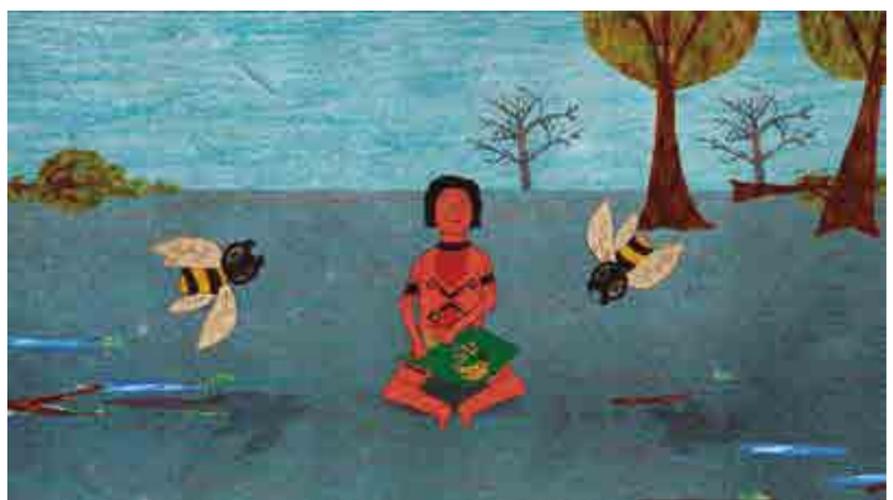
Com apoio da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), através da Lei Aldir Blanc, a realização do festival Sementes Griôs faz parte da ação cultural e pedagógica da Semente Escola, cujo o objetivo é o de compartilhar com toda a comunidade escolar, educadores e educandos, e tornar acessível as narrativas e colaborar na criação de um mundo mais democrático e atento à diversidade humana.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Videocamp



Fotos: Divulgação



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Saudade mistura melancolia e nostalgia

Quando tenho muitas saudades – o que não é constante –, escuto Sean Connery recitando ao som de ‘In my life’, com arranjo de George Martin: “... essas memórias perdem o sentido quando penso em amor como coisa nova”.

Ando meio saudosos neste início de agosto. Nisto sinto-me universal.

Até sonhei com alguém que conheço e uma paisagem que desconheço. Ambas bem distante; em Madras, Índia.

Conheci um jovem nascido em Madras, vindo do Ceará e passando dois dias em João Pessoa, indo para o Recife, onde procuraria o consulado de seu país. Estava perdido.



Sinto saudades do sonho. Saudades dos que se foram definitivamente, como mãe Antonieta, minha “mãe preta” Léu e meu irmão Marcus. Como sinto saudade de quem aqui per-

manece, mas fica tão distante que parece estar na Islândia.

Tenho saudades nas línguas percorridas vez em quando por minha mente: inglês, francês, italiano, espanhol.

“Longing”, “manque”, “rimpianto”, “añoranza”. Todas como saudade.

Foto: Divulgação



Não entendo bulhufas de alemão, mas sei que “Sehnsucht” significa saudade na pátria de Wim Wenders e Thomas Mann (foto), esse filho de um alemão e uma brasileira.

Saudade de quando li *A montanha mágica* e quando vi *Morte em Veneza* no cinema pelo olhar de Luchino Visconti, com o ator Dirk Bogarde insu-

perável como o compositor Gustav von Aschenbach.

Enfim, dizer que saudade só existe em português, intraduzível noutras línguas, é a maior lenda urbana linguística de todos os tempos.

Talvez a origem dessa lenda – que professores cuidaram de disseminar, transformando-a em tabu nas escolas desde a segunda ou terceira década do século 20 –, esteja no contexto etimológico de que essa palavra portuguesa não é aparentada às de outras línguas.

Porém, é claro que este sentimento existe em toda a humanidade, sendo assim “saudade” traduzida para qualquer outra língua.



O um tanto cronista aqui faz questão de lembrar que, como sutis diferenças, algumas imperceptíveis, melancolia, nostalgia e saudade são sentimentos versáteis.

Melancolia é uma tristeza causada por um passado perdido, mesmo recente.

Nostalgia é o desejo de voltar a esse ou outro passado.

Saudade é uma mistura disso tudo e até um tanto mais.

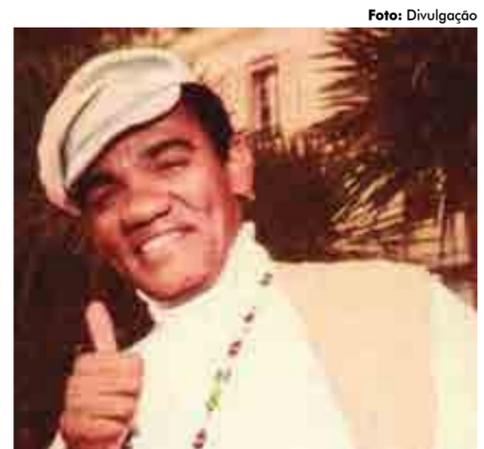


Foto: Divulgação

Tributo a Luther King

“Sim, sou um negro de cor / Meu irmão de minha cor / O que te peço é luta sim, luta mais / Que a luta está no fim. / Cada negro que for, mais um negro virá / Para lutar com sangue ou não / Com uma canção também se luta irmão / Ouvir minha voz, lutar por nós. / Luta negra demais é lutar pela paz / Luta negra demais para sermos iguais”.

Este é um trecho de ‘Tributo a Martin Luther King’.

A autoria da canção é de Ronaldo Bôscoli e Wilson Simonal (foto) e gravada por este.

Em mãos femininas, gestões são mais eficazes contra covid

Municípios comandados por mulheres registram menor número de mortes e de internações, segundo pesquisa

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O gênero pode influenciar na forma como políticos realizam a sua administração? De acordo com uma pesquisa realizada por economistas da Universidade de São Paulo e da Universidade de Barcelona, intitulada "Sob pressão: a liderança das mulheres durante a crise da covid-19", os municípios brasileiros com prefeitas tiveram 44% menos mortes e 30% menos internações na pandemia.

A pesquisa foi feita em mais de cinco mil municípios do Brasil. Em média, as cidades administradas por mulheres tiveram 25,5 mortes por 100 mil habitantes a menos do que as administradas por homens. A diferença é de 43,7% na mortalidade.

Já as hospitalizações tiveram uma redução média de 30,4% em internações por 100 mil habitantes onde as prefeitas eram mulheres, em relação aos locais onde os chefes do Executivo local eram homens.

De acordo com a presi-

dente do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde da Paraíba (Cosems-PB), Soraya Galdino, essa realidade também foi percebida no Estado. "Quando a prefeita era mulher, era uma força a mais para nós. Eu sinto isso quando as Secretarias de Saúde são comandadas por uma mulher também", comentou.

Os pesquisadores não conseguiram, no entanto, encontrar um motivo para que as mulheres tivessem um melhor desempenho na gestão de crise sanitária dos últimos 17 meses do que os homens.

Na opinião de Soraya Galdino, as mulheres conseguem ter mais sensibilidades para lidar com situações difíceis como uma pandemia. "A mulher tem esse olhar de cuidar, proteger. De ver cada pessoa como se fosse um familiar seu. É como se tivesse a empatia de sentir a dor pelo outro", explicou.

Segundo a experiência da presidente do Cosems, que também é secretária de Saúde do município de Itabaiana, foi possível perceber esse tipo de comportamento nas gestoras de



Foto: Arquivo pessoal

Soraya Galdino acredita que a sensibilidade feminina permite melhor compreensão das medidas a serem adotadas

saúde. "Cada uma estava muito preocupada com cada paciente, se envolvia. Cada um que adoecia se preocupava em estar dando assistência, seja em procurar vagas de internação, ou na vacinação em si", disse.

Como secretária municipal de Saúde, a gestora investiu na saúde mental da população durante o período de pandemia. Após a testagem, caso fosse constatado um positivo, o paciente também tinha direito a um tratamento psicológico. "O mesmo plantão que o enfermeiro dá, nós temos um psicólogo para atender as pessoas que têm um resultado positivo da doença. A gente sentiu que após o teste positivo, mesmo com sintomas leves, a pessoa ficava mal emocionalmente".

Soraya Galdino ressaltou ainda que medidas como testagem em massa, divulgação sobre as medidas preventivas, e assistência médica à população foram atitudes fundamentais dos gestores que tiveram êxito no combate à pandemia. "Isso deixou a população mais segura com informações necessárias".

+ Prefeita de Marcação atinge meta e celebra título de "Cidade Vacinada"

Um dos exemplos dessa boa gestão é o município de Marcação, no Litoral Norte do Estado. Administrado por uma prefeita, a cidade foi exemplo em vacinação na Paraíba, sendo a primeira a conseguir imunizar mais de 95% da sua população acima de 18 anos com as primeiras doses da vacina contra a covid-19.

A prefeita de Marcação, Lili

Oliveira (DEM), celebrou a conquista ao receber o selo 'Cidade Vacinada'. "É uma satisfação ver Marcação sendo destaque nessa luta contra a covid-19 e agradecemos ao governador pelo compromisso com os nossos cidadãos. Nós sabemos dos desafios desta missão, das decisões necessárias para vencermos esse momento e pa-

rabenizo também as equipes e profissionais de Saúde que foram essenciais para alcançarmos essa marca que celebramos hoje", falou.

O município chegou a receber um selo de "Cidade Vacinada", pelo governador da Paraíba, João Azevêdo (Cidadania). Na ocasião, o chefe do Executivo estadual parabenizou o muni-

cípio pela eficiência e agilidade na aplicação das vacinas. "Nós celebramos esse momento e trazemos os nossos parabéns para os gestores e profissionais de Saúde pelo empenho e compromisso de conseguir uma vitória

como essa. Nós sabemos que a vacina salva vidas, por isso, reconhecemos todo o trabalho feito para que essa meta fosse atingida, conscientizando as pessoas sobre a importância da imunização", ressaltou.

Foto: Divulgação / Secom-PB



Lili Oliveira recebeu o título de reconhecimento das mãos do governador João Azevêdo

Telefone pessoal combatendo aglomeração

Em Duas Estradas, cidade com quase 4 mil habitantes localizada na região imediata de Guarabira, a prefeita Joyce Rennally (MDB) precisou tomar medidas drásticas para combater a pandemia. O seu envolvimento foi tanto no combate ao vírus, que ela chegou a oferecer o contato do seu telefone pessoal para as pessoas denunciarem casos de aglomeração. "Quando me diziam sobre uma aglomeração, eu mesma ligava para a polícia ir lá acabar com aglomeração", disse.

A prefeita acredita que alguns fatores como estar sempre informada sobre a pandemia,

descartando notícias falsas, acreditando na ciência e tendo sensibilidade com a população da sua cidade, foram medidas importantes para o êxito no combate ao vírus. "Eu via o que estava acontecendo, eu sou muito atenta na questão jornalística. Eu me peguei assistindo a televisão e comecei a chorar, eu não queria que as pessoas do meu município passassem por isso", comentou.

A sensibilidade da gestora passou a se tornar uma força a mais para tomar medidas rígidas. "Para mim, cada cidadão hospitalizado era uma responsabilidade minha. Eu sei que

tem coisas que fogem da gente enquanto prefeito, mas era como se fosse alguém da minha casa, da minha família".

Além disso, a gestora tomou medidas práticas, como a conscientização da população para o cumprimento das medidas preventivas, a distribuição de máscaras e limpeza das ruas. "A gente foi muito nessa parte de conscientização, usamos carro de som, cartazes, programas de rádio. Colocamos músicas mais religiosas enquanto fazíamos esse trabalho tentando amenizar aquele sentimento de dor e tristeza".

Voto em papel: as fraudes já ocorriam na Nova República

Irregularidades eram facilitadas pela demora nas apurações, que chegavam a levar dias ou até mesmo semanas

Wesley Galzo
Agência Estado

Tema central do discurso bolsonarista, o voto impresso (ou a votação em papel) tem um longo histórico de fraudes no Brasil - inclusive nas eleições realizadas já na Nova República, após a redemocratização. A demora nas apurações, que levavam dias ou semanas para apontar os vencedores, facilitava falcaturas.

Em 1994, numa das ocorrências mais emblemáticas, a disputa no Rio virou palco para a atuação do crime organizado: quadrilhas agiram abertamente, com venda de votos, fraudes em urnas e adulteração de mapas de votação.

Os desvios se davam por meio do preenchimento de votos em branco. As cédulas de papel recebiam os nomes ou números dos candidatos que pagavam aos esquemas. Em 1990, Alagoas havia registrado crime semelhante.

Os dois casos estão entre os mais lembrados quando se questiona, sem provas, a lisura da urna eletrônica. Assim têm agido o presidente Jair Bolsonaro, integrantes do governo e aliados.

Em 8 de julho, como revelou o Estadão, um emissário do ministro da Defesa, general Braga Netto, levou ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), um recado. Segundo a mensagem, ou se adota o voto "impresso e auditável", conforme projeto que tramita na Casa, ou não haverá eleições em 2022.

"A fraude no voto por papel sempre ocorreu, desde a Primeira República, antes de 1930. Não é fenômeno novo. Em 1994, foi uma espécie de gota d'água desse processo todo", disse o procurador eleitoral daquele ano no Rio, Alcir Molina.

"Pedimos a suspensão porque ficou evidente que havia urnas desaparecidas, preenchimentos com adulteração, voto acrescentado. Os mesários colocavam os números que quisessem para determinados candidatos. Votos foram encontrados em rios, em fundos de quintal".

Retrocesso

Para especialistas, a defesa, agora, do voto impresso é "andar para trás". Defensores da PEC em tramitação na Câmara, porém, alegam que não propõem uma volta ao passado. Dizem que, se a proposta for aprovada, o voto continuará a ser eletrônico. Apenas passará a ser também impresso, para posterior conferência no caso de suspeitas de fraudes.

"Imprimir o voto hoje, mesmo com a urna eletrônica, facilitaria o controle nas zonas de milícia. Vai mandar algum mesário infiltrado para ver se o cara votou ou não votou nele. A urna (eletrônica) pode ser auditada pelos sistemas tradicionais e eletrônicos do TSE. E nunca houve evidência concreta de ter havido fraude. Defender isso é totalmente despropositado", avaliou Molina.

Antigamente, o eleitor escrevia o nome ou o número do candidato em uma cédula de papel, que era depositada em uma urna de lona. A contagem era manual, feita por "juntas apuradoras" sob responsabilidade da Justiça Eleitoral. O processo levava dias e até semanas.

Hoje, o voto é feito em urnas eletrônicas, blindadas e sem acesso à internet. De flash cards saem os dados protegidos por codificação para o Tribunal Superior Eleitoral fazer a totalização. A intervenção humana é mínima. Em poucas horas, são conhecidos em todo o país os vencedores das eleições.



Foto: Agência Estado

Atualmente, o sistema de votação no Brasil é feito por meio de urnas eletrônicas, blindadas e sem acesso à internet, e a intervenção humana é mínima

+ "Havia esquemas circulando em mesas de apuração"

Na eleição citada por Alcir Molina, o juiz eleitoral responsável por coordenar a recontagem de votos suspeitos era Luiz Fux, hoje presidente do Supremo Tribunal Federal. Fux apontou suspeitas de irregularidades e passou a receber ameaças de organizações criminosas. "Havia muitos esquemas circulando nas mesas de apuração. Muitos usavam o esquema de comprar votos da mesa apuradora", afirmou Molina.

Molina estima que mais de 40% das urnas do Rio tenham sido alvo de suspeitas. Como o Estadão mostrou em maio, o Rio lidera o ranking de inquéritos eleitorais abertos pela Polícia Federal entre 2013 e 2020.

Dois anos depois da eleição de 1994, o país experimentou pela primeira vez a urna eletrônica - como mostrou o Estadão, uma varredura da PF em todas as superintendências do órgão não identificou nenhum caso de

fraude até agora envolvendo o modelo usado hoje.

Em 1990, em Alagoas, a eleição teve votos em papel anulados por fraudes. O TRE alagoano detectou irregularidades em 117 urnas de Maceió e de outros municípios. No Estado com histórico de violência política, as fraudes funcionaram de diferentes formas.

Na capital, votos brancos e nulos eram convertidos em válidos. Também houve o chamado "mapismo", a adulteração de boletins de apuração. Já no interior, urnas chegaram aos locais de votação com cédulas já preenchidas - com caligrafias semelhantes. Houve afastamento de juizes, casos de compra de votos com cestas básicas e de títulos de eleitor falsos.

Seções fraudulentas

As eleições no país registram fraudes desde a Primeira República (1889 a 1930). "Era

comum, para governo e oposição, alistar pessoas falecidas, fazer as mesas eleitorais - incumbidas de organizar as seções eleitorais e contar os votos após o fechamento das urnas - forjar atas de seções fraudulentas", disse o cientista político e professor da USP Paulo Ricci, organizador do livro As Eleições na Primeira República, em parceria com o TSE.

/// Era comum, para governo e oposição, alistar pessoas falecidas, fazer as mesas eleitorais - incumbidas de organizar as seções eleitorais e contar os votos após o fechamento das urnas - forjar atas de seções fraudulentas ///

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Poty e o teatro de Itabaiana

"Todas as ruas vão dar na mesma praça: a memória"
(André Ricardo, poeta)

Li, não sei onde, que o escritor inglês George Orwell resumiu as quatro razões que levam um sujeito a escrever, que são o egoísmo, o entusiasmo estético, o impulso histórico e o propósito político. O cara egoísta escreve para aparentar sabedoria e ser admirado. Já o que escreve por entusiasmo estético, o que quer mesmo é dividir com os outros suas experiências literárias. Quem escreve por impulso histórico é aquele pesquisador, na ânsia de descobrir os fatos verdadeiros. Os doutrinadores escrevem com propósito político, no intuito de "fazer a cabeça" dos seus leitores sobre a sua ideologia.

Eu penso que escrevo por impulso histórico. Tenho vontade de guardar para a posteridade os fatos que vivenciei. Não sou nenhum historiador, apenas um sujeito nostálgico, preocupado com as novas gerações, nitidamente incapazes de refletir sobre seu passado por falta de elementos históricos que as introduzam no passado de sua própria comunidade.

Sobre isso, recebo mensagem do professor José Lusmá Felipe dos Santos, que morou em Itabaiana na década de 70.

A partir do parêntese, com a palavra o nosso Poty, como é mais conhecido:

"Parabenizo-o por divulgar as notícias de ontem e de hoje de nossa terrinha, Itabaiana. O meu interesse por artes cênicas começou muito antes mesmo da criação do grupo de teatro de improviso (era assim que nós chamávamos o grupo de teatro experimental) do Colégio Estadual Dr. Antonio Batista Santiago. Esse grupo se reunia semanalmente, preferencialmente aos sábados, e chegou a levar uma peça de improviso no auditório do Colégio Estadual, no dia dos funcionários públicos, no ano de 1973, e tinha como foco a entrada inesperada de um "bebum" (Poty) em uma festa. Era um grupo muito pequeno, umas onze pessoas. Só me vem à memória os primeiros nomes de algumas pessoas, Palhano, Sueli e David, que tem frequentemente lhe escrito.

Voltando ao tempo antecedente ao de 1973, nos idos de 1965 a 1968, no antigo Ginásio Estadual de Itabaiana (GEI), através de seus diversos grêmios literários, desenvolvemos diversas atividades nas artes cênicas. Lembro das peças "O Jovem Filho Pródigo", uma adaptação da parábola bíblica do filho pródigo, como também uma montagem da peça "O Boi e o Burro a Caminho de

Belém", de Maria Clara Machado, entre outras pequenas encenações, além de declamações de alguns clássicos da poesia brasileira e francesa - estas com versão em português, dança, pintura e canto orfeônico. O grupo de canto orfeônico do GEI sempre brilhava no dia do noitário de maio do Ginásio Estadual em nossa Igreja Matriz - era um sucesso, e sempre esperado pelos fiéis católicos!

Todas estas atividades foram desenvolvidas com o incentivo de Diretor do GEI, Doutor José Francisco de Almeida - também Promotor Público - e de sua esposa, Professora de Música, exímia no piano, Dona Gilka. Foram anos que propiciaram a revelação de valores, como José Gonçalves (Brasinha), Werber Veloso e José Maria Filho, músicos. A lista é imensa, que prefiro não declinar para não cometer injustiças. Eles próprios virão, neste espaço por você criado, prestar seus depoimentos do tempo da brilhantina!

Quanto, a mim, por força da atividade de funcionário público, me limito a atuar na sala de aula, como facilitador do Sebrae-PB e professor de cursos de pós-graduação na área de Gestão Pública. Espero que este outro filho adotivo da terra, Romualdo Palhano, venha também brilhar nas terras lá do Norte de nosso país".

Francilene Procópio Garcia,
Mestre em Ciências da Computação e doutora em Engenharia Elétrica

Avanço na ciência e tecnologia é um exercício da coletividade

Professora Francilene Procópio Garcia, secretária da SBPC, comenta os desafios futuros para a Paraíba na área da inovação

Márcia Dementshuk e

Renato Félix

Assessoria Sect/PB

Francilene Procópio Garcia tem uma grande trajetória na gestão de políticas públicas em ciência e tecnologia. É uma das pessoas de maior cacife para fazer uma análise crítica a respeito de como a Paraíba pode se fortalecer nessa área daqui para a frente. A professora – mestre em Ciências da Computação e doutora em Engenharia Elétrica, ambos pela UFPB – foi secretária executiva de Ciência e Tecnologia pelo estado da Paraíba entre 2011 e 2018, sendo presidente do Conselho Nacional de Secretários para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação entre 2015 e 2018.

Atualmente está na secretaria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), eleita este ano, integrando a nova diretoria que tomou posse no último dia 23, durante a reunião anual da entidade. E está coordenando o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Nesta entrevista, ela fala sobre os desafios para o desenvolvimento da Paraíba sob o ponto de vista da ciência, tecnologia e inovação, além do marco legal da área que vai tramitar na Assembleia Legislativa.

A entrevista

Qual a sua visão sobre a política de ciência e tecnologia no Brasil e na Paraíba?

Vou começar do contexto nacional para chegar no local. Acho que o Brasil tem padecido nos últimos anos pela ausência de uma política pública de Estado, mesmo, com relação à ciência, tecnologia e inovação. Por mais que a gente tenha alguns cientistas renomados conectados internacionalmente, muitos deles desistiram de atuar em instituições brasileiras e foram atuar lá fora. Por mais que a gente tenha durante algum tempo investido no aumento da oferta da educação de nível superior de qualidade, a gente ainda não tem como contar com uma política de Estado.

E por que essa ausência?

As políticas são descontínuas, os recursos são descontinuados. Para

/// Fazer ciência em qualquer lugar do mundo leva tempo. E obviamente que as condições atuais no nosso país são completamente adversas ///

um cientista, projetar uma carreira no país é quase que uma aventura impossível. Porque ele não consegue saber quais são os projetos para que ele vai ter apoio, quais são as instituições com que ele vai fazer parceria, quais são as entregas de que a sociedade vai usufruir, por falta de condições de um planejamento.

Fazer ciência em qualquer lugar do mundo leva tempo. E obviamente que as condições atuais no nosso país são completamente adversas. Quando a gente olha para alguns centros, como o estado de São Paulo, que tem a sorte de contar com uma fundação de amparo à pesquisa que tem praticamente o mesmo volume de recursos que é investido na soma das nossas agências federais, você caracteriza um Estado de uma maneira

extramente desigual em relação aos outros. Então além da ausência de política pública de Estado, a gente tem as desigualdades, que são parte da nossa sociedade.

A Paraíba sofre com esse tipo de desigualdade?

Um Estado pequeno como o nosso não tem recursos orçamentários públicos para, no patamar e na escala que nos teríamos condições, gerar desenvolvimento científico e tecnológico da maneira correta. Porque são várias prioridades: quando você monta a equação, a repartição é sempre menor para a área de ciência e tecnologia. Então, a gente lida com o problema da falta de reconhecimento da União, o problema do tamanho da nossa economia, e obviamente quem tem uma terceira questão aí que são as prioridades.

E já avançamos no combate a essas dificuldades?

Acho que um dos primeiros saltos foi a criação do marco legal. A Constituição Federal já colocava como obrigatoriedade investimentos em educação, ciência e tecnologia. Ela incorporou na emenda constitucional 85, de 2015, a obrigatoriedade dos investimentos em inovação – está tudo investigado.

A emenda deu um direcionamento para o marco legal que foi a questão da simplicidade: buscar a segurança jurídica sem muita burocracia. Isso foi importante: inclusive com relação à prestação de contas dos projetos de pesquisa. E aí veio a lei de 2016, que foi regulamentada em 2018 e que faz parte do nosso marco legal. Várias ramificações disso surgiram ao longo do tempo. Então a gente chega em 2021, em meio a uma pandemia, que nos traz novos desafios, com um marco legal muito mais a favor de uma nação que quer ser independente e autônoma nos investimentos que pode fazer em tecnologia e inovação.

Mas esse é o marco legal federal, não é? O estadual precisa fazer adaptações?

Pela própria diversidade e pelo tamanho do país, existem regramentos que são gerais e existem regra-

Francilene Procópio Garcia está coordenando o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação



Foto: Divulgação

mentos que têm que espelhar realidades específicas. Por exemplo, aqui no Nordeste a gente tem uma escassez hídrica, que tem que ser tratada como uma das prioridades. A gente tem um conjunto de características, regionalmente falando, que precisam estar espelhadas nesse novo marco legal. E acho que a Paraíba, de maneira acertada, dá um novo passo. Era

/// Acho que um dos primeiros saltos foi a criação do marco legal. A Constituição Federal já colocava como obrigatoriedade investimentos em educação, ciência e tecnologia ///

necessário que a Paraíba fizesse sua lei existir.

Quais são os principais avanços desse marco legal estadual?

Tem três coisas aí que acho fundamentais. Primeiro, organizar essa governança. Entender quem é quem no sistema local. Quais as missões e papéis de cada um, conectá-los melhor, criar um ambiente de discussão para que essas prioridades sejam melhor entendidas. Se eu tenho um bioma que pode ser útil, tenho que ter políticas orientadas pra ele. Se quero melhorar a formação dos nossos alunos, é preciso prepará-los desde cedo.

O segundo eixo é a captação de recursos. O Brasil é muito criticado pelo percentual do PIB que investe em ciência, tecnologia e inovação. A Paraíba não é diferente desse pata-

mar em relação ao país. Esse é um ajuste que a própria PEC do marco legal vai tentar fazer. Mas uma das coisas que o marco legal traz de novo é uma aposta de que, para que a gente tenha menos descontinuidade na oferta de recursos e planos de voo de maior duração, a gente precisa ter uma equação entre público e privado melhor resolvida. Com uma governança bem estruturada e novos modelos de fomento, a engrenagem como um todo vai se fortalecer.

E o terceiro eixo?

Quando a Paraíba lança, junto com o marco legal, um conjunto de instrumentos de fomento que chega aí a 23, 24 milhões de reais, com recursos do tesouro estadual, para bolsas de iniciação científica, pós-graduação, auxílio à pesquisa, é um exemplo de que o Estado está fazendo uma escolha. Inclusive atuando de maneira mais firme, na ausência do Governo Federal. O que eu posso dizer disso? Que a Paraíba vai ter algum diferencial em relação a estados que não estão tendo a mesma oportunidade de, nesse momento de crise, contar com a nossa Fapesq.

O terceiro eixo é esse, criar as estratégias de longo prazo e fazer planejamentos de longo prazo e ancorar isso em instituições, digamos assim, que têm menos mudanças transitórias, que é o caso de governos. Apostar em ecossistemas de inovação no estado da Paraíba é um caminho também importante. A gente já tem polos implantados já há mais tempo em cidades como Campina Grande. Apostar no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação é necessário, no sentido até de olhar para o centro

histórico de João Pessoa no sentido de requalificá-lo.

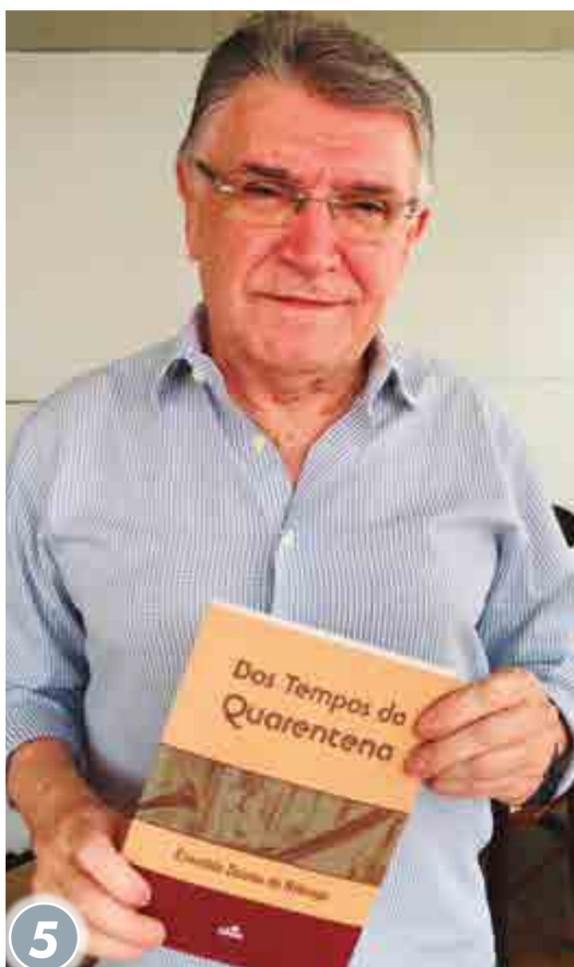
Mas o Estado deve ser o único responsável nessa equação?

Essa discussão é coletiva. Esse é outro ponto importante. Não dá pra fazer ciência, tecnologia e inovação de maneira isolada. Nem a

/// Não adianta o Estado ditar uma regra se a prefeitura não acompanhar, se o setor empresarial não concordar, e por aí vai. O exercício desse avanço é coletivo ///

academia isoladamente, nem o governo, nem as empresas, nem ninguém. Seja em qualquer temática que você vá discutir, o engajamento da sociedade é múltiplo, diverso. A gente aprendeu muito no exercício do combate à pandemia. Não adianta o Estado ditar uma regra se a prefeitura não acompanhar, se o setor empresarial não concordar, e por aí vai. O exercício desse avanço é coletivo. E cabe a cada um identificar qual é sua missão e o seu papel.

É um trabalho complexo que precisará ter essa continuidade, senão tudo o que foi feito até agora se desmonta. Cai por terra. Eu acho que a Paraíba tem feito uma trajetória boa de construção. O fruto dessas boas iniciativas vai ser muito importante para o Estado.



1 Cícero Lucena Filho, Pérola Farias da Franca, Ezilda Rocha, Zara Marsicano, Rose Silveira, Walter Aguiar, Regina Medeiros Amorim, Maria Júlia Ferrer, Anália Vieira e Cláudia Carvalho são os aniversariantes da semana.

2 A chapa API Unida e Renovada, liderada, respectivamente, pelos jornalistas Marcos Wéric e Karla Alencar, na presidência e na vice-presidência da Associação Paraibana de Imprensa (API), venceu as eleições realizadas na sexta (23) e no sábado (24), com 98,9% dos votos válidos. O secretário de Comunicação Social da Prefeitura de João Pessoa, Marcos Vinícius (na foto, entre Marcos Werick, Janildo Silva, Edilaine Ferreira e Karla Alencar) prestigiou o pleito.

3 A minha prima Rosilda Xavier e seu marido, Marcos Medeiros, que há muitos anos moram na capital baiana, receberam os amigos Claudino Ferreira e Fátima Dantas com elegante almoço em Salvador. Os amigos, que têm suas origens em Patos, aproveitaram o momento para relembrar histórias da Capital do Sol.

4 O ex-Senador Raimundo Lira (na foto, com Francelino Soares), residente em Brasília, é um desses cajazeirenses natos de quem se pode dizer: "Saiu de Cajazeiras, mas Cajazeiras nunca saiu dele!". É um saudosista que gasta horas quando encontra algum conterrâneo que, como ele, viveu os anos 1950 e 1960 na terra do Padre Rolim. Quem afirma isso é o Professor Francelino que, com ele manteve um longo diálogo telefônico, em que ambos rememoraram tempos saudosos vividos naquela comuna sertaneja.

5 Nos Tempos de Quarentena é o título do novo livro do jurista e escritor Everaldo Dantas da Nóbrega. O autor, que tem mais de sete obras publicadas, presenteou esta colunista, que tem se encantado com o primoroso trabalho.

6 O governador João Azevêdo, sempre em busca de ações que visam o bem-estar da população paraibana, visitou o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita e, na ocasião, entregou dez leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Endovascular e mais um serviço de hemodinâmica que representa um investimento de R\$ 2,1 milhões de recursos próprios. Recebido pelo diretor-geral da unidade de saúde, Antônio Pedrosa, o chefe do executivo estadual constatou que essas ações asseguraram um melhor atendimento na alta complexidade, facilitando também diagnósticos e procedimentos nas áreas de cardiologia, neurologia e angiologia.

7 A Prefeitura de João Pessoa iniciou, na última quinta (29), a programação de retorno às atividades presenciais com o lançamento, pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), da exposição "João Pessoa em linhas e cores", no Hotel Globo. A mostra acontece nos dois salões e ficará aberta todos os dias das 8:00h às 17:30h, com entrada gratuita.

8 A Royal Trudel, empresa que elabora o famoso trudel, doce romeno muito popular em cidades como Praga e Budapeste, terá loja presencial, a partir do mês de agosto, no Manaira Shopping. A marca, que na Paraíba é representada pelos empresários Robson Espínola e José Gadelha, vai nos presentear com uma deliciosa massa assada no espeto com açúcar e canela, com textura leve, macia e muito saborosa, acompanhada de coberturas, sorvete, biscoito.

9 Entre os dias 14 e 23 de outubro, jornalistas abrajetianos vão se encontrar durante Congresso da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo, na cidade de Santarém, no Pará. A foto registra o hotel Barrudada, uma das unidades hoteleiras que vai abrigar os congressistas.

10 O Mundo das Tintas, empresa que faz parte do cotidiano dos paraibanos, com tradição na qualidade dos produtos, serviços e atendimento, é patrocinador master do Troféu Presença Digital. Realizado pela RC Comunicação e Vivass Assessoria & Comunicação, o evento acontecerá neste mês de agosto com transmissão ao vivo pelo YouTube. O empresário Cley Miranda (foto) está entusiasmado com o evento que promete ser espetacular.



Legislação ajuda os jovens na busca pelo primeiro emprego

De janeiro a junho deste ano, a contratação de pessoas com base da Lei da Aprendizagem aumentou 24% no estado

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A recepcionista Rafaela Miguel, 20 anos, trabalha em um hospital de João Pessoa, das 13h às 19h. Uma vez por semana, ela participa das aulas do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), pois essa é uma das exigências que consta no seu contrato de trabalho, viabilizado pela Lei da Aprendizagem (a Lei Nº 10.097/2000), que esse ano completará 21 anos de existência. Conhecida como Lei do Jovem Aprendiz, o dispositivo tem o objetivo de dar a primeira oportunidade

de de emprego ao jovem entre 14 e 24 anos em todo o país, conciliando o ensino teórico com atividades práticas no mercado de trabalho.

No Brasil, o número de vagas ofertadas para este público no primeiro semestre de 2021 aponta crescimento de 27% em relação ao último semestre do ano passado. Na Paraíba, a situação é semelhante. De janeiro a junho deste ano, comparado aos últimos seis meses de 2020, o aumento de oportunidades chegou a 24%. "O que vimos como um crescimento, na verdade representa uma retomada, devido à pandemia, pois muitas empresas fecharam ou não contrataram no ano passado", justificou Andrea Cruz, supervisora do CIEE na Paraíba.

Segundo ela, a Lei de Aprendizagem é de extrema importância para o jovem porque oportuniza a esta parcela da sociedade ter experiência profissional, ou seja, o primeiro emprego. "A legislação alia a teoria à prática. Então, ao final do contrato, que pode ser de até dois anos, o jovem recebe um certificado que vai validar toda experiência adquirida nesse período".

Segundo ela, outro ponto positivo é que muitas empresas acabam absorvendo esses trabalhadores. Na Paraíba, cerca de 47% dos jovens são efetivados pela empresa após o término de seus contratos como aprendizes. Os dados são do ano passado, já que o levantamento nacional deste ano ainda não foi divulgado.

Mas, para atuar como jovem aprendiz é preciso se enquadrar em alguns critérios. Estão aptas a uma das vagas, pessoas que tenham concluído ou não os ensinos Fundamental ou Médio, que se encaixam

Andrea Cruz lembra a importância da legislação para incentivar os jovens a buscar inserção no mercado de trabalho sem que haja descuido da formação escolar



Rafaela Miguel iniciou a experiência como jovem aprendiz e diz que pretende investir na formação escolar para permanecer na empresa

xe na faixa etária do programa, e que ainda não foram matriculadas no Ensino Superior.

Educação em dia

No contrato de trabalho deste público também consta que ele não pode ser reprovado por falta, por isso a legislação ainda é incentivadora da aprendizagem, seja no ensino regular (Fundamental e Médio) ou nas aulas aplicadas nas unidades de capacitação, como o CIEE. Andrea Cruz contou que a convivência dentro da empresa faz com que os aprendizes almejem um crescimento profissional, ou seja, ascensão na vida.

E se depender da jovem aprendiz Rafaela Miguel, planos não faltam. Ela contou que começou a trabalhar cedo para ter mais responsabilidade e como atua em um ambiente hospitalar, já decidiu qual carreira pretende seguir. "Minha expectativa é ser efetivada e fazer um curso em técnico de enfermagem. Se depender de mim, ou trabalhar por muitos anos na empresa", revelou.

Rafaela concluiu o Ensino Médio há dois anos e hoje em dia se dedica ao trabalho. Mesmo estando na função há apenas seis meses, ela não apenas já se adequou à rotina, como não esconde a alegria em poder participar da equipe. A recep-

cionista afirmou que sente que está crescendo como profissional. "Amo o que faço", confessou.

Na Lei da Aprendizagem consta que empresas de médio e grande porte, além de órgãos públicos, devem ter entre 5% e 15% do seu quadro de funcionários formado por jovens com idade entre 14 e 24 anos. O objetivo principal é inserir esse público no mercado de trabalho.

Portanto, este é um dispositivo legal, cujo cumprimento é obrigatório aos empreendimentos que se enquadram neste perfil de empresas. "A legislação é muito boa, favorece jovens de muitas classes sociais, sobretudo os mais vulneráveis. Agora, a fiscalização deveria ter mais braços para saber se ela está sendo cumprida", alertou a supervisora do CIEE Paraíba, Andrea Cruz.

Saiba mais

Áreas procuradas

Na Paraíba, as áreas mais contratadas, segundo o CIEE Paraíba, são a de ocupações administrativas, seguidas de comércio e varejo, com leve alta para o segmento de alimentação. Antes da pandemia, as aulas no CIEE e a atuação nas empresas eram presenciais. Mas depois da covid-19, a capacitação teórica passou a ser feita por meio de uma plataforma on-line, e muitas empresas também deixaram os jovens atuando em home office. No CIEE Paraíba as atividades ainda estão ocorrendo de forma remota.

Benefícios ao patrão

A Lei da Aprendizagem não beneficia apenas o jovem trabalhador, mas também o empreendedor. Segundo a supervisora do CIEE Paraíba, Andrea Cruz, o empresário, além de cumprir com a legislação vigente, conta com as facilidades da lei, pois, entre os diferenciais, tem redução de FGTS (somente 2%, ao invés de 8%), e o Jovem Aprendiz recebe salário por hora trabalhada. "O empresário ainda está investindo em profissionais, em talentos, que poderão fazer parte do seu quadro efetivo de funcionários", destacou Andrea.

Continua na página 18



Foto: Arquivo pessoal

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Como elaborar um bom plano de gestão municipal

Uma prática pouco utilizada pelos gestores municipais, como forma de orientar os passos de uma administração eficaz é a elaboração de um Plano de Gestão reunindo todos os interessados no futuro bem sucedido do município, para descobrir seus melhores momentos e possibilidades, sonhar com um futuro de sucesso que reflita o interesse da sua população, dialogando sobre possíveis caminhos para chegar ao tão desejado sonho de se alcançar o estágio de melhor cidade/município para trabalhar e viver.

É importante conhecer e alinhar os sonhos da comunidade, levantar sugestões de propostas para o seu desenvolvimento sustentável, descobrir e potencializar as fortalezas do município, bem como servir de base na construção de um planejamento estratégico para se atingir um futuro próspero.

Necessário se faz motivar os participantes frente à visão da construção de uma nova gestão para o município, compartilhando as melhores experiências de cada participante no que se refere ao desenvolvimento, com base no

conhecimento sobre a realidade local e também nas lições aprendidas.

A título de sugestão, apresento uma das metodologias mais eficazes para esta formulação. Falo da investigação apreciativa, desenvolvida pelo Dr. David L. Cooperrider, professor da Universidade Case Western Reserve University, em Cleveland, Ohio – EUA, considerado o melhor neste tema. O Dr. David desenvolveu estudos para otimizar o potencial das pessoas, permitindo que através da descoberta das experiências positivas as mesmas criem seus sonhos, para em seguida definir e implantar uma visão de futuro.

Esta metodologia busca obter resultados através de intervenções que são inclusivas, participativas e celebram as melhores contribuições das pessoas e das suas práticas. Sendo assim, investigação apreciativa é uma busca em colaboração para identificar e entender as fortalezas dos sistemas sociais, seu potencial, as melhores oportunidades e as esperanças de futuro das pessoas, para utilizar toda a força do sistema na construção de um futuro desejado por todos. Esta metodologia consiste em quatro

etapas, o chamado ciclo dos "4-D" que em inglês quer dizer: Discovery (descoberta), Dream (sonho), Design (planejamento) e Destiny (destino).

Na fase da descoberta, a metodologia da investigação ajuda a fazer uma reflexão sobre os momentos de glória que o município vivenciou, de total sucesso e eficácia comprovada. É nesta fase que os atores que o representam descobrem todas as forças existentes, encontrando-se preparados para criar uma visão de futuro desafiadora e estimulante para todos.

Quanto aos sonhos, é exatamente nesta fase que a instituição (prefeitura) cria uma visão de futuro compartilhada. Com todas as emoções positivas presentes sobre as fortalezas do ambiente, as pessoas se sentem preparadas e confiantes para construir juntas o seu futuro.

Na sequência, entra-se na fase do planejamento, quando os participantes sistematizam a visão compartilhada através da construção de um plano de ação. Há uma transformação dos sonhos em projetos concretos de trabalho.

Na fase do destino, o grupo reflete sobre a melhor estrutura organizacional para o alcance de uma visão que seja consistente com os princípios criados nas fases anteriores. A pergunta central desta fase é: como devemos organizar os nossos trabalhos para que a trajetória em direção a visão seja bem sucedida?

A investigação apreciativa representa uma eficaz metodologia, tanto no mundo dos negócios, quanto em sistemas mais complexos. É uma iniciativa ousada que rompe os paradigmas para o processo de planejamento estratégico, mudando o foco tradicional, direcionado na solução de problemas para o resgate de todos os sucessos alcançados pela organização ou município nos últimos anos e capitalizando o amplo potencial das pessoas.

O que se pode esperar em termos de resultados é a criação de uma série de propostas para o desenvolvimento sustentável, inclusive no que se refere à defesa do meio ambiente, geração de ocupação e renda, incluindo as atividades produtivas, bem como a saúde, educação, infraestrutura e desenvolvimento social.

Tempo de trabalho deve estar em harmonia com os estudos

Contratados com base na Lei da Aprendizagem devem participar de cursos de capacitação que conciliam teoria e prática

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Atuando como psicóloga do trabalho há cerca de 15 anos, a professora universitária Maria Helena Moraes já participou da seleção de muitos profissionais, inclusive de jovens aprendizes. De acordo com ela, apesar dos benefícios que esse dispositivo legal traz para empregado e empregador, ainda precisa de alguns ajustes. Maria Helena declarou que uma das queixas do jovem é o tempo que passa no curso de capacitação, já que a legislação preconiza a conciliação da teoria e a prática.

Conforme a Lei da Aprendizagem, inicialmente o jovem trabalha quatro dias por semana na empresa onde foi contratado, e um dia por semana deve participar das aulas na unidade que oferece a capacitação, como o CIEE. Depois de um determinado período, essa capacitação passa a ser dois dias por semana.

“Apesar de estarem cientes da importância da capacitação teórica, muitos jovens se queixam, e dizem que aprendem mais dentro da empresa, porque estão próximos do ambiente profissional. Grande parte dos jovens diz que quando passa a participar mais da parte teórica, perde a continuidade do trabalho. Esse é um quesito da lei que poderia ser revisto”.

Mas de uma forma geral, a psicóloga analisa a legislação como sendo benéfica para o patrão e o empregado. Ao longo da carreira, Maria

Helena contou que os jovens costumam ser profissionais que se adequam rapidamente ao dia a dia no trabalho, são engajados e têm facilidade de comunicação.

Já a supervisora do CIEE Paraíba, Andrea Cruz explicou que a legislação poderia ampliar o rol de empresas incluídas na Lei Nº 10.097 “para que mais jovens fossem beneficiados”.

Experiência

Para quem consegue conciliar a atividade estudantil com a profissional, a experiência é positiva, conforme descreve Safira Farias Rocha, 22 anos, que em outubro de 2019 começou a trabalhar como jovem aprendiz em uma empresa de call center de João Pessoa. “Essa experiência me abriu portas. Me ensinou a estar preparada para um ambiente corporativo”. A jovem, que já concluiu o Ensino Médio, afirmou que optou pela oportunidade porque gostaria de obter experiência profissional “e porque estava precisando”, confessou.

Além da capacitação que recebe, do entrosamento com o universo profissional, da abertura de possibilidades no mercado de trabalho, ela destacou que as amizades conquistadas foi um dos pontos que mais gostou.

Apesar de não ter expectativa em continuar na empresa após o fim do contrato, Safira já tem algumas metas traçadas para a vida. “Espero que no futuro, eu esteja formada, bem estabelecida e bastante feliz”.



Foto: Roberto Guedes

Safira Farias é um exemplo de aprendiz que começou a trabalhar para ajudar no orçamento familiar

Como se inscrever para vagas

- Antes de mais nada é preciso ter documentos pessoais: carteira de trabalho, de Identidade (RG) e CPF.

- Por meio do site www.ciee.org.br é necessário fazer a inscrição, onde é gerado login e senha.

- Concluído todo o procedimento, é preciso acompanhar o surgimento de oportunidades.

- Além de vaga de trabalho, o CIEE também oferece cursos on-line aos jovens de forma gratuita. As dúvidas podem ser esclarecidas por meio do telefone (83) 3003-2433.

SAIBA MAIS

Apesar de aparentemente semelhante, ser estagiário é diferente de atuar como jovem aprendiz. A principal diferença entre as duas modalidades é que o contrato como aprendiz é regido pelo regime da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), com carteira assinada. No caso do estagiário, a contratação ocorre com base numa lei própria para este segmento, a Lei 11.788/08, a qual não prevê vínculo empregatício por se tratar de uma atividade educacional. O estagiário também não é obrigado a cumprir atividades teóricas durante o período de contrato, apenas a matrícula na escola regular (no Ensino Médio, Médio Técnico ou Superior) é suficiente.

+ Pandemia afetou mercado e contribuiu para tirar jovens da escola

A pandemia foi um fator que agravou o quadro social das famílias brasileiras, e os mais jovens foram especialmente afetados. Segundo o Atlas da Juventude do mês de junho, houve um aumento no número dos chamados jovens “nem-nem” no país. Se no ano passado essa população era de 10% no país, em junho deste ano o índice subiu para 16%.

“O jovem nem-nem é aquele que nem estuda, nem trabalha, como aquele que terminou o Ensino Médio, não conseguiu emprego, nem ingressar no ensino superior”, declarou Andrea Cruz, supervisora do CIEE-PB.

Segundo o levantamento, entre os jovens consultados que não estão trabalhando, 30% não estão estudando. A grande maioria, porém, está na batalha por um “lugar ao sol” e continua procurando alguma colocação. Dentre estes, 40% estão nessa busca pela primeira vez.

Dentre os jovens que não estão trabalhando, 60% não tiveram qualquer atividade remunerada neste período. Os 40% restantes obtiveram alguma renda na informalidade ou no trabalho autônomo. O Atlas da Juventude destaca ainda que destes, 20% fizeram trabalhos pontuais sem carteira assinada, e 10% trabalharam por conta própria ou abriram um negócio, o que revela uma crescente vontade ou necessidade de empreender.

Ao falar do impacto da pandemia na vida do jovem, a presidente da Federação

Paraibana de Empresas Juniores, Sabrina Batista da Silva, declarou que, como uns dos setores que mais empregam são comércio e serviço, e eles foram bastante afetados no último ano, consequentemente acabou repercutindo na vida dos mais jovens. “Muitos desses jovens deveriam ser absorvidos por esses setores, mas com as dificuldades da economia, isso acabou não ocorrendo”.

Por outro lado, a presidente-executiva da Confederação Brasileira de Empresas Juniores (Brasil Júnior), Fernanda Amorim, explicou que os jovens que conquistaram uma vaga de trabalho geralmente têm uma jornada dupla, pois, em sua maioria, são também estudantes.

Eles se dividem entre aqueles que dependem financeiramente das famílias para se manter, e aqueles de quem o domicílio necessita da renda para complementar a receita de casa. A presidente do CIEE-PB, Andrea Cruz, ressaltou que, pesquisas apontam que a renda do jovem contribui efetivamente com a receita doméstica. “Em alguns casos, é a principal fonte de renda da família”.

Quando está empregada, a maior parte do jovem exerce função com carteira assinada, isso inclui os aprendizes e os mais velhos. No entanto, há os autônomos, mais comuns na faixa dos 25 e 29 anos, moradores de áreas urbanas. Outros ficam na ajuda doméstica sem remuneração, mas essa prática é mais frequente na faixa dos 15 a 17 anos de idade, nos jovens que residem em área rural.



Foto: Freepik

Jovens se dividem entre os que dependem financeiramente das famílias e aqueles que ajudam no orçamento

Direitos e deveres da Lei da Aprendizagem

- O contrato do Jovem Aprendiz com qualquer empresa não pode ser editado, ou seja, o período de contratação (que pode ser por até dois anos) é definido logo no ato da contratação, não podendo ser estendido ou reduzido após esse momento;

-A jornada de trabalho tem de ser conciliada com o período de capacitação do jovem, seja na instituição formadora ou escola regular;

-No ato da seleção ou contratação, o empregador não deve cobrar do jovem experiência prévia no mercado de trabalho;

-O jovem aprendiz tem de ter a carteira assinada e todos os direitos trabalhistas garantidos como vale transporte, férias, 13º salário e recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS);

-Eles devem receber o salário mínimo conforme a hora trabalhada;

-Para este público, a jornada máxima de trabalho é de até seis horas para aquele que não concluiu o Ensino Fundamental, e de oito horas para quem já concluiu. Nos dois casos, devem ser consideradas as horas reservadas às atividades teóricas e práticas.

-O jovem que não tenha concluído o Ensino Médio, precisa, obrigatoriamente, estar matriculado e frequentando a escola;

-O aprendiz deve manter a frequência mínima na aprendizagem teórica e prática, podendo perder a vaga caso não mantenha.

Patrícia Rossini
professora e pesquisadora

“As plataformas são ineficazes contra a desinformação”

Combate às “fake news” passa pela punição aos responsáveis, com o cancelamento de contas, aponta Patrícia, especialista em comportamento nas redes sociais em tempos de eleição

Levy Teles
Agência Estado

Cerca de seis em cada dez brasileiros usam o WhatsApp e oito em cada dez têm conta no Facebook. Num país com mais de 200 milhões de habitantes, controlar a enxurrada de conteúdo - e de desinformação - será um desafio para as eleições de 2022. Para a professora e pesquisadora Patrícia Rossini, do Departamento de Comunicação e Mídia da Universidade de Liverpool, apenas a checagem do que é publicado nas redes sociais como tática de combate à desinformação não é o suficiente. “Cancelar contas da plataforma, tirar do ar quem espalha desinformação, isso me parece - pelo menos foi nos EUA - bastante eficaz. Todas as pessoas que saíram das plataformas perderam muito o alcance”, disse Patrícia, que acompanhou as duas últimas eleições presidenciais americanas e seu comportamento nas redes.

A entrevista

Existem particularidades do Brasil em relação ao consumo e difusão de notícias?

Uma tendência que a gente observa no Brasil é o crescente uso de WhatsApp como fonte de informação. Hoje, no Brasil, Facebook e WhatsApp são usados numa intensidade muito similar para o consumo de notícias, o que é algo bastante particular do Brasil. Eu me pergunto muito o que as pessoas consideram notícia.

/// O custo para a democracia, para as instituições e para o processo eleitoral é muito grande. E há o custo de não agir. O custo da inação talvez seja mais alto. ///

Vimos publicações de Donald Trump serem censuradas. É possível uma reação parecida aqui?

Acho que é possível esperar uma reação mais enérgica durante o período eleitoral, em virtude de uma relação pre-existente entre o Tribunal Superior Eleitoral e essas empresas. O custo para a democracia,

para as instituições e para o próximo processo eleitoral é muito grande. E há o custo de não agir. O custo da inação, em termos de opinião pública, talvez seja mais alto. Ao mesmo tempo, isso não aconteceu ainda fora dos Estados Unidos, uma intervenção mais enérgica das plataformas.

Mas houve alguma mudança a partir da pandemia, não?

Sim. Porque qualquer coisa que você postar que tenha qualquer palavra que eles identifiquem como relacionada à covid, já há alguma informação que te manda o link de órgãos oficiais. Mas, em relação ao discurso político, a tendência dessas plataformas tem sido menos enérgica.

No Twitter, o perfil do deputado Osmar Terra (MDB-RS), por exemplo, divulga desinformação sobre a pandemia do novo coronavírus e a plataforma faz muito pouco para conter.

De maneira geral, as plataformas são muito pouco eficazes no combate à desinformação, e até mesmo na aplicação das próprias regras de moderação fora da língua inglesa. Não há escala nas plataformas para lidar com o volume de desinformação que circula fora da língua inglesa. O Twitter já entendeu que é melhor você tentar coibir o alcance. Tirar recursos como RT (retuíte), reply (resposta dada a um tuíte), eles já entenderam que isso é possível. Não entendo como isso não é feito de forma mais enérgica com usuários com muitos seguidores. Tenho alguma crença de que o que aconteceu nos EUA serviu como um alerta de que é preciso agir mais rápido e, talvez, de forma

preventiva. Mas não sei se isso se transferiria para um pleito eleitoral fora dos EUA.

Isso parece preocupante, se pensarmos no volume de usuários do Facebook e do WhatsApp no Brasil.

Se alguém for atuar de forma mais rígida na eleição, imagino que seja o Facebook. O WhatsApp, sei que eles tentam trabalhar de forma próxima a governos e a órgãos de controle, como TSE, e há uma tentativa de identificar mau uso (da plataforma). A questão do WhatsApp acho que é

/// De maneira geral, as plataformas são muito pouco eficazes. Não há escala para lidar com o volume de desinformação que circula fora da língua inglesa. ///

mais complexa. Enquanto o Facebook poderia, preventivamente, dar informação correta sobre as eleições, mandar para o site do TSE, o WhatsApp não tem acesso a esse conteúdo.

Qual a importância desse posicionamento para as eleições no Brasil?

A gente gostaria de acreditar que é importante que você tenha plataformas com combate à desinformação, direcionando pessoas para fontes de informação que são críveis, relevantes e confiáveis. O problema é: é confiável para quem? Porque você pode mandar para o site do TSE, mas a pessoa precisa confiar no TSE. E se ela não confia?

Como lidar com isso?

Se houver um combate um pouco mais contundente, talvez seja possível. Cancelar contas da plataforma, tirar do ar quem espalha desinformação. Porque isso me parece - pelo menos foi nos EUA - ser bastante eficaz. Todas as pessoas que saíram das plataformas perderam muito o alcance. Tanto é que Trump teve uma tentativa de criar o próprio blog e desistiu porque tinha um alcance muito pequeno. No Brasil, é bastante clara a divisão entre quem confia no governo, no presidente e em seus seguidores, que, de propósito, estão seguindo a cartilha de Trump, colocando questionamento sobre a validade das eleições. Se Osmar Terra sair do Twitter, é possível, sim, que isso tenha um efeito maior. Porque essas pessoas caem no esquecimento se elas saem das plataformas.

Por que apenas a checagem de notícias pode não ser suficiente?

É um assunto problemático. As evidências científicas que nós temos mostram que o que a gente tem sobre eficácia de correção,

seja correção por algoritmo, filtro, fact checking, são evidências mistas. Porque elas podem funcionar, mas funcionam para algumas pessoas, não para outras. Tem uma pesquisa que a indiana Sumitra Badrinathan fez, tentando mostrar como identificar desinformação no WhatsApp. Um mês depois, ela foi ver se as pessoas tinham aprendido, se eram capazes de identificar, e nada. Não adiantou absolutamente nada ter passado uma hora com uma série de participantes explicando para eles. O que ela encontrou é que, para a população em geral, os resultados não são nem melhores, nem piores. Mas, para as pessoas pró-governo, piorou. Ao longo do tempo, eles se tornaram menos capazes, após a intervenção, de identificar desinformação. É isso, são remédios que funcionam, mas não funcionam para todo mundo.

Tivemos, recentemente, a suspensão da conta do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), mas a decisão foi revista pelo próprio Facebook, que disse

ter havido um “equivoco”. Falta transparência nas decisões por parte das plataformas?

Sem dúvida. Elas parecem, na maior parte do tempo, arbitrárias. Todas essas empresas, Facebook, Twitter, tendem a ser muito resistentes a agir contra conteúdo político de desinformação. Porque elas não querem ser acusadas de ser enviesadas. Eles sabem que, ao suspender ou banir Eduardo, vai dar muito problema.

Qual o seu maior receio para 2022?

O que me preocupa mais, no caso brasileiro, é para onde os usuários vão. Twitter, Facebook e WhatsApp estão sob escrutínio há algum tempo e, portanto, estão um pouco mais preparadas para lidar com demandas da Justiça Eleitoral. E nisso há a migração para o Telegram. No Telegram, vale tudo. São grupos de até 200 mil pessoas, um número absurdo. Preocupam essas outras plataformas, que poderiam se tornar perigosas nas eleições.

/// No Brasil, é bastante clara a divisão entre quem confia no governo, no presidente e em seus seguidores, que, de propósito, estão seguindo a cartilha de Trump, colocando questionamento sobre a validade das eleições. ///



Fotos: Divulgação

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



Jackson do Pandeiro inspira nome de peixe "paraibano"



Espécie foi descoberta na Bacia do Rio Mamanguape, que passa por Alagoa Grande, terra natal do Rei do Ritmo

Alexandra Tavares
 lekaip@hotmail.com

Nascido no início do século XIX no município paraibano de Alagoa Grande, o cantor Jackson do Pandeiro, o Rei do Ritmo, é considerado um dos ícones da Música Popular Brasileira e já recebeu várias homenagens. Mas nada se compara à inusitada iniciativa de estudiosos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que associaram o nome do artista a uma nova espécie de peixe pertencente à família dos cascudinhos, "adorado" pelos aquarofilistas. De cor esverdeada, o *Parotocinclus jacksoni*, como já foi batizado, foi descoberto na Bacia do Rio Mamanguape, corpo d'água que passa pela terra natal do cantor.

A nova espécie tem, no máximo, cinco centímetros de comprimento e, mesmo pertencente à família do cascudinho (também chamado limpa-vidro ou chupa-pedra), tem uma coloração diferente das outras espécies do mesmo grupo, com nadadeira caudal transparente nas margens, com uma quantidade de dentes e placas no ventre, distinta dos demais peixes do grupo que vivem na região.

A descoberta ocorreu em uma das investidas dos pesquisadores que fazem parte do projeto de pós-doutorado da UEPB chamado "Diversidade e Conservação

Como é

O *Parotocinclus jacksoni*, da família dos cascudinhos, mede cerca de cinco centímetros e tem coloração esverdeada

da Ictiofauna Continental das bacias hidrográficas da Ecorregião Nordeste Médio-Oriental, Brasil", desenvolvido em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Segundo o coordenador do projeto, o biólogo e professor Telton Ramos, os peixes cascudos geralmente chamam a atenção dos aquarofilistas pela aparência e comportamento. "São peixes relativamente bonitinhos, têm espécies que são escuras, com manchas douradas ou brancas, são relativamente fáceis de criar, e se alimentam do perifiton ('lodo') dos aquários e tanques onde são criados", que é professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UEPB, em Campina Grande, e do Programa de Pós-Gr-

duação em Ciências Biológicas da UFPB.

O biólogo explicou que toda a equipe que integra o projeto é tão fã de Jackson do Pandeiro que surgiu a ideia da nomenclatura que, inclusive, já foi oficializada, uma vez que foi mencionada em um artigo publicado (no dia 16 de julho) no *Journal of Fish Biology*, revista científica internacional. "Como ele (o artista) é natural de Alagoa Grande, uma das localidades onde foi encontrada a nova espécie, a equipe decidiu por esse nome", contou.

Na verdade o nome composto - *Parotocinclus jacksoni* - segue as "regras" científicas. A primeira palavra diz respeito ao gênero ao qual o peixe pertence (*Parotocinclus*), e o segundo (*jacksoni*) é um epíteto, palavra ou expressão que se associa ao um outro nome para qualifica-lo. "Um gênero, geralmente, agrega muitas espécies com as mesmas características, então o nome "*Parotocinclus*" não foi escolhido por nós, e sim por outros pesquisadores que estudaram esse grupo de peixes", explicou o biólogo.

Os estudiosos destacam que a nova espécie tem uma coloração única e até agora, o *Parotocinclus jacksoni* só foi coletado na região de Caatinga da bacia do Rio Mamanguape, sugerindo uma distribuição geográfica restrita, sendo a única espécie desse gênero a ocorrer nesse rio.

SOBRE O PROJETO

- O projeto de pós-doutorado da UEPB "Diversidade e Conservação da Ictiofauna Continental das bacias hidrográficas da Ecorregião Nordeste Médio-Oriental, Brasil" está sendo desenvolvido por uma equipe do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UEPB (PPGEC/UEPB).
- O objetivo principal é estudar a diversidade e conservação dos peixes da região. Segundo o professor Telton Ramos, quando novas espécies são descobertas, elas são formalmente descritas, daí, o registro feito no *Journal of Fish Biology*, no mês de julho.
- O projeto está sendo desenvolvido desde 2018 em, praticamente, todos os rios que ficam entre as bacias dos rios São Francisco e Paraíba (em Alagoas), em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, na Paraíba e no Ceará. A equipe da UEPB conta com a parceria de pesquisadores das Universidades Federal da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

+ Sobrevivência já está sob risco

Mal foi descoberta, e a nova espécie de cascudinho já pode estar correndo ameaça de extinção. O biólogo e professor Telton Ramos explicou que, por se tratar de uma espécie endêmica da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape, ou seja, um tipo de peixe que só ocorre nessa bacia, grandes impactos ambientais no local podem levar o *Parotocinclus jacksoni* à extinção.

Ele contou que a monocultura da cana-de-açúcar na região é muito forte. Então, qualquer grande impacto na drenagem do rio como grande derramamento de agrotóxico, contaminação ou deposição de rejeitos no rio pode ameaçar os peixes. Como as primeiras confirmações da descoberta do novo integrante de cascudo só ocorreram em 2019, ainda não há estudo suficiente para estimar quantos dessa espécie existem no Mamanguape.

Somente quando houver dados que comprovem a quantidade desta nova espécie na bacia, e informações sobre o comportamento do peixe no rio, é que os estudiosos poderão comprovar os riscos pelos quais o *Parotocinclus jacksoni* passa. "A espécie também deve passar por uma avaliação nacional, que é liderada pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Nesta avaliação vamos avaliar se a espécie está ou não ameaçada de extinção", declarou o professor.

Por enquanto, vale o alerta dos pesquisadores para que a população evite contaminar as águas e o entorno do rio, e assim ajudar a preservar a espécie.

"As pessoas podem ajudar, protegendo nossos mananciais, não despejando esgotos, nem lixo nos rios, nem em suas margens", destacou Telton.



COBERTURA

DE DOMINGO A DOMINGO
 FM 105,5 | AM 1.110

BOLETIM OLÍMPICO

1ª edição:
Jornal Estadual

2ª edição:
Fala Paraíba

MOMENTO OLÍMPICO

Durante a programação







Foto: Reprodução/Instagram

Olimpíadas impulsionam a prática do skate na Paraíba

Conquista de brasileiros em Tóquio motiva ainda mais a juventude a adotar um esporte que antes era renegado

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com



Renegado por anos, colocado em segundo plano, estigmatizado, inferiorizado. Sempre foi dessa forma que o skate foi tratado no Brasil. Um esporte que diziam ser de "marginais", coisa de "vagabundo", para "quem não tem o que fazer". Ainda assim, a modalidade sobreviveu, cresceu e cresce, mesmo sob todos os preconceitos, proibições dos pais que, por medo, impedem seus filhos e filhas de praticarem o esporte, apesar da falta de pistas, rampas e espaços adequados - uma realidade na maior parte das cidades do país - ou de apoio perene das esferas públicas e privadas.

Como uma árvore que insiste em crescer, mesmo sem água e com podas contínuas, o skate está aí, mais vivo que nunca e, no maior palco do mundo, os Jogos Olímpicos, em sua primeira aparição, garantiu ao Brasil com Kelvin Hoefler e a "fadinha" Rayssa Leal, de apenas 13 anos, duas medalhas de prata. Conquistas que são simbólicas e escancararam ao país e aos olhares tortos, que esse esporte é mais que brincadeira, é modo de vida, é espaço de transformação e resultados, dentro e fora das pistas, dos parques, das ruas, das praças.

Na Paraíba, as vitórias de Kelvin e, especialmente, da maranhense e nordestina Rayssa Leal, também abrem portas, ao menos é essa a expectativa de quem há anos aguarda por uma oportunidade, por projeção, não só para si, mas para o skate que, além do esporte, deixou evidente, nos próprios Jogos de Tóquio, que extrapola a competição e, efetivamente, trata-se de uma comunidade que supera as barreiras geográficas em prol de uma cultura de irmandade. Formando assim, um espaço onde o propagado "espírito olímpico" é posto em prática não apenas a cada 4 anos, mas sim, todos os dias. Um dos principais locais de skate em João Pessoa é no Retão de Manaíra, pista conhecida como Plaza, além de uma na Lagoa do Parque Solon de Lucena.

784

atletas estão registrados como profissionais na Confederação e apenas dois são da Paraíba



Foto: Marcos Russo

No Retão de Manaíra, em João Pessoa, os jovens aproveitam a pista denominada de Plaza para mostrarem seus talentos, agora mais entusiasmados após o sucesso do esporte em Tóquio

Esporte entrou na vida de Pedro Victor desde os 15 anos

O skate entrou na vida de Pedro Victor aos 15 anos de idade, em Campina Grande. Hoje, aos 34, ele conseguiu, há um ano, um feito ainda raro no país: se tornar um skatista profissional. Ao todo, no Brasil, existem apenas 784 atletas registrados como profissionais na Confederação Brasileira de Skate (CBSK), destes, apenas dois são da Paraíba: Jason Alexander e o próprio Pedro Victor. Essa dificuldade, no entanto, se explica pela necessidade de se ter um patrocínio fixo, além de outros itens como publicações de vídeos nas redes sociais, fotos e matérias em revistas que, geralmente, são vinculadas às principais marcas patrocinadoras da modalidade.

"Começou como uma brincadeira, a maioria das pessoas

iniciam dessa forma. Eu iniciei relativamente tarde, se a gente for levar em conta, por exemplo, a Rayssa Leal que hoje está com 13 e já é medalhista olímpica. Com o tempo, eu comecei a participar de eventos e campeonatos, fui vencendo e pulando de categorias, rapidamente, e a partir daí percebi que estava se tornando algo mais sério, apesar de que no skate, a gente sempre busca evitar levar uma competição como algo que se tem que vencer de qualquer forma ou querendo ser melhor do que os outros. No entanto, para me profissionalizar, oficialmente, pois antes eu já competia, precisei passar a contar com um patrocinador fixo, investir nas redes sociais e somar algumas publicações sobre o meu trabalho", explicou Pedro Victor.



Foto: Marcos Russo

Pedro diz que tudo começou como uma brincadeira para depois tomar gosto pelo skate

Vendas de produtos ligados à modalidade crescem 79%

Tendo começado a andar de skate em Campina Grande, especialmente, na Praça Redonda - principal ponto de encontro dos skatistas da cidade, localizada no bairro do Catolé - Pedro Victor acredita que a presença do skate nos Jogos Olímpicos está sendo positiva para todo cenário do esporte, inclusive na Paraíba.

Um exemplo disso, é o crescimento nas vendas de produtos ligados à modali-

dade. A Netshoes, uma das principais lojas virtuais do país, anunciou um incremento de 79% nas vendas de materiais esportivos da modalidade no dia seguinte à conquista da medalha de prata de Rayssa Leal em Tóquio. Da mesma forma, Pedro Victor que também é proprietário de uma loja de artigos de skate, a Kéfren Skateshop, loja paraibana do ramo, verificou um aumento de 50% no

número de clientes ao longo da última semana, também como efeito dos resultados positivos do skate brasileiro na Olimpíadas.

"Eu vejo esse processo de maneira positiva, pois está havendo uma visibilidade maior, não apenas para as pessoas que já são do skate, mas também para quem nunca viu o skate ou via com outros olhos, com aquela visão de marginalização e

tudo que já sabemos, talvez, agora, essas pessoas passem a respeitar mais. Acredito e espero que agora surjam mais locais apropriados e pistas de qualidade, assim como novos eventos e competições, pois acho que tudo conflui nesse sentido. Porém, é fundamental que esse não seja um momento isolado e que possamos aproveitar ele para fortalecer o skate cada vez mais", explicou Pedro Victor.

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Skate Plaza

Superação de preconceito já é refletido nas pistas

Representatividade olímpica deve mudar o comportamento das pessoas em relação à presença das mulheres, que sempre encontraram barreiras para a prática do esporte

Adriana Augusta Beltrão, hoje aos 24 anos, divide sua rotina entre o mestrado em História na UFPB e andar de skate no Plaza, em João Pessoa, onde circula, fazendo manobras, com a naturalidade de quem tem a liberdade de tomar suas próprias escolhas. No entanto, nem sempre foi assim, na realidade, por quase uma década, ela foi impedida, pela família, a praticar o esporte que, desde os 14 anos amava.

“Eu conheci o skate aos 14 anos. Na época, eu queria andar, mas isso era algo que não era bem visto pela minha mãe e pelo namorado dela, então eu não pude andar naquele tempo, mas foi uma vontade que eu guardei dentro de mim. Quando eu saí de João Pessoa para fazer universidade, em Guarabira, acabei conhecendo uma galera que andava de skate e aí aquela minha paixão adormecida reacendeu. Então comprei meu primeiro skate e comecei a andar com uma amiga que fiz lá, descendo ladeiras e me divertindo. Com o tempo, vendo o pessoal fazendo manobras, eu decidi que queria fazer isso também e foi assim que comecei a andar”, relembra Adriana Augusta.

A história de Adriana Augusta é um exemplo que, infelizmente, ainda é muito comum, especialmente, quando o esporte em questão é o skate. Essa é uma realidade que ela espera que possa ser modificada, mas que ainda persiste, na opinião dela, por duas razões diretamente ligadas à entrada das meninas e mulheres na modalidade.

“Eu vejo essa dificuldade para nós mulheres, dentro do skate, sobre dois aspectos que estão relacionados. Há uma dificuldade inicial para os pais aceitarem e permitirem que as meninas andem, pois existe um preconceito grande, seja por acharem que é um esporte apenas de homens, além dos outros preconceitos que existem em relação ao skate que sempre foi um esporte marginalizado pela sociedade. A outra questão é que, quando você vence essa barreira dos pais e vai para uma pista, esse é um espaço que, majoritariamente, está sendo ocupado por homens e isso é algo que, no começo, deixa a gente acuada. Até aqui, em todos os lugares que andei, sempre fui muito bem acolhida e respeitada,



Foto: Marcos Russo

porém, ainda é raro ver meninas andando e quando a gente encontra, pelo menos eu, fico muito feliz, pois é diferente quando temos outras meninas juntas”, afirmou.

Os Jogos Olímpicos ainda não acabaram para o skate e muito menos para as skatistas brasileiras que na próxima terça-feira (3) contarão com a presença de Dora Varela, Yndiara Asp e Isadora Pacheco nas disputas do Skate Park com grandes chances de mais medalhas para o país. Contudo, as presenças e apresentações de Rayssa Leal, Leticia Bufoni e Pâmela Rosas no Skate Street já demarcaram um novo momento para as mulheres nesse esporte. Esse espaço de representatividade que surge a partir delas, reforça a esperança de skatistas como Adriana Augusta que esperam, agora, oportunidades em vez de preconceitos e estigmas.

“Certamente, esse é um momento onde ocorre uma abertura de portas muito grande, especialmente por Rayssa que é uma criança e uma menina. Acredito que esse processo rompe com muitos preconceitos, pois chega quebrando essa barreira inicial da infância, afinal, a praça é um espaço público e que deve ser ocupado pela sociedade e, infelizmente, a gente não vê toda a sociedade ocupando. Então, essa presença da Fadinha, estimula os pais a trazerem seus filhos para as pistas e, ao mesmo tempo, abre espaço para as meninas, pois agora tem um espelho e figuras positivas em exposição. Conforme mais meninas forem andando, isso vai se ampliar, então, querendo ou não, Raíssa, Pâmela e Leticia já deixaram evidente que nós também podemos e devemos andar de skate e ocupar esse espaço”, explicou Adriana Augusta.

Adriana Augusta diz que existe muito preconceito em relação às mulheres que praticam no skate



+ Modalidade gera cerca de R\$ 1 bilhão ao ano em negócios

Um dos maiores nomes da história do skate, Tony Hawk, foi perguntado pelo jornalista brasileiro, Paulo Cobos - em uma entrevista há 10 anos atrás -, se o esporte deveria se tornar um esporte olímpico e ele respondeu: “Os Jogos Olímpicos precisam mais do skate do que o skate dos Jogos Olímpicos”. Na época, não havia a definição por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI) sobre inclusão do esporte no programa das Olimpíadas, como ocorreu, pela primeira vez, apenas esse ano. A frase que, na época e, até mesmo hoje, pode parecer pretensiosa, na realidade, se baseia em duas perspectivas. A primeira é que o skate já possui um circuito internacional próprio, grandes marcas envolvidas e

patrocinadores em nível mundial, além de uma legião de fãs e praticantes em escala global, onde, só no Brasil, segundo dados da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), a modalidade gera cerca de R\$ 1 bilhão ao ano em negócios, um cenário muito parecido, por exemplo com o do surf. Portanto, por mais que os Jogos Olímpicos tragam mais visibilidade e um novo público para a modalidade, o skate já era autossuficiente. A segunda questão, é que os Jogos Olímpicos perderam, ao longo do tempo, apelo junto ao público mais jovem e, é aí, de forma muito evidente, que entram o skate, o surf e o BMX nos Jogos Olímpicos, novas modalidades que chegam para modernizar a competição e atrair, especialmente, a geração

Z, formada pelos nascidos a partir dos anos 2000.

Diante desse cenário, para um esporte tão enraizado e com tantos fãs em nível mundial, com estrelas consagradas como os brasileiros Bob Burnquist e Sandro Dias do Skate Vertical, Leticia Bufoni - que esteve presente nos Jogos de Tóquio - na modalidade Street, além de Dora Varela que competirá, na próxima terça-feira na estreia do Skate Park nas Olimpíadas. Sem falar nos agora medalhistas olímpicos Kevin Hoefler e a “fadinha” Rayssa Leal que, aos 13 anos, já acumula, apenas no Instagram, 6,2 milhões de seguidores.

Diante desse cenário, da mesma forma com que recebem, positivamente, esse novo

momento, também há o temor de um ruptura com a cultura de irmandade e amizade presente nesse esporte, algo que, para os seus praticantes é mais relevante do que a competição e o resultado esportivo, marcos do esporte de alto rendimento.

Um exemplo desse espaço de irmandade e ajuda mútua é a história de Matheus Oliveira que se encontrou em João Pessoa, graças ao skate. Hoje, com 28 anos, ele é natural de Boa Vista, em Roraima, mas está radicado em João Pessoa, há 9 anos. A história dele com o esporte começou em 2003, quando tinha 10 anos, mas foi rapidamente interrompida, pois pouco tempo depois, ele precisou vender o skate que tinha, na época, para ajudar a família em um

momento de dificuldade financeira. Depois disso, longos oito anos se passaram até que ele pudesse se mudar para João Pessoa, em 2012. Na capital paraibana, ele conheceu o Skate Plaza, voltou a andar sobre as quatro rodinhas e ganhou uma nova família. Hoje, ele administra um perfil no Instagram, o Plaza Life, cujo foco é promover e gerar conteúdos sobre o skate e a pista do Plaza, em Manáira. “Antes mesmo de vir morar em João Pessoa, eu já tinha ouvido falar da pista do Plaza. Então, quando cheguei na cidade já vim com a ideia de conhecer a pista, quando isso aconteceu, dois meses depois eu já estava montando meu skate para voltar a andar e desde então não parei.”, afirmou Matheus Oliveira.

Olimpíadas de Tóquio têm grande salto tecnológico

Japão oferece ao mundo um cenário inovador, com pistola eletrônica e câmera que tira 10 mil fotos por segundo

Foto: Reprodução/Wikipédia

Paulo Favero e
Raphael Ramos

Agência Estado



O Japão, mais uma vez, está mostrando que está na vanguarda tecnológica. Se em 1964, na Olimpíada também realizada no país, foram utilizadas pela primeira vez na história varas de fibra de vidro mais leves e flexíveis no salto e relógios de quartzo para marcar os tempos das provas, agora apresentam ao mundo o que há de mais inovador principalmente em relação à captação de resultados. O objetivo é que esta Olimpíada marque o início de uma nova era na medição de dados em tempo real e monitoramento de desempenho dos melhores atletas do mundo.

As provas de atletismo ilustram bem a evolução tecnológica que separa as duas olimpíadas disputadas no Japão em um intervalo de quase seis décadas. Em 1964, por exemplo, o tiro de largada era ligado a um relógio de quartzo e a uma câmera fotográfica e, com isso, passou-se a registrar resultados de até 1/100 de segundo, uma precisão inédita até então.

Agora, a empresa Omega exibirá em Tóquio um cronômetro com microcristal embutido, que permite registrar até 1 milionésimo de segundo e variação máxima de apenas um segundo a cada dez milhões de segundos.

A inovação, na verdade, tem início antes mesmo de os atletas começarem a correr. Como o som viaja mais devagar do que a luz e, por vezes, atletas nas raíais mais distantes ouviam a largada depois que os outros competidores, as pistolas tradicionais que marcam o início das provas foram aposentadas. Em Tóquio, serão utilizadas pistolas de partida eletrônica.

O que isso significa? Que a pistola é conectada a alto-falantes instalados atrás de cada competidor. Quando o gatilho é acionado, um som sai neste alto-falante individual e um flash de luz é emitido ao pulso inicial do cronômetro.

Os blocos de partida também

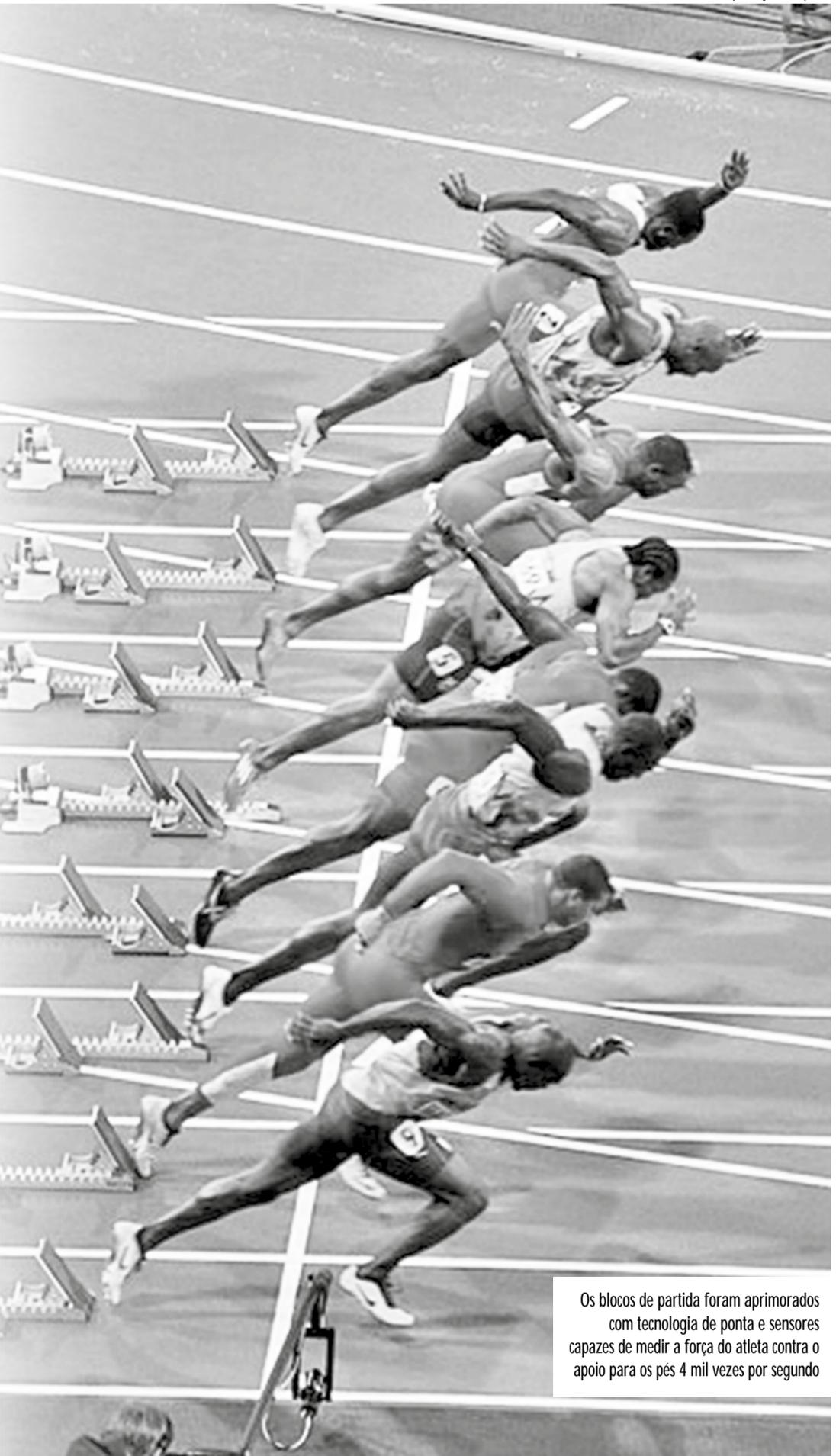
foram aprimorados para essa edição dos Jogos Olímpicos, com tecnologia de ponta e sensores capazes de medir a força do atleta contra o apoio para os pés 4 mil vezes por segundo. Esse inovador sistema de detecção serve para alertar os juízes sobre atletas que “queimam” a largada. Qualquer reação abaixo de 100 milissegundos (um décimo de segundo) é considerada prematura, ou seja, uma partida falsa.

Mas a cereja do bolo é a linha de chegada, onde está instalada uma câmera fotográfica de última geração que grava até 10 mil imagens digitais por segundo. Isso gera uma superfoto composta para que os juízes possam determinar a classificação final e os tempos de cada atleta, principalmente nas chegadas mais acirradas, situação em que o olho humano não consegue determinar com certeza quem saiu com a vitória. Na história olímpica, não são raras as provas definidas no chamado photofinish, principalmente as de velocidade, como os 100 metros. A expectativa, inclusive, é de que a divulgação dessas imagens ao público seja um espetáculo à parte em Tóquio e, ao exibir cada movimento e posicionamento dos corpos dos atletas, possa redefinir a compreensão do esporte aos olhos dos torcedores. “Sempre ficamos surpresos com a forma como as máquinas nas quais trabalhamos geram emoções humanas tão poderosas”, reconheceu o CEO da Omega Timing, Alain Zobrist.

Outros esportes

Não é apenas no atletismo que apresentarão novidades tecnológicas ao público que estiver assistindo às provas em casa. A natação se diferencia em relação aos demais esportes porque nela é o próprio atleta que interrompe a contagem do relógio dentro da água ao tocar o touchpad localizado nas extremidades da piscina. Para quem estiver assistindo pela TV, são colocadas à disposição informações como velocidade dos nadadores e o número de braçadas. Esse ano, a inovação é que, instantaneamente após o nadador terminar a prova, luzes aparecem no bloco de partida. Um único ponto indica o atleta ganhador da medalha de ouro, dois pontos de tamanho médio mostram quem ficou com a prata e três pontos menores de luz alertam o competidor que terminou na terceira colocação.

Há outras inovações. No vôlei de praia, os jogadores têm os saltos, quantidade e altura de cada um, controlados por meio de raio x. Na ginástica, é usada a tecnologia conhecida como Detecção de Postura, que registra os movimentos completos de cada atleta. O sistema também é usado como ferramenta para os juízes darem as suas notas.



Os blocos de partida foram aprimorados com tecnologia de ponta e sensores capazes de medir a força do atleta contra o apoio para os pés 4 mil vezes por segundo

Reconhecimento facial controla o acesso em todas as 40 arenas

Os Jogos de Tóquio são os primeiros na história a usar o reconhecimento facial para controlar o acesso de funcionários, atletas, autoridades e jornalistas em suas mais de 40 arenas espalhadas pelo país. Câmeras de alta definição tiram fotos do rosto de quem tenta entrar nos locais de competição e o sistema verifica se a fotografia faz parte de um banco de dados com 1,6 milhão de imagens cadastradas. Chama atenção o fato de a validação biométrica com

confirmação de identidade de altíssima precisão ser feita em somente 0,3 segundo.

“A tecnologia foi evoluindo, a gente foi junto. Um projeto que já estava ocorrendo em 2016 vai se consolidar agora, com o reconhecimento facial 100% nos aeroportos e acesso a atletas. Então para esta edição da Olimpíada a expectativa é ainda melhor”, explica Fabio Ribeiro, diretor de marketing da Panasonic do Brasil.

Pessoas que não tiverem suas fotos registradas não

têm permissão para entrar nas arenas, mesmo que estejam com crachá ou credencial. O plano inicial previa também a checagem de identidade dos torcedores, mas, por causa da pandemia, o Comitê Organizador vetou a presença de público nas arenas de Tóquio e outras províncias. A liga de futebol japonesa chegou a utilizar câmeras de reconhecimento facial nos estádios para monitorar o comportamento dos torcedores.

A tecnologia ainda é usada

para controlar a disseminação do novo coronavírus durante os Jogos na capital japonesa. Todo credenciado precisa baixar em seu celular um aplicativo no qual, diariamente, registra as suas condições de saúde e relata sintomas como tosse, febre e dores no corpo. Quem estiver com suspeita de covid-19 pode ser impedido de entrar nas arenas após o reconhecimento facial.

Outra novidade nos Jogos de Tóquio será uma roupa exoesqueleto, batizada de Pa-

nasonic Power Assist Suit. Ela será usada por auxiliares no levantamento de pesos, para a montagem dos equipamentos. Com o traje, a coluna dos auxiliares é preservada e evita qualquer tipo de lesão.

Além disso, a empresa investiu também na estrutura dos estádios com telões e equipamentos de áudio e segurança, além dos projetores que fizeram o espetáculo da Cerimônia de Abertura e também fará na de Encerramento dos Jogos.

Jucilene estreia amanhã em Tóquio



Foto: Reprodução/Instagram

Paraibana de Taperoá compete no lançamento de dardo, em prova prevista para começar às 21h20

Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians

Iago Sarinho
Agência Estado

Natural de Taperoá, Jucilene Lima fará, amanhã, às 21h20, no Estádio Olímpico de Tóquio, sua primeira aparição em Jogos Olímpicos. Depois de anos enfrentando lesões que a tiraram dos Jogos de Londres (2012) e do Rio de Janeiro (2016), a atleta, dessa vez, conseguiu se manter saudável e, agora, chega em seu melhor momento para disputar, no Japão, a prova do lançamento de dardos, no atletismo, realizando um sonho compartilhado com sua família.

Aos 30 anos, Jucilene é a segunda, de um total de cinco irmãs da família Lima, a obter uma vaga para as Olimpíadas, seguindo os passos de Jailma, que participou dos Jogos de Pequim (2008) e do Rio de Janeiro (2016). No entanto, para chegar nesse estágio, Jucilene teve que conquistar, além de competições como o Sul-Americano Menor, a medalha de prata nos Jogos Mundiais Militares e o bronze no Pan-Americano, inúmeras barreiras, como a distância de casa e as lesões que adiaram em

24ª

é a posição da paraibana no ranking mundial da Federação Internacional de Atletismo

2012 e 2016 o seu sonho olímpico. No ranking mundial da Federação Internacional de Atletismo, ela é a 24ª colocada e o foco inicial na disputa, é avançar até a final olímpica para, a partir disso, poder pensar em brigar por medalha. Na disputa do lançamento de dardos, a líder do ranqueamento mundial é a australiana Kelsey-Lee Barber que é seguida de perto pela alemã Christin Hussong e a chinesa Huihui Lyu. No entanto, não haverá surpresa se o pódio olímpico contar com outras atletas, quem sabe, uma brasileira e paraibana de Taperoá.

“Minha convocação foi através de pontos, pelo ranking mundial, para conseguir isso, eu teria que estar entre as 32 do mundo e consegui. Foi a realização de um sonho, todo atleta sonha ir para as Olimpíadas, pois é o ápice da nossa carreira. No meu caso, em todas as vezes em que houve Olimpíada e que eu estava com chances de vaga, infelizmente, estive lesionada, mas, agora, deu tudo certo. Meu objetivo é lançar bem e ir para a final, na final tudo pode acontecer”, explicou Jucilene.

A prova considerada uma das mais difíceis do calendário olímpico dentro do atletismo, ainda conta com mais uma brasileira, a experiente Laila Ferrer e Silva, de 39 anos.



Brasileirão tem clássico Corinthians x Flamengo na Arena Neo Química

Em partida válida pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro, o Corinthians recebe o Flamengo, hoje, às 16h, na Arena Neo Química Arena, em São Paulo. O time paulista vem de uma vitória de 2 a 1 sobre o Cuiabá, enquanto o seu adversário goleou o São Paulo por 5 a 1. O último confronto entre Corinthians e Flamengo no mesmo local aconteceu em 20 de outubro de 2020. Na ocasião, o Timão foi goleado por 5 a 1, com gols rubro-negros de Everton Ribeiro, Nathan, Vitorino, Bruno Henrique e Diego, descontando Gil. A rodada deste domingo ainda prevê os jogos Atlético-MG x Athletico-PR, Bahia x Sport, Chapecoense x Santos, Ceará x Fortaleza e Atlético-Go x América-MG

Artigo

Célia Chaves
Colunista colaborador

Saúde mental sobe ao pódio

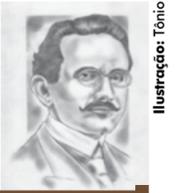
Aos 24 anos, a ginasta norte-americana Simone Biles deu demonstrações efusivas de coragem, humildade e amor a si própria. Ao dizer não às competições da última quinta-feira, ela subiu a um outro pódio, onde somente os gigantes conseguem alcançar. A atleta mostrou que a preservação da saúde mental vale mais que ouro. Jovem, porém experiente e detentora de resultados incríveis, soube se posicionar e pronunciar palavra curta e forte, essencial à vida de qualquer pessoa. Sim, uma esportista de alto

nível, cotada para ganhar nada menos que oito medalhas, nos jogos de Tóquio, também é ser humano, que carrega sangue nas veias. Traz consigo fortalezas e fragilidades, além de um oceano de pressões, como revelou em recente entrevista. A campeã olímpica chegou com todos holofotes a postos, favoritismo de sobra e o mundo sobre as costas. Biles correu para o salto, rodopiou bem alto, igual estrela, mas pecou na aterrissagem. A nota fugiu dos padrões que o alçaram ao topo. São mais de trinta medalhas em

Mundiais e Olimpíadas. Quatro ouros somente na Rio 2016. Tudo parecia perfeito, em meio à trajetória de conquistas e fama. E em 2021 não poderia ser diferente, “a menos que uma lesão grave a impedisse de competir”, como já começam a reverberar nas redes sociais, de forma superficial e com profundo desconhecimento de causa, para variar. Somente a estrela dos saltos e movimentos mágicos, sobre barras e tablados, sabe a dor que a aflige, o tamanho da sua ferida, que por vezes faz-se mais dilace-

rante que qualquer lesão física. A doença da alma, de tão silenciosa, maltrata e consome. Ponto para Simone, a quem rendo todas as homenagens, medalhas e méritos. Ela não calou e professou barulho ensurdecido, ao protagonizar movimentos onde a saúde mental também subiu ao pódio, orquestrada por uma verdadeira estrela e grande mulher. Parabéns, Simone!

Célia Chaves (jornalista, graduanda do curso de Psicologia, no Uniesp)



Influência italiana na arquitetura teve continuidade na segunda geração

Novo grupo de arquitetos, que atuou em João Pessoa a partir dos anos de 1950, era diferente daqueles dos anos de 1920

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

No trabalho intitulado 'Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa (1956-1974)', o pesquisador Fúlvio Teixeira descreve que os italianos Pascoal Fiorilo e Hermenegildo di Lascio (1884-1957) chegaram à Paraíba em 1916, contratados para as reformas urbanísticas empreendidas pelo governador Camilo de Holanda (1916-1920) na capital paraibana. No mesmo governo se instalou o italiano Giovanni Gioia, formado em seu país de origem, que permaneceu em João Pessoa até meados dos anos de 1940, quando foi para Campina Grande, onde ficou até sua morte.

Segundo a pesquisa, o novo grupo de arquitetos, que atuou em João Pessoa a partir dos anos de 1950, era diferente daqueles dos anos de 1920, já que não tinha relação direta com o estado ou obras oficiais, ao contrário de seus antecessores que foram convidados pelo governo ou se envolveram em intervenções urbanísticas ou nos edifícios oficiais da época. Os novos profissionais eram nascidos e formados no Brasil e muitos tinham vínculos com a Paraíba (Roberval Guimarães, Mário di Lascio, Carlos Carneiro e Tertuliano Dionísio).

Tal situação era diferente da geração anterior, com vários italianos com formação na Itália (Pascoal Fiorilo e G. Gioia), na França (Otávio Freire) e na Argentina (Hermenegildo di Lascio), o que se deve a origem de alguns deles e ao fato de que, nos anos de 1920, não tinham muitos cursos de Arquitetura no Brasil.

É foi em 1957 que Mário di Lascio se formou em Arquitetura, em Recife (PE). Na época, não havia muitos projetistas em João Pessoa e ele, herdando o espaço profissional do pai já falecido, torna-se responsável por projetos nos bairros próximos ao Parque Solon de Lucena ou da orla da capital. Entre 1957 e 1960, realizou 11 residências: seis no atual Centro e cinco em Tambaú, Cabo Branco e Manaíra.

Na década de 1960, atuou na construção do Clube dos Médicos da Paraíba (1964) e do Jangada Clube (1965). Depois, trabalhou na implantação das sedes da Cagepa (Jaguaripe - ano desconhecido), Divisão de Instalações Prediais da Sanecap (Centro - 1969), Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (Ipep), no Treze de Maio (1973) e do Fórum de João Pessoa (hoje Anexo do Tribunal de Justiça - Fórum Desembargador Arquimedes Souto Maior, na Praça Venâncio Neiva - 1973).



Foto: Gecom-TJPB

Fórum de João Pessoa, hoje um anexo do Tribunal de Justiça da Paraíba, localizado de frente para a Praça Venâncio Neiva, é assinado por Mário di Lascio



Pesquisadora e arquiteta Maria Helena

Edvaldo Lira, coordenador de Assuntos Históricos do Iphaep

Historiador e jornalista José Octávio de Arruda Melo

Tânia Nóbrega, diretora executiva do Iphaep

Chegada dos italianos à Paraíba

É comum destacar a presença dos italianos no início do século XX. Porém, há resquícios de que essa influência seja anterior a esse período. O historiador da Coordenadoria de Assuntos Históricos Culturais (Cahac) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), Edvaldo Lira, aponta que ao pesquisar sobre a imigração europeia para o Brasil, principalmente italiana, é possível concluir que a chegada desse último grupo não foi apenas para trabalhar no estado de São Paulo como é amplamente conhecido.

"Temos um histórico da vinda desse povo para o Nordeste, especificamente Pernambuco e Bahia e se expandindo para Sergipe, Alagoas, Paraíba e Ceará. No nosso caso ocorreu a migração de parte dessa população de Pernambuco (aos poucos) para cá, havendo casos também de imigração da península itálica para nosso estado", explicou.

Ele observa que a chegada de italianos ocorre desde o século XVI, mesmo não sendo um projeto organizado por algum governo europeu. Os imigrantes da península itálica chegaram à Paraíba por volta de 1870/80, no final do século XIX, quando João Pessoa (Parahyba do Norte) possuía cerca de 25 mil habitantes. O auge (migratório e imigratório) no estado e no município foi atingido por volta de 1920, quando a população da cidade era de aproximadamente 52,9 mil habitantes.

O total de italianos na Paraíba em 1920 era de 600 pessoas, enquanto que na Parahyba do Norte eram 207 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Teriam sido pioneiros na Paraíba, segundo José Octávio de Arruda Melo, os migrantes vindos de Pernambuco, Domenico Grisi (conhecido como "O Velho"), que era ourives, e Vincenzo Ferraro (como mestre de obras). Já havia vários momentos de italianos chegando ao Nordeste desde o Segundo Reinado", acrescentou o estudioso.

Diferente dos imigrantes que chegaram em São Paulo, os da Paraíba saíam de regiões mais pobres do sul da Itália, como Potenza e, em menor número, Nápoles e Salerno. "Outra grande diferença dos "nossos" italianos na Paraíba aconteceu na área econômica, sendo a maioria comerciantes e uma parte menor possuía outros ramos de atividade, como alfaiataria e sapataria", descreveu o historiador.

Os imigrantes ou migrantes estavam localizados nos centros mais desenvolvidos, como João Pessoa e Campina Grande. Uma minoria ficou no interior paraibano, em cidades como Bananeiras, Coremas e Pilar. "Em João Pessoa, chegaram a formar verdadeiras colônias em ruas comerciais: Rua da Imperatriz (atual Rua da República), Maciel Pinheiro e Barão do Triunfo (menor número). Essas famílias geralmente moravam em

sobrados, tendo o ofício no térreo e usando o primeiro andar como moradia", detalhou Edvaldo Lira.

Eram lojas de tecidos, perfumes, alfaiataria, sapateiras e outras. Alguns trabalhavam com arte e arquitetura, sendo responsáveis por algumas construções e monumentos pessoenses. "Temos até hoje muitas famílias que descendem dos imigrantes do final do século XIX e início do século XIX: Petrucci, Andrea, Ponzi, Grisi, Lorenzo, Marsicano etc. Esses imigrantes e seus descendentes contribuíram e contribuem muito para o desenvolvimento da Paraíba e de seus principais polos econômicos: João Pessoa e Campina Grande", destaca o historiador.

A participação italiana, porém, não foi restrita aos prédios públicos e privados, pois, conforme a arquiteta Maria Helena, existe a influência desses povos na arquitetura religiosa que chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses. Esses profissionais tiveram contato com os Tratados de Arquitetura (livros produzidos no Renascimento a respeito de como construir) e introduziram elementos, conforme recomendavam essas publicações, nas construções brasileiras. "Uma capela construída em um engenho, perdida no meio do canavial, em Santa Rita, é um exemplo precioso. Além disso, Hermenegildo di Lascio fez o projeto do Orfanato Dom Ulrico e lá dentro tem uma capela", ressalta a estudiosa.

Patrimônio Histórico

O trabalho dos arquitetos italianos na capital paraibana possui, entre as suas construções mais importantes, a Praça da Independência, Academia de Comércio, o Pavilhão do Chá e as casas na Trincadeiras. Esses e outros são reconhecidos como Patrimônio Histórico pelo Iphaep. Conforme a diretora executiva do órgão, Tânia Nóbrega, são imóveis que estão na área de tombamento específico e integram o perímetro do Centro Histórico pessoense.

Todos os processos de intervenção nesses espaços precisam passar primeiro por uma avaliação dos técnicos do Instituto, através do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais (Conpec) para que, depois, a obra seja acompanhada do início ao fim. "O que a população vê hoje, no Pavilhão do Chá, por exemplo, foi conversado com o Iphaep, deliberado pelo Conpec e acompanhado posteriormente na época de execução pelos nossos técnicos. Todos esses imóveis estão na área do Centro Histórico, têm o tombamento individual e todos os processos de intervenção realizados ao longo do tempo foram acompanhados", pontua a gestora.

Após ser avaliado pelo Conpec, as obras só prosseguem se estiverem dentro das normativas do Iphaep para um Centro Histórico. "Esses imóveis são tombados porque estão na área do Centro Histórico. Esse tombamento se deve pela importância histórica, arquitetônica e paisagística deles. Por isso essa proteção", declarou a diretora executiva.

Os espaços são protegidos por decretos individuais de tombamento e estão no Centro Histórico devido a importância paisagística, arquitetônica e histórica. Com isso, qualquer proprietário de imóvel, particular ou das três esferas do estado (municipal, estadual ou federal) caso queiram fazer qualquer modificação devem passar pela aprovação do Conpec e ainda ter a obra acompanhada em todas as suas etapas para que nenhum termo acordado com o Instituto seja descumprido.

"No caso dos imóveis do Centro Histórico que tem um decreto de tombamento exclusivo para eles, qualquer intervenção, de uma pintura, troca de assoalho a uma recuperação maior, passa por um processo", concluiu Tânia Nóbrega.

Otacílio Camelo de Albuquerque

Um polivalente com “sangue” revolucionário

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Neto do jornalista, escritor e revolucionário Antônio Borges da Fonseca, Otacílio Camelo de Albuquerque, além de professor em diversas matérias, também foi médico, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo e ator de teatro. Nasceu em Areia, na Região do Brejo paraibano, distante a 158 quilômetros da capital, João Pessoa, em 21 de fevereiro de 1874. Morreu no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1954, aos 80 anos. Era filho de João Aureliano Carneiro de Albuquerque e Mariana Borges da Fonseca, além de sobrinho do educador, escritor e jornalista Francisco Xavier Júnior, autor do livro 'Lições de Língua Materna', lançado em 1906.

Otacílio se iniciou na docência no colégio do tio Xavier Júnior, aos 17 anos. Inicialmente em Areia, depois no Colégio Paraibano, da capital, muito antes de concluir os cursos preparatórios ao Liceu Paraibano. Sob sua direção, instala em Areia um colégio de instrução primária e secundária, no dia 9 de janeiro de 1892. O anúncio foi publicado no jornal A Verdade, com destaque especial. Pode-se afirmar que ele era, do ponto de vista profissional, um homem polivalente, que, simultaneamente, dominava, ensinava e assimilava um razoável número de atividades, em áreas diferenciadas.

No Liceu paraibano, ensinou Álgebra. Lecionou as cadeiras de História Natural, Física, Química e Higiene na Escola Normal. Seu prestígio e consideração entre os alunos desses educandários durou mais de 30 anos. Convém lembrar que, aos 18 anos, iniciou como jornalista, sendo diretor e redator do jornal A Verdade. De espírito irrequieto, viajou em 1893 para o Rio de Janeiro, onde foi cursar Medicina. Resolveu fazer a difícil viagem de navio, por entender que estudar e trabalhar

numa cidade grande – na época a capital do Brasil – seria uma forma inteligente de conciliar estudo e trabalho.

Para facilitar a estratégia de seus planos, tudo foi pensado com exatidão, embora o dinheiro da passagem tenha sido coletado entre os parentes pobres. Começou a trabalhar no Rio de Janeiro como professor do Colégio Abílio, que também lhe fornecia casa, comida e um minguado ordenado, que mal cobria as passagens de bonde. Nas horas vagas, tentando aumentar seus ganhos, escrevia peças de teatro. Simultaneamente ensinava em colégios particulares e estudava Medicina. As peças teatrais que escreveu em Areia e no Rio de Janeiro foram encenadas com sucesso, na capital federal.

Seus biógrafos contam que, no ano de 1897, obteve seu grande trunfo: voltou ainda estudante de Medicina para se casar em Areia, com Zulmira Ribeiro dos Santos Coelho. Retorna ao Rio de Janeiro. Uma vez formado e com o diploma na mala, volta à cidade natal, onde é reverenciado com uma festa de foguetórios. Estrategicamente é escolhido por Álvaro Machado, então governador da Paraíba, prefeito de Areia. Sua escolha se deu pelo fato de não pertencer aos clãs políticos dos Cunha Lima ou de Semeão Leal, então em luta aberta pela liderança política da área.

Em 1913, manda arrancar a placa de médico de sua porta, por ter sido eleito deputado federal. Logo depois, elegeu-se deputado estadual. Ao exercer a sua verve de poeta, costumava premiar os inimigos com seus sonetos corretos. Até o fim da vida, gostava de ler, preferencialmente, os romances de Eça de Queirós. Ao romper o vínculo político com Epitácio Pessoa, começou a utilizar estrategicamente na política a seção satírica de O Jornal. Era o periódico que, através de suas páginas, atacava os inimigos, juntamente com seu amigo Rodrigues de Carvalho.

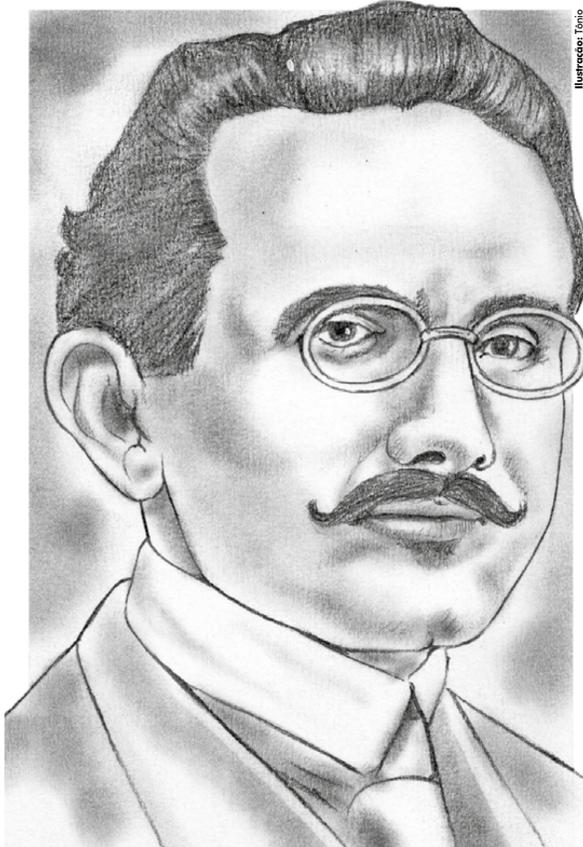


Ilustração: Tônio

Nascido em Areia, Otacílio Camelo de Albuquerque foi médico, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo, ator e político

Pioneiro na intenção de criar o voto secreto nas eleições do país

O pseudônimo predileto que assinava na imprensa era Biête do Macaco. Utilizou linguagem forte no jornal Correio da Manhã, contra José Américo de Almeida. Esse jornal pertencia a Ruy Carneiro, adversário político do autor de 'A Bagaceira'. Diversos biógrafos opinam, em uníssono, que Otacílio Camelo de Albuquerque foi o pioneiro na ideia da implantação do voto secreto no sistema eleitoral brasileiro. Essa intenção, que mais tarde se realizou, foi por ele divulgada na Câmara Federal e na imprensa carioca e paraibana.

De acordo com o 'Pequeno Dicionário de Escritores e Jornalistas da Paraíba do Século XIX – de Antônio Borges da Fonseca a Assis Chateaubriand', Otacílio Camelo de Albuquerque era neto, pelo lado materno, do jornalista, guerrilheiro, revolucionário e proprietário de jornais Antônio Borges da Fonseca, líder da Revolução Praieira de 1848, que eclodiu na Paraíba e em Pernambuco para contestar o absolutismo de Dom Pedro I. Herdeiro desse sangue histórico e rebelde, Otacílio ingressou na política ainda no Primeiro Império e declarou-se abolicionista, sem medo de lutar pela causa republicana na Paraíba.

Depois dessas fases entusiasmadas de arrojo político e patriótico, foi prefeito de Areia entre 1904 e 1908. Exerceu o mesmo cargo em João Pessoa, no período de 1909 a 1912. No cumprimento de seu mandato de deputado estadual foi líder do governo de João Pereira de Castro Pinto (1912-1915) e presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). Com apoio de Epitácio Pessoa, com quem romperia politicamente mais tarde, elegeu-se deputado federal, em 1915. Depois rompeu com o Monsenhor Valfredo Leal, pondo acirrada disputa política entre as facções políticas que ambos lideravam.

Idealista

Otacílio, que era neto de Antônio Borges da Fonseca, líder da Revolução Praieira de 1848, ingressou na política ainda no Primeiro Império

Outras trajetórias do paraibano que chegou ao Senado

Em 1918 é reeleito deputado federal. Em 1921 renova o mandato e ocupa uma cadeira na Câmara dos Deputados, que se prolonga até 1923. Nesse ano, renuncia ao cargo por se eleger senador, na vaga deixada por Pedro da Cunha Pedrosa, nomeado ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). Encerrou o período legislativo em 1923. Mas foi membro da Comissão de Saúde Pública do Senado, no curto período de seu mandato como senador. Volta a atuar com denodo na política paraibana em 1928, fundando o Partido Democrático,

ao lado dos brilhantes advogados João da Mata e Correia Lima, fazendo oposição ao Governo Federal. Nas eleições de março de 1930, quatro meses e meio antes do assassinato de João Pessoa, uniu-se à Aliança Liberal e participou do movimento revolucionário que eclodiu com a morte do estadista, em outubro do mesmo ano, resultando na condução de Getúlio Vargas à Presidência da República. Tornou-se redator dos jornais A União, A Verdade, Libertador, O Norte e Diário do Povo da Paraíba, todos localizados em terras paraibanas.

Colaborou com os periódicos locais O Jornal, Anais do Grêmio dos Hospitais e Correio da Manhã.

Colaborou com o Diário da Manhã (PE). Foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Seu hábito pela leitura o levou a ser um dos assinantes pioneiros do jornal A Folha (RJ), do seu amigo Assis Chateaubriand. Na época, os jornais eram transportados por vapores, entre o Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil que levavam o mínimo de 30 dias para entregar os exemplares de assinantes. No fim da vida, viuvo, morou tempo-

riamente no Paraiba Hotel, fazendo viagens esporádicas entre a Paraíba e o Rio de Janeiro, para visitar os filhos.

Morreu no Bairro de Copacabana, na capital fluminense, onde foi morar com uma filha, se tornando leitor assíduo de O Globo e do Diário de Notícias. Nessa cidade, escreveu um livro de caráter medicinal, intitulado 'Impaludismo'. Ruy Carneiro, de quem se tornou correlligionário após romper com José Américo de Almeida, deu-lhe o nome de um grupo escolar na capital paraibana, ao assumir como interventor do estado na década de 1940.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Histórias de quase ficção que a gente lê nos portais

Você se lembra de estar assistindo a um filme, série ou novela e, de repente, falar alto ou pensar: "Que absurdo! Isso nunca aconteceria de verdade?". Cá entre nós, as notícias cotidianas estão aí para nos mostrar que, sim, a ficção imita a realidade. Se você parar e prestar atenção, todo dia vai encontrar algum fato muito, muito inusitado que foi narrado por algum jornalista.

O olhar preciso para as notícias de

quase ficção que moldam nosso cotidiano foi o que fez a escritora mineira Marcela Dantés lançar o livro 'Nem sinal de asas' (Editora Patuá) criado a partir de uma reportagem que leu no El País Brasil em 2017. Primeiro romance da autora, a obra tem como protagonista uma mulher chamada Anja, que ganha a vida cuidando de idosos e tem um gato chamado Rinoceronte. Trata de solidão, uma "esmagadora solidão", o mesmo sentimento que devem ter as duas mulheres espanholas, Rosario e Amparo, cujo triste fim foi noticiado pelo El País Brasil.

Rosario Outeiro, divorciada, foi encontrada sem vida e "de barriga para baixo" em um aparta-

mento alugado, situado na localidade de Culleredo na Espanha. Nascida em 1961, morreu em casa e seu corpo só foi encontrado pela Guarda Civil cinco anos depois. Passados onze meses, foi a vez de a polícia espanhola descobrir o corpo de Amparo Plaza num bairro de Valência – ela estava morta há cerca de quatro anos.

Ambas morreram de causas naturais e os corpos estavam mumificados (processo gerado pela alquimia entre ação do tempo e ar-condicionado ligado). Rosario foi encontrada no corredor do apartamento; Amparo, na cozinha. Em comum, as duas personagens da vida real também tinham o fato de que, ao longo dos anos, sua morte foi ignorada por todos. Não havia ninguém para sentir falta das duas. Da mesma forma, ocorre com Anja, a protagonista de Marcela Dantés. De sobrenome Santiago, a personagem de 'Nem sinal de asas' também morre sozinha, caída sobre um tapete azul já bem gasto.

Lembrei-me do livro escrito por Marcela Dantés (que ainda não comprei, mas pretendo), ao ler em vários portais nacionais esses dias a história de uma família que alugou uma casa e, meses depois, encontrou uma ossada no jardim, enterrada sob lírios da paz.

Os restos cadavéricos eram da dona

do imóvel, que estava desaparecida desde 2013. O caso ocorreu em Ubatuba, no litoral norte paulista. A mulher encontrada morta, identificada como Luzia na reportagem (nome fictício) também gostava de gatos e vivia solitária. As notícias que li, em um portal e outro, não têm a beleza do relato que encontrei no El País Brasil sobre o livro de Marcela Dantés, mas o fato está aí – e certamente muitos outros – à espera de alguém lhe dê vida em forma de literatura.

Fotografia

Estão abertas, até 22 de agosto de 2021, as inscrições para a 9ª edição da Bolsa de Fotografia Zum/IMS, uma iniciativa da Revista de Fotografia Zum em parceria com o Instituto Moreira Salles. Podem se inscrever artistas e fotógrafos que desejem aprofundar seu trabalho no campo da fotografia, sem restrição de tema. Os avaliadores selecionarão dois projetos, que serão contemplados com uma bolsa de R\$ 65 mil cada. Os critérios para a escolha serão a qualidade artística, a qualificação do candidato e a viabilidade prática do projeto, que terá de ser desenvolvido em até oito meses.

(Fonte: blog Novo em Folha)

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Secos & Molhados

Quem, na passagem dos anos de 1960 para os de 1970, era aficionado pelas duplas, pelos trios ou conjuntos vocálicos, certamente que ouviu falar de Nilo Amaro e os Cantores de Ébano ('Uirapuru, Leva eu Sodade', com a voz do barítono Noriel Vilela); Trio Melodia ('Se seu amor fosse pra mim/For Lovin' Me, de Gordon Lightfoot', com Fredson, Nilton e o barítono Noel, este advindo dos Cantores de Ébano); e, mais adiante, dos sempre festejados Mutantes (1964), com Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee, mergulhando de cabeça no Tropicalismo baiano de Caetano e Gil; de Leno e Lillian (1964), dos primórdios da Jovem Guarda, com 'Pobre Menina', da comunidade formada pelos Novos Baianos (1969), com a irreverência de Moraes Moreira, Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Paulinho Boca de Cantor, Luiz Galvão e Dadi Carvalho; de Sá, Rodrix & Guarabira (1971) com seu rock rural...

É, talvez, em cima desse estilo, que surge, em nosso universo musical, as figuras andróginas dos Secos & Molhados, nome colhido pelo seu criador João Ricardo, que foi buscá-lo, no interior de São Paulo (Ubatuba), numa placa de antiga bodega, mercearia ou equivalente que nada tinham a ver com música. Mas foi a partir daí que, em 1970, teve a ideia de criar um grupo musical, "batizando-o" com o nome que hoje faz parte do nosso consciente musical, um dos mais expressivos dos conjuntos (banda) de que se tem notícia. Nisso foi estimulado por seu pai, o poeta João Apolinário, um dos seus letristas preferidos. Aliás, apesar de nascido

em Portugal (Ponte do Lima, Arcozela, 1949), ainda criança João Ricardo radicou-se no Brasil. Depois de algumas experiências fugazes no início dos anos de 1970, em 1973, nascem os Secos & Molhados, como os conhecemos. É necessário esclarecer que o visual do novo conjunto, inclusive a maneira de postarem-se em palco, causou um grande impacto a partir das primeiras apresentações, mormente em função do momento político que o país vivia. Embora a "estrela" dessas apresentações fosse Ney Matogrosso (Bela Vista – MT, 1941), pela postura e pela voz, creditada-se o mérito do estrondoso sucesso ao criador do grupo, em virtude da ideia do figurino, mas, e, sobretudo, na elaboração do repertório. Evidentemente que Ney, vindo de experiências teatrais e como conhecedor do mundo hippie, como criador e vendedor de produtos artesanais em couro, participante ativo desse movimento, muito contribuiu para a criação do produto final. A junção dos trejeitos à voz diferenciada de soprano fez a grande diferença que arrebatava o público o qual o via pela teve ou nas primeiras apresentações públicas. Aos dois, juntou-se, a convite, Gerson Conrad (São Paulo, 1952). Estava assim formado o grupo Secos & Molhados, como os conhecemos: João Ricardo (vocal, violão e harmônica) é o responsável pelo sucesso de composições, como 'Sangue Latino', 'O Patrão nosso de cada dia', 'O Vira' em que buscou fundir elementos de danças, canções e folclore portugueses e 'Assim assado', em que se verifica uma sutil crítica ao sistema militar vivido na época; com Ney Mato-

grosso, líder e responsável pelo vocal inusitado e pelo visual andrógino; Gerson Conrad (São Paulo, 1952), vocal e violão, mas que também musicou o poema 'Rosa de Hiroshima' (Vinicius de Moraes).

A título de curiosidade, deve-se informar que todo o visual do grupo, de maneira intencional ou não, serviu de modelo ao grupo de hard rock norte-americano (New York) Kiss (Paul Stanley e Gene Simmons), e não o contrário como se alardeava na época.

O estrondoso sucesso veio com apenas dois álbuns gravados ('Secos & Molhados I', 1973, e 'II', 1974), pela antiga Continental que traziam apenas o nome do grupo.

A causa do desfecho inesperado do grupo original, anunciado no dia seguinte ao lançamento do segundo álbum, pegou os fãs de surpresa. O estopim para a separação do grupo, hoje se pode avaliar, teriam sido os tais "foros íntimos" que devem ter passado pelo egocentrismo individual. Na época, Ney declarou, textualmente: "Faz muito tempo que Secos & Molhados virou uma máquina de ganhar dinheiro". Hoje, sabe-se que João Ricardo, como criador do grupo, era detentor da patente... Sob esse aspecto, alguma semelhança com Lennon & McCartney não teria sido mera coincidência?...

Após o desligamento de Ney, João Ricardo fez algumas tentativas de retornar com o seu projeto inicial, chegando a declarar sobre a volta: "Até o Kiss nos imitou. Por que não daríamos

certo outra vez?" Mas, não deu, apesar das várias tentativas e formações, em que gravaram os álbuns 'Secos & Molhados III' (1978), 'Secos & Molhados IV' (1980), 'Ao Vivo no Maracanãzinho' (1980), 'A Volta do Gato Preto' (1988), 'Teatro?', 'Memória Velha' (2000), 'Chato-Boy' (2011) e 'Barulho de Rock & Gesta' (2019).

Gerson Conrad, que não tinha nada a ver com a disputa, ainda gravou três álbuns de relativo sucesso: 'Gerson Conrad & Zezé Motta' (1975), 'Rosto Marcado' (1981) e 'Lago Azul' (2018).

Quando a Ney, ele criou uma "marca registrada" vocal e, gravando um repertório seletivo, continua com brilho próprio. Mas, aí, já será outra estória...

No ano 2000, foi lançado um interessante álbum cover 'Assim Assado', com uma seleção dos primeiros sucessos do grupo, com intérpretes conhecidos, como Nando Reis, Capital Inicial, Eduardo Dusek, Arnaldo Antunes, Pató Fu, Raimundos, Ritchie, mas – que me perdoem! – prefiro as versões originais.



Foto: Revista Trip

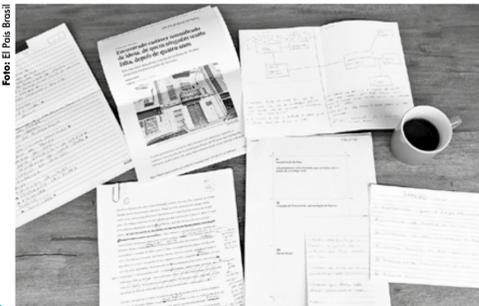


Foto: El País Brasil

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tvê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Você tem medo da concorrência?

Muitas empresas imaginam que o concorrente na sua mesma área de trabalho é um adversário e que você precisa andar alinhado com as mesmas coisas e os mesmos produtos, já que ele estaria tendo um resultado melhor do que o seu.

Na verdade, seu concorrente é seu melhor espelho e aliado ao seu negócio. Isso mesmo o que falei. Parece loucura, mas é a mais pura verdade neste ramo gastronômico.

Vejo e conheço muitas pessoas que não vão nem conhecer o estabelecimento do "concorrente". Mas você tem que conhecer, visitar, comprar, provar... e muitas outras coisas, para identificar onde você está errando e no que ele está acertando muito na sua frente. Na verdade, o erro é seu, seja nos valores, no atendimento, sua rede social que não funciona para atrair, na sua matéria prima de má qualidade, ou você muda muito de fornecedores e isso reflete na sua venda.

É preciso refletir e conhecer o negócio de

seu concorrente ou podemos falar, seu colega. Hoje estamos vivendo um novo momento, que não canso de bater nesta tecla e falar: os amadores e os não profissionais no negócio serão engolidos pelo reflexo da pandemia. Acabou a historinha de tentar ser mais ou menos na empresa. Os clientes estão cada dia mais exigentes e as maiores falhas ainda são no delivery.

Parece até mentira, mas muitas empresas que já estão há anos no mercado, e que passaram pela maior batalha da pandemia no começo, estão perdendo seus clientes por conta de demora e má prestação de serviço do seu entregador, e eles esquecem também que o prestador de entrega leva o nome da empresa. Nunca irão existir desculpas para um cliente por um atraso de um pedido, principalmente colocando a culpa no motoboy, talvez essa seja a maior deficiência para seu concorrente.

Um produto atrasar de cinco a dez

minutos é entendido, mas conheço pessoas, e eu também já passei por isso, de atraso de duas horas. Isso é para nunca mais o cliente querer saber dessa empresa e queimá-la no boca a boca entre grupos de amigos de WhatsApp.

Se você está tendo problemas com seu concorrente mais próximo e não consegue fechar o mês sem ser no vermelho, te dou três dicas: a primeira é conhecer o produto de seu concorrente, depois você vai fazer o pedido no delivery de seu concorrente. Se essas duas dicas que dei você achar que está no mesmo padrão de qualidade, preço, atendimento e entrega.

Então a terceira dica é contratar um consultor gastronômico para descobrir onde você está errando de verdade e não consegue atingir sua meta. Mas para isso você tem que estar preparado não só para ouvir os elogios, mas para receber as críticas e correções por esse profissional contratado.

PRATO DO DIA

Cozido de rabada

INGREDIENTES

- 1 rabo de boi inteiro
- 1 linguiça calabresa grande
- 150ml da tradicional cachaça
- 1 cenoura com casca em cubos
- 2 cebolas em cubos
- 4 tomates maduros
- Salsa
- 150g de carne de sua preferência para o caldo
- 5 dentes de alho
- 1 talo de alho-poró picado grosseiramente
- 2 pimentões cortados grosseiramente
- 4 folhas de louro

- Azeite de oliva
- Manteiga
- Ervas frescas ou desidratadas (alecrim, salsinha e coentro)
- Acompanhada de polenta mole com xerém de milho no caldo da rabada.



Modo de preparo:

- Em uma vasilha coloque o rabo de boi já cortado nas suas juntas e tempere com as ervas, sal, pimenta do reino, alho picado, azeite e 100ml de cachaça. Cubra com papel filme e deixe na geladeira de um dia pro outro, ou por 12 horas, no mínimo.
- Em uma panela de pressão já no dia do cozimento, coloque a rabada com seu líquido e acrescente os tomates cortados em cruz e 500ml de água e deixe cozinhar por 20 minutos, dependendo do seu fogão.
- Em outra panela, você vai colocar a manteiga e o restante dos legumes e verduras, com a carne e três pedaços de linguiça calabresa que irá cortar em cubos médios. Deixe cozinhar até colar no fundo da panela e ficar um pouco preta, em seguida acrescente 200ml de água e comesse a soltar a parte colada do fundo da panela, coloque 50ml da cachaça e desligue o fogo.
- Bata no liquidificador os ingredientes colocados nesta panela sem as carnes e, em seguida, coloque na panela de pressão e cozinhe por mais dez minutos. Em seguida pegue o xerém de milho fino (em algumas regiões é chamado de canjiquinha) e faça a polenta com o caldo da rabada para que fique bem mole. E sirva bem quente!

QUENTINHAS

Meat Up Açougue e Restaurante é uma proposta fora do normal. A experiência que tive lá foi das melhores possíveis. Local que foge do churrasco tradicional e entra no churrasco americano, com um sabor e toque especial e original. Tem personalidade própria e isso é que vai de encontro ao que é fundamental na gastronomia. Um cardápio variado e vale a pena comer um pouco de tudo. Parabéns! Vão conhecer, que garanto que não irão se arrepender. Seu Instagram @meatupbr. Contato (83) 3035-7818.

O trudel é um doce de origem romena, muito popular em todo leste europeu. O doce tornou-se popular em cidades como Praga e Budapeste. Tradicionalmente é uma massa assada no espeto com açúcar e canela, com textura leve, macia e muito saborosa, e que possui diversas opções de recheios! Em cada país, o doce é conhecido por um nome diferente. No Brasil, é conhecido como trudel! A Royal Trudel foi a responsável por levar o doce romeno para a charmosa cidade de Gramado ainda em 2016. Já no ano seguinte, a iguaria foi eleita o melhor doce da cidade e quem visita a não vai embora sem provar o trudel. O Royal Trudel chega em João Pessoa essa semana, no 1º andar do Manaíra Shopping, ao lado da Vivara!

PITADAS A GOSTO

Antes da chegada de imigrantes italianos, já se consumia no Brasil uma forma de polenta de milho denominada angú, que pode ter a consistência de uma polenta firme ou cremosa, mas que nunca era grelhado ou frito. Existe na Ilha da Madeira um prato típico muito parecido, as papas de milho, que é consumido logo depois de cozido, a acompanhar peixe, ou então frito, a acompanhar a espetada madeirense de carne de vaca.

A polenta tem origem na região norte da Itália. Constituía a base alimentar (o prato mais consumido) da população e dos legionários romanos. Era feita principalmente de farinha de aveia, mas podiam ser utilizadas farinhas de outros cereais, como o trigo.

Pouco depois da chegada dos espanhóis ao Caribe, em 1492, o milho foi introduzido na Europa. Na Itália, o milho passou a ser cultivado primariamente no norte, onde as chuvas são abundantes. A partir de então é que a polenta passou a ser feita de farinha de milho.